POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

TOMO I

Antonio Gonçalves Dias

POESIAS

DE

A. GONÇALVES DIAS

QUINTA EDIÇÃO

AUGMENTADA COM MUITAS POESIAS, INCLUSIVE *OS TYMBIRAS*

E CUIDADOSAMENTE REVISTA

PELO Sr Dr J. M.

PRECEDIDA DA BIOGRAPHIA DO AUTOR

PELO

Sr. CONEGO Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO

TOMO I

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO DO BRAZIL

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO

14, RUA DE L'ABBAYE, 14

NOTICIA

SOBRE A VIDA E OBRAS D'ANTONIO GONÇALVES DIAS

On doit la vérité aux morts...
BOSSUET, *Oraisons funèbres*.

Raiou para Gonçalves Dias o sol da posteridade : cessárão os epinicios e tambem os vetuperios. É um nome historico, uma das maiores glorias da nossa nascente litteratura. *Sine ira et studio*, na expressão do grande annalista romano, emprehendemos esboçar-lhe a biographia e emittir perfunctorio juizo sobre suas principaes obras : possa o nosso trabalho merecer a acceitação do publico.

Dez dias se tinhão apenas passado desde que a antiga villa, e hoje cidade de Caxias, abrira suas portas ás forças independentes, ao mando do capitão-mór Filgueiras, quando n'uma humilde choupana do sitio denominado Boa-Vista, terras da fazenda de Jatobá, nasceu o inspirado poeta, cuja prematura morte ainda hoje pranteão as lettras brazilicas [1].

Foi seu pai o negociante portuguez João Manuel Gonçalves Dias e sua mãi Vicencia Mendes Pereira. Bafejou-lhe a adversi-

[1] No dia 10 de Agosto de 1823.

dade o berço, porquanto havendo-se tornado seu pai suspeito de sympathisar com a causa defendida pelo sargento-mór Tidié, teve de foragir-se, temeroso das represalias e mesquinhas vinganças que a plebe sóe exercer em taes occasiões.

Não se julgando ainda assás seguro na solidão de Jatobá, resolveu João Manuel embarcar-se occultamente para Portugal, onde foi esperar que os animos se aplacassem e á seu salvo pódesse regressar ao paiz que como segunda patria amava.

Longe das paternaes vistas creou-se a meninice do futuro poeta, que bem cedo trovou intimas relações com a pobreza, felizmente supportada nessa quadra da vida em que os risos estancão as lagrimas.

Quando as circumstancias politicas da provincia do Maranhão permittírão a João Manuel volver ao seu antigo trafego, chamou elle para sua companhia o menino Antonio, e, mal sondando-lhe a vocação, destinou-o á carreira mercantil.

Ahi deu elle provas de summa perspicacia e revelou tão singulares disposições para as lettras, que, por solicitações d'amigos e parentes, foi mandado á aula do professor Ricardo João Sabino, que iniciou-o nos rudimentos das linguas latina e franceza.

Adquirida a somma de conhecimentos indispensaveis para matricular-se en estudos superiores, partiu em companhia do seu extremoso pai para a cidade de S. Luiz, capital da provincia (em 1837), d'onde não tardou a trasladar-se para Portugal, onde João Manuel ia buscar cura, ou pelo menos allivio, aos seus padecimentos pulmonares.

Não lhe valeu porém tal sacrificio, pois que a 13 de Junho d'esse mesmo anno exhalava o ultimo alento nos braços de seu carinhoso filho, que referindo-se a esse tremendo lance assim se espressava alguns annos depois :

> Escutei suas ultimas palavras
> Repassado de dor! Junto ao seu leito
> De joelhos em lagrimas banhado
> Recebi seus ultimos suspiros :
> E a luz funerea e triste que lançavão
> Seus olhos turvos ao partir da vida

De pallido clarão cobriu meu rosto;
No meu amargo pranto reflectindo
O cansado porvir que me aguardava [1].

Semelhante infortunio teria mangrado o ridente porvir do esperançoso mancebo, si não lhe viesse em auxilio a munificencia de sua madrasta, que facultou-lhe os meios de poder proseguir em seus estudos, recusando generosamente os subsidios que varias pessoas havião offerecido.

Ignaro da sorte que o aguardava, havia voltado ao Maranhão, d'onde teve de volver a Portugal a 15 de Maio de 1838, em companhia do abastado capitalista Bernardo de Castro e Silva.

Quanto lhe foi penosa essa nova separação dos entes que lhe erão mais caros, exprimiu-o elle nos seguintes melancolicos versos:

Parti dizendo adeus á minha infancia
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros
Que eu já no berço conheci — áquelles
De quem máo grado a ausencia, o tempo, a morte
E a incertesa cruel do meu destino,
Não me posso lembrar sem ter saudades
Sem que aos meus olhos lagrimas dispartem
Parti, sulquei as vagas do oceano;
Nas horas melancolicas da tarde
Volvendo atrás o coração e o rosto,
Onde o sul, onde a esp'rança me ficava;
Misturei meus tristissimos gemidos
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias [2].

Mas porque encaminhava-se Gonçalves Dias a Portugal, porque ia frequentar a universidade de Coimbra quando já nessa epocha funccionava o curso juridico d'Olinda, onde com maior facilidade, e quiçá con menor despesa poderia alcançar a laurea academica que ambicionava? Peçamos a um dos seus mais esmerados biographos, o senhor doutor Antonio Henrique Leal, que nos ministre o fio conductor, a chave d'esse enigma:

[1] *Ultimos cantos.* — SAUDADES. — Á MINHA IRMÃ
[2] *Ulimos cantos.* — SAUDADES.

« Era a universidade de Coimbra, antes das faceis e rapidas communicações estabelecidas pelos paquetes á vapor entre esta e as provincias, em cujas capitaes se achão as nossas faculdades scientificas, o centro quasi exclusivo para onde convergião os Maranhenses que aspiravão a carreira das sciencias, obtendo os mais intelligentes grande proveito d'uma tal frequencia ; por isso que recebião na convivencia e nas palestras dos collegas e professores das diversas materias, que alli se lião, maior somma de conhecimentos e robustecião-se nas que erão proprias de seus estudos, e nas humanidades, ou preparatorios, que são as verdadeiras e solidas bases dos que se presão de saber, principalmente a lingua patria, em que sempre timbrou a mocidade maranhense ; e é ao que se attribue o gosto que tem os filhos d'esta provincia pela leitura dos classicos, tão enthusiasticamente manuseados e aproveitados pelo illustre interprete de Virgilio, Manuel Odorico Mendez, e por aquelles que, como João Francisco Lisboa e o senhor Francisco Sotero dos Reis, mais de perto os conversavão : e si da universidade colhião os estudiosos uteis fructos, não menos deliciosos e sasonados obtinhão de Coimbra os predilectos das musas [1]. »

N'aula de latim, do então *Collegio das Artes* [2], regida pelo abalisado Luiz Ignacio Ferreira, adquiriu Gonçalves Dias fóros d'eximio estudante, merecendo que seus condiscipulos o denominassem : *d'esperançoso menino do Maranhão.*

No meio dos seus triumphos escolares, sobreveio-lhe grande desgraça, a interrupção da mesada que lhe fazia sua bondadosa madrasta, em consequencia dos prejuizos que soffrèra com a guerra civil do Maranhão, conhecida pela *Bolaiada.* Vendo-se de novo baldo de recursos, tomou o caminho de Figueira afim de implorar do prestante varão que o acompanhára em sua ultima viagem, os meios indispensaveis para regressar á patria.

Conhecida essa intenção d'alguns estudantes brazileiros, assentarão oppòr-lhes seu *veto*, e fazendo *bolsa commum*, ministrarem ao talentoso mancebo os recursos que lhe faltavão.

[1] *Biographia d'Antonio Gonçalves Dias*, precedendo a edição das Obras posthumas do mesmo poeta, pag. XXXV e XXXVI.

[2] Hoje convertido em Lyceu.

Coube a João Duarte Lisboa Serra a iniciativa de tão noble ideia, sendo calorosamente apoiado pelos senhores Alexandro Theophilo de Carvalho Leal, Joaquim Pereira Lopez, José Hermenigildo Xavier de Moraes.

Os sentimentos pundonorosos do joven poeta, impellirão-no a recusar a acceitação de semelhante beneficio; tendo porém de render-se ante as solicitações tão instantes quão despretenciosas.

Lançando um olhar retrospectivo sobre sua vida d'estudante servia-se d'estas magoadas expressões:

« Triste foi a minha vida de Coimbra, que é triste viver fóra da patria, subir degráos alheios, e por esmola sentar-se á mesa estranha. Essa mesa era de bons e fieis amigos, embora! O pão era alheio, era o pão da piedade, era a sorte do mendigo[1]. »

Comendo d'amigos para apropriar-nos d'uma locução de Diego do Couto, fallando de Camões, transpoz Gonçalves Dias os umbraes dos estudos preparatorios e matriculou-se no curso juridico.

« Operario da intelligencia (diz o sempre citado senhor doutor A. N. Leal), nunca mediu o estudo pelo tempo; largava os livros das mãos só de puro cansaço. Magnifico exemplo para a nossa mocidade que fia a cultura do espirito mais da agudeza ingenita com que o dotou a Providencia, do que do estudo e do trabalho paciente, consciencioso e de todos os instantes! É a intelligencia como a terra, produz rica mésse de fructos, porém sómente depois de infundir-se-lhe nella muito capital e muito suor. Facilmente conquistou o nosso poeta um dos primeiros lugares entre os mais distinctos condiscipulos, a par de Bruschy, de Cardoso Avelino, Salguein, Couto Montein, Beça Correia, Pedroso, Pinto e Nobrega. »

Não era porém só na sciencia de Paschoal de Mello que primava o nosso conterraneo; a litteratura servia-lhe de jardim onde plantava e colhia as mais mimosas e fragrantes flores. Assim, quando Serpa Pimentel[2] fez surgir em 1838 o theatro academico, e quando dois annos depois fundou uma revista[3], contou-se Gon-

[1] Carta ao Sr Dr Theophilo citada na biographia do Sr Dr Leal.
[2] Actualmente visconde de Gouvea.
[3] A *Chronica litteraria.*

çalves Dias entre os mais esforçados lidadores que tão alto levantárão os pendões do romantismo, e com tanta galhardia continuárão a obra da regeneração litteraria emprehendida por Garrett, Herculano e Castilho.

Por um bem entendido patriotismo entendeu que as primicias do seu éstro deverão pertencer á patria, e só á muito custo consentiu na publicação d'uma poesia intitulada : *A Innocencia*[1] ; recitada n'um festim campestre dado pelos estudantes brazileiros ao chegar a Coimbra a noticia da maioridade do senhor dom Pedro II.

Tocava á méta de suas aspirações academicas, não tardaria a ver cingida a fronte da laurea doutoral, quando sagrados e imperiosos deveres de familia levarão-no a serra do Gerez, impedindo-lhe o complemento d'essas mesmas aspirações. Já era porém bacharel em sciencias juridicas, e satisfazendo-se com esse modesto gráo deliberou volver aos seus lares, indo exercer a nobre profissão d'advogado em Caxias (em 1845).

Curta e attribulada foi sua residencia nessa cidade, e por experiencia propria convenceu-se de que para talentos da ordem do seu é por demais acanhado o scenario da vida de provincia, e que mais altos destinos o chamavão algures.

Foi no anno de 1846 que pela primeira vez avistou o *Pão d'assucar* que devera depois celebrar na bellissima allegoria do *Gigante de Pedra*. Nesse mesmo anno deu ao prelo os seus *Primeiros Cantos* que lhe valerão honroso e justo louvor d'um dos maiores sabedores de nosso idioma:

« Merecer a critica d'Alexandro Herculano (diz elle no prologo da segunda edição d'esses cantos) já eu consideraria como bastante honrado para mim ; uma simples menção do meu primeiro volume rubricada com o seu nome, desejava-o de certo, mas espera-lo seria de minha parte demasiada vaidade. »

De certo quem conhecer a parcimonia com que o eminente historiador profere seus alvidramentos, convencer-se-ha que grande somma de merecimentos descobríra elle nos primeiros harpejos d'essa musa juvenil.

[1] Esta poesia foi impressa no 1° numero do *Trovador*.

Saúdada como um verdadeiro acontecimento a publicação d'esse livro, e desde logo destinada a marcar uma epocha em nossa historia litteraria, foi seu auctor alvo d'innumeras attenções e obsequios.

Em quanto enebriavão-lhe os perfumes encomiasticos sentia rasgar-lhe as carnes os acerados espinhos da pobreza, e foi talvez com referencia a essa quadra da sua tão dramatica existencia que dizia elle num dos seus mais lindos sonetos :

> Pensas tu, bella Armia, que os poetas
> Vivem d'ar, de perfumes, d'ambrosia,
> Que vagando por mares de harmonia,
> São melhores que as proprias barboletas ?

No profundo estudo que do latim fizera, encontrou meios de subsistencia, e por espaço de quatro annos exerceu com notavel aptidão o magisterio d'essa lingua no Lyceu Provincial que então existia na cidade de Nictheroy.

Os curtos lazeres que lhe deixava o fiel e exacto cumprimento de seus deveres, consagrava-os elle ao ameno tracto das musas, dando á estampa en 1847 o melhor de seus dramas intitulado *Leonor de Mendonça*, e no anno seguinte as *Sextilhas de frei Antão*, monumento d'erudicção philologica.

Bem curioso é o historico d'essas *Sextilhas*, e seja o senhor doutor Leal quem no lo trasmitta :

« Apresentára Gonçalves Dias ao exame e critica do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro outro drama, *Beatriz de Cenci*, sem nome d'auctor e por lettra estranha. Desfechárão os censores os mais desapiedados golpes contra o pobre escripto desapadrinhado, e o reprovárão, assacando-lhe primeiramente *erros crassos de linguagem*, e isto num *portuguez de contrabando*. O poeta, que sabia e manejava a lingua como mestre, sentiu-se d'affronta ; e jurando para si tomar vingança dos censores, compoz as *sextillas de frei Antão*, provando d'est'arte, que além d'escrever como Castilho Herculano, quando queria tambem o fazia n'uma linguagem particular e privativa d'uma epocha determinada. Foi nobre o desforço, e a resposta cabal e satisfactoria ! »

Rompêra o nome de Gonçalves Dias o nevoeiro que sóe obumbrar ainda os mais esperançosos talentos, começava a ser reconhecida e apreciada a sua mestria e o collegio de Pedro II ambicionou-o para seu professor, confiando-lhe as cadeiras de latinidade e historia patria. Nesse estabelecimento normal deixou elle bem gratas recordações, e muitos dos que tiverão a fortuna d'ouvir-lhe as lições, commemorão saudosos os arroubos d'eloquencia que lhe manava dos labios quando o assumpto lh'o permittia.

Do onus professoral distrahiu-o o governo imperial em 1851, confiando-lhe a importantissima missão d'estudar practicamente o estado da instrucção publica em varias provincias do norte indicando ao mesmo tempo os meios conducentes a melhora-la. Recommendava-lhe outrosim o mesmo governo que colligisse nos archivos publicos e particulares quaesquer documentos uteis á nossa historia no periodo anterior á independencia. Do modo porque desempenhou tal incumbencia, pódem servir d'abono os relatorios que por essa occasião escreveu e que nos consta jazerem desprezados na secretaria da imperio, e as noticias e apontamentos exarados nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*.

De volta de sua excursão ao norte do imperio, foi despachado official da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros (em 1852); e nesse mesmo anno contrahiu matrimonio com a senhora D. Olympia da Costa, filha do estimavel e venerando D. Claudio Luiz da Costa. Desse matrimonio resultou apenas uma menina que falleceu em tenra idade.

Por tão bem servido se dera o governo imperial com o desempenho da tarefa encarregada a Gonçalves Dias, que confiou-lhe outra identica ampliando-lhe as proporções. Em 1855 partia elle para a Europa incumbido d'estudar nos principaes paizes d'essa região os methodos mais seguidos e melhor adoptaveis ás nossas circumstancias locaes.

Escolhendo Portugal para começo de suas pesquizas, aproveitou utilmente sua estada na antiga metropole afim de manusear curiosamente os archivos de Lisboa, Porto, Coimbra e Evora, extrahendo copias e apontamentos de tudo o que de mais interessante offerecião para a nossa historia colonial.

Reservando para mais tarde ulteriores indagações deixou a patria de seus maiores para percorrer successivamente França, Inglaterra e Allemanha, examinando com esmero todos os estabelecimentos d'educação e instrucção, e remettendo minuciosos e lucidos relatorios que parece tiverão a sorte dos primeiros.

Achando-se em Leipzig proporcionou-se-lhe ensejo d'entreter amigaveis relações com o muito conceituado livreiro Brockhaus, que suggiriu-lhe a ideia d'uma edição de seus *Cantos*, que forão dados a lume com o titulo de *Primeiros, segundos e ultimos Cantos*. Por esse mesmo tempo (1857) confiou aos typos o seu *Diccionario da lingua Tupy, chamada lingua geral dos Indigenas do Brazil*; e os quatro primeiros cantos d'uma epopéa americana denominada : *Os Tymbiras*.

Regressando ao Rio de Janeiro, não encontrou ahi o repouso de que tanto necessitava mas sim novo appello no seu nunca desmentido patriotismo. Por indicação do Instituto Historico e Geographico, resolvêra o então ministro do imperio Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz (hoje barão do Bom Retiro), nomear uma commissão scientifica afim d'explorar e catalogar as riquezas que com tão prodiga mão doou a Providencia a este uberrimo sólo.

Dividida em cinco secções coube a d'ethnographia ao nosso poeta, que na composição do seu *Diccionario da lingua Tupy*, tão amplos conhecimentos revelára na sciencia dos Montoyas e Figueiras. A coordinação e redacção da viagem ficarão tambem á cargo do mesmo individuo.

Não nos pertence averiguar as causas que fizerão mallograr essa generosa tentativa de proseguir nas investigações scientificas dos Ferreiras, Camaras, Bettencourts, Coutos, Feijós e alguns outros benemeritos brazileiros, que, ainda sob o regimen colonial, inventariárão nossos naturaes thesouros.

Deixando a provincia do Ceará, escolhida pela commissão como base de suas operações, fez Gonçalves Dias uma curta visita aos seus amigos do Maranhão (em fins do anno de 1860) dirigindo-se d'ahi ás duas mais septentrionaes provincias do imperio. Nas margens do caudaloso Amazonas, pensava elle encontrar a solução dos grandes problemas ethnographicos e linguisticos

que tanto tem preoccupado os sabios do antigo e novo continente.

Nessas pesquizas consumiu cerca de seis mezes, e ao cabo d'esse tempo achou-se com a saúde tão deteriorada, que forçoso lhe foi tomar o caminho do Rio de Janeiro, onde aportou em principios do anno de 1862.

Por tal forma se aggravárão seus chronicos padecimentos hepathicos e pulmonares, que, por conselho dos medicos, resolveu-se a tornar a Europa, abandonando a ideia que a principio concebêra d'esperar dos patrios ares a recuperação de sua saúde.

Na travessia de Pernambuco para o Havre, a bordo do navio francez *Condé*, occorreu uma circumstancia que proporcionou-lhe o invejavel prazer d'ouvir na propria vida o juizo que a nosso respeito terá d'emittir a posteridade.

Foi o caso que, havendo fallecido no referido navio um passageiro, divulgou-se logo a noticia que fôra elle, o illustre poeta brazileiro, que tão gravemente enfermo se embarcára. A empensa dos paizes que fallão o idioma portuguez, prânteou-lhe a morte sem distincção de matizes politicos : o Instituto Historico suspendeu a sua sessão ao saber de tão lamentavel occurrencia ; na capital e nas demais cidades e povoações do imperio, celebrarão-se missas e officios funebres, e a familia do poeta cubriu-se de pesado lucto. Não tardou em ser desmentida a infausta nova por cartas do proprio Dias, que soube tirar partido da eventualidade para chistosas facecias.

Momentanea foi porém a satisfação dos seus amigos e admiradores : progredia a fatal molestia frustrando a sciencia e solicitude dos mais abalisados médicos. Debalde mudava de clima, a morte seguia-lhe as pégadas, semelhante ao animal que a ligeira seta de destro indio feriu em sua vertiginosa carreira.

Um como sinistro presentimento advertia-o de seu proximo e tragico fim. Poucos dias antes de deixar as plagas européas, endereçou elle estas linhas ao seu particularissimo amigo o senhor doutor Leal.

« Amigo Antonio Henriques : — Persuadido que uma longa viagem por mar me ha de ser d'algum proveito, resolvi-me a seguir para o Maranhão pelo Havre. Dizem-me que ha um navio

a sahir no dia 10 do corrente (setembro de 1864); si ha, vou nelle. Em principios d'outubro devo lá estar, *si não ficar no mar...*

« No caso d'alguma catastrophe, *quod absit*, os retratos ficão para a bibliotheca. Os manuscriptos (copias) manda para o Instituto.

« Tenho, não sei porque, ainda esperanças que a viagem me fará bem, mas quando mesmo me não dê mal, e muito mal, é mais que provavel que tenha ainda o prazer de te dar um abraço.

« Adeus. Lembranças a Theophilo, Rego, Pedro, e mil saudades do teu do coração, — GONÇALVES DIAS. »

Firme no proposito annunciado embarcou-se a 14 d'esse mez e anno na barca *Ville de Boulogne*, com destino ao Maranhão, e quando soffregos aguardavão-lhe a vinda amigos, parentes e affeiçoados, soou a luctuosa noticia de sua morte occorrida no naufragio da mencionada barca.

Eis como narrou essa catastrophe o correspondente do *Correio Mercantil do Rio do Janeiro :*

« Começarei esta missiva por uma noticia tristissima : o doutor A. Gonçalves Dias, morreu no dia 3 do corrente (novembro de 1864) em o naufragio da barca franceza *Ville de Boulogne*, nas immediações do pharol d'Itacolomy.

« Vinha o navio com quarenta e tantos a cincoenta dias de viagem do Havre, onde o illustre poeta embarcou, persuadido de que um longo trajecto maritimo lhe havia de fazer bem, e desejava melhorar, ou morrer e ser enterrado na terra do seu berço. Lá em cima, estava previsto o contrario.

« O poeta peorou consideravelmente na viagem. Contão as pessoas da tripulação da barca, que alguns dias antes do naufragio, já o doente não se podia levantar, nem tomar alimento. Fumou charutos até quanto poude, e quando nem isso mesmo lhe foi mais possivel fazer, dizem que pedia á alguem que fumasse a seu lado e lhe soprasse á boca o fumo. Estava sem carnes, sem voz, sem vida.

« O capitão da barca, affirma que, quando o navio bateu no baixios, já Gonçalves Dias tinha morrido [1]. Acredita-se, porém,

[1] N'uma noticia publicada no *Jornal do Recife* lê-se « que logo o na-

que estando o illustre poeta á morte, a trepulação o abandonou, deixando-o encerrado no camarote, do qual não podia sahir por lhe faltarem as precisas forças. Veja que morte afflicta e angustiada estava á espera do desditoso poeta !

« Achava-se o navio a umas oito legoas do porto da capital.

« Dizem os practicos da barra, e consta que o naufragio parece ter sido intencional, porque no lugar em que elle se deu, só bate o navio que quer bater. Combina-se isto com a noticia de que o capitão não quiz receber no Havre passageiro algum, admittindo o doutor Gonçalves Dias, depois de muitas instancias, persuadido naturalmente de que o passageiro, gravemente enfermo, não aguentaria a viagem.

« Logo que se soube do naufragio, sua Excellencia o senhor Presidente da Provincia, o senhor doutor Chefe de policia interino, tomarão e expedirão todas as providencias, recommendando muito a procura do cadaver, e dos bahús pertencentes á bagagem do illustre poeta. O segundo, d'accordo com o primeiro, offereceu um premio á pessoa que encontrasse o corpo. Outro premio e para o mesmo fim foi offerecido por varios amigos do doutor Dias, em cujo numero se conta o doutor Antonio Henriques Leal[1]. »

Alludindo ao mallogro de suas tentativas assim se exprime o referido senhor doutor Leal :

« Por mais diligencias que empregámos os amigos e admiradores do poeta, não conseguimos descobrir o cadaver de quem, para dobrado infortunio, não chegou a dar o ultimo alento nos braços d'amizade, ou logrou que seus restos repousassem na terra da patria, e nem se quer temos podido obter até hoje (Janeiro de 1868) os escriptos que consigo trazia, e que parão, segundo estou convencido, na cidade d'Alcantara em poder de quem pretende, talvez, um dia aproveitar-se com elles[2]. »

Apagada a ultima scintilha da esperança d'encerrar os restos

vio bateu e o capitão o viu perdido correu a camara para ir buscar o Dr Dias, porém o mastro grande da embarcação, que o choque derribára, cahindo desgraçadamente sobre a camara esmagára o infeliz poeta dentro do camarote em que estava deitado. »

[1] O premio offerecido pelo governo montava em trezentos mil reis, e o dos amigos do poeta num conto de reis.

[2] Prologo das *Obras posthumas* d'A. Gonçalves Dias.

mortaes do festejado poeta em modesto e decente jazigo, voltárão-se as vistas dos amigos para a ideia da erecção d'uma estatua que transmittisse aos posteros seu glorioso nome. Abraçada com enthusiasmo essa ideia tem sido sua realisação apenas retardada pelas criticas circumstancias do paiz, e tambem pela grave enfermidade que accommetteu a um dos seus principaes promotores, o senhor doutor Antonio Henriques Leal.

Gonçalves Dias é inquestionavelmente o nosso primeiro poeta lyrico : nenhum melhor de que elle compehendeu e executou as leis d'esse difficilimo genero de composição. A bella alma do poeta espelha-se em seus inspirados carmens, e jamais deixou de revelar nelles os generosos impulsos que o guiavão. Como os peixes nadão, os passaros voão, os animaes andão ou correm, assim poetava G. Dias, satisfazendo a uma imperiosa necessidade do seu organismo, isto sem o menor calculo, sem a minima ostentação.

Eis como o apreciava um estimado critico contemporaneo :

« Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Poesias Americanas*, avantajou-se aos seus predecessores, deixando ficar atrás de si o proprio Araujo Porto Alegre, que, em suas *Brazilianas* lhe mostrára o caminho que cumpria seguir. Não satisfeito de descrever *subjectivamente* a impressão que lhe causavão as particularidades da natureza e dos costumes brazileiros, elle conseguiu identificar-se *objectivamente* com as ideias e as espressões dos indigenas. Tão depressa o vemos como um vate indiano (*piaga*, *ou payé*) explicar ou conjurar as visões, tão depressa entoar canticos guerreiros, como cantar sacrificios, e combates sanguinolentos. Ora chorar como um *marabá*, os destinos d'essa raça mestiça, desprezada pelos indigenas, ora transformado em menino indio fallar dos encantos da *mãi d'agua*, que, semelhante as sereias, o attrae para seu leito humido. Em uma palavra, Gonçalves Dias aproxima-se da *ballada* ; acha-se no melhor caminho para crear uma poesia verdadeiramente *nacional* e revestida de forma apropriada ao gosto do nosso tempo. Não é pois para admirar que as suas *Poesias Americanas* tenhão adquirido no Brazil uma grande popularidade. [1] »

[1] O senhor Fernando Wolf na sua obra intitulada : *Brésil littéraire.*

Não foi só no Brazil que as *Poesias Americanas* grangearão subidos louvores ao nosso auctor : o vulto mais proeminente de litteratura portugueza contemporanea assim se expressou n'outro escripto justamente celebre [1].

« Quizera que as *Poesias Americanas*, que são como o portico do edificio [2] occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha, por via de regra, demasiadas reminiscencias da Europa. Esse novo mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assás rico para imperar e nutrir os poetas que crescerem á sombra de suas selvas primitivas. »

Cedendo a taes conselhos e exhortações, consagrou-se Gonçalves Dias ao estudo da theogonia dos nossos indigenas, pesquizou-lhes as crenças e usanças, e nesse ponto levou as lampas (como muito bem observa Wolf) ao proprio senhor Porto-Alegre, *que lhe mostrára o caminho*. No colorido porém dos quadros, na plastica representação da esplendida naturaleza tropical ficou muito abaixo de seu émulo.

Seguindo a trilha dos senhores Magalhães e Porto Alegre, logrou Gonçalves Dias desd'a sua primeira apparição no scenario da litteratura nacional, ser contemplado entre seus principaes chefes, excedendo-lhes ainda em popularidade. A razão d'essa sobreexcellencia cumpre buscar no fanatismo com que a juventude segue todas as innovações, e nessa especie de *feitiço* operado pelo vocabulario indigena que o poeta naturalisou em seus Cantos. A excepção d'um, ou d'outro termo, indispensavel para exprimir ideias que desconhecia a velha linguagem de nosso pais, cremos desnecessarios semelhantes neologismos, e no nossos pensar mal inspirado andou o poeta dando-lhes tanta voga e innoculando na nova e esperançosa geração, o virus da logomachia.

Não era só em versos que sabia escrever o distincto litterato : a prosa tambem mereceu-lhe particular esmero e nas paginas da *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*, achão-se registradas Memorias suas de reconhecido

[1] *Futuro litterario de Portugal e do Brazil*, pelo senhor Alexandro Herculano.

[2] Referia-se aos *Primeiros cantos*, impressos pela primeira vez no Rio do Janeiro.

merecimento. D'entre ellas avantajão-se pela importancia dos assumptos e mestria d'execução as intituladas *As Amazonas* e o *Brazil e a Oceania*.

No primeiro d'esses trabalhos investiga o gráo de credibilidade que merece a tradição das amazonas na Scythia e na Lybia, e os motivos que tiverão Orellana e Christovão da Cunha para suppôr a sua existencia nas margens do magestoso rio que d'ellas tomou o nome. Ao cabo d'erudita e lucida discussão, propende o auctor pela negativa e affirma que jamais existirão semelhantes creaturas em parte alguma do mundo.

O Brazil e a Oceania, é um estudo d'ethnologia que abundantes luzes derrama sobre as intrincadas questões das origens dos autóchthones das novas regiões reveladas á Europa pela impavidez de seus nautas. Fazendo passar pelo esmeril de sua delicada critica as varias opiniões dos sabios que largamente se occuparão da materia, revelou uma proficiencia scientifica que não era dado esperar de quem tão avesado estava aos arroubos da imaginação.

Antes de concluirmos esta rapida apreciação das obras de Gonçalves Dias, digamos duas palavras acerca dos *Tymbiras*. Consideramo-lo como soberbo peristylo de colossal templo, cuja architectura cyclopica fusta-se ao compasso de Vetruvio e Vignola. É porém uma obra inacabada, onde nem se quer se póde rastrear a traça que o auctor pretendia dar-lhe, sendo portanto impossivel aferir-lhe o merito.

As *Obras Posthumas*, piedoso sarcophago erguido pelas mãos d'amizade encerrão as reliquias litterarias do mallogrado poeta. Como sóe acontecer em taes publicações o ouro, as perolas e as pedras preciosas, brilhão ao lado das lentijoulas e das stalactites; producções ephemeras, ou mirando alvos mal conhecidos, sentem-se vexadas e confusas, tendo de comparecer no *agora* da imprensa. Representão outras esses periodos de transição, essas aspirações vagas e indefinidas, que os auctores, semelhantes aos pintores d'antiguidade, escondem cautelosamente ás vistas profanas.

Pelo que dissemos, vê-se que Gonçalves Dias nascêra poeta, como nasceu Camões e Bocage; o estudo aprimorou-lhe o éstro: e si mais vivesse, e lhe fosse dado lançar retrospectivo

olhar para seus escriptos, temos fé que d'elles apagaria algumas nodoas, e castigando-os com a lima d'Horacio, legaria á posteridade irreprehensiveis e invejaveis exemplares de bom gosto e castiça linguagem.

J. C. Fernandes Pinheiro.

Nova-Friburgo, 20 de Janeiro de 1870.

SIRVA DE PROLOGO[1]

A collecção de poesias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria.

Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meo primeiro volume, rubricada com o seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devêra, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para comsigo mesmo, — e, benevolamente indulgente, dirigio-me algumas linhas, que me fizerão comprehender quão alto eu reputava a sua gloria, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixárão possuido.

O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas

[1] É o prologo da 2ª edição dos *Cantos*, edição feita em Lipsia no anno de 1857.

suas obras : essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um thesouro : fortuna, digo, por que o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor ; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre áquem do que devemos.

Ahi vae o artigo tal qual o transcreveo e remetteo-me de Lisboa o meo bom amigo Gomes de Amorim.

Dresde, 30 de março de 1857.

FUTURO LITTERARIO

DE PORTUGAL E DO BRAZIL[1]

POR OCCASIÃO DA LEITURA DOS

PRIMEIROS CANTOS : POESIAS DO Sr. A. GONÇALVES DIAS

Bem como a infancia do homem, a infancia das nações é vivida e esperançosa; bem como a velhice humana, a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri : Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem dos horizontes da esperança, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica além dos mares, que se atira ri-

[1] Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense. Tom. 7, pag. 5. — anno de 1847-1848.

dente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetar inerte e que, encostado na borda do tumulo, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer!

Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*; aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pégo da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi-cadaver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalharmos no estandarte de D. João I ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos emfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. É que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem reforcillar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e atufando-se no charco, acceita as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe attiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

Que é feito de tantos engenhos que despontáram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épochas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se ácêrca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides do entendimento? De tudo isso, de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das

lettras, attiráram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico, desbaratando em esforços estereis a seiva interior, lá vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa,de feito, ha ahi sobre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostibulo! Olha que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituires.

O poeta portuguez d'hoje é a avezinha que enlevada nos seus gorgeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voáram para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, n'esta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deos. Ahi é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha defronte da meza nas philitias de Esparta, para servir de lição de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Esparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias.* N'aquelle paiz de esperanças, cheio de viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa tristemente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despregando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso céu que a illumina; prova forças

emfim para algum dia renovar pelas idéias a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda, porque a sociedade brazileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nos decahimos!

É geralmente sabido que o jovem imperador do Brazil dedica todos os momentos que póde salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar; porque o progresso social não virá accomettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a idéia se encarnar na realidade, o seu espirito, como as outras intelligencias que o rodeiam, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumiados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do presente, e uma prophecia consoladora ácêrca do porvir do Brazil?

A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metropole. Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desenvolve, começam a associar-se as composições de mais alento — os livros. Ajuncte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e sera facil conjecturar que no dominios das lettras, como em importancia e prosperidade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapidamente de vencida.

Por si sós esses factos provariam antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brazil. É um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brazileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que já conta outros no seu seio, póde abençoar mais um illustre filho.

O auctor, não o conhecemos; mais deve ser muito jovem. Tem

os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia : imperfeições de lingua, de metrificação, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

Quizeramos que as *Poesias Americanas,* que são como o portico do edificio, occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo, que deu tanto poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand, é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas :* o « Canto do Guerreiro » e um fragmento do « Morro do Alecrim. »

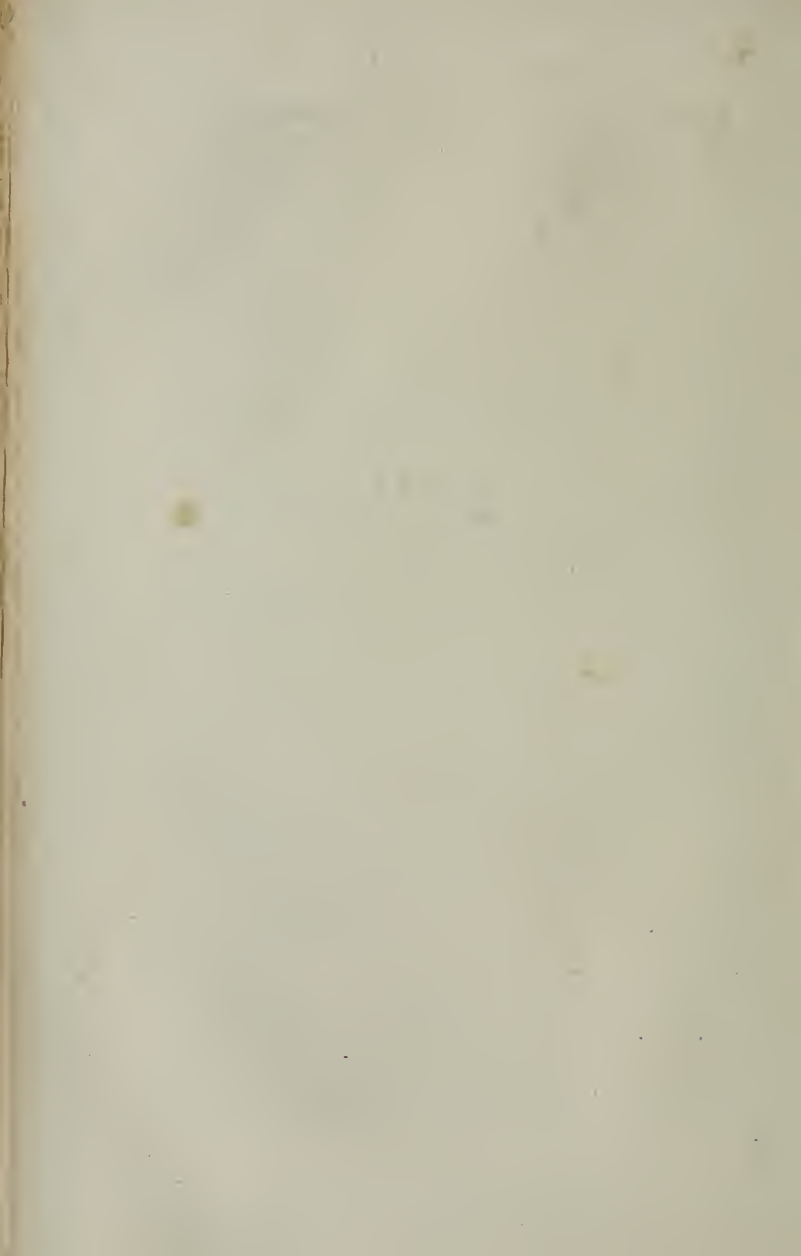
(Aqui vem transcripta por inteiro a poesia intitulada « O canto do Guerreiro » e as ultimas estrophes do « Morro do Alecrim. » — V.pag. 30 e pag. 40.)

Abstendo-me de outras citações, que occupariam demasiado espaço não posso resistir a tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida.

(Aqui vem transcripta a poesia intitulada « Seos olhos » Veja-se pag. 65.)

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros Cantos* o testemunho sincero de sympathia, que a leitura do seu livro arrancou a um homen, que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elegios *encommendados,* nem pedil-os para si.

A. Herculano.

Lisboa (Ajuda), 30 de novembro de 1847.

PRIMEIROS CANTOS

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO[1]

Dei o nome de « *Primeiros Cantos* » ás poesias que agora publíco, porque espero que não serão as ultimas.

Muitas dellas não tem uniformidade nas estrophes, porque menosprézo regras de méra convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificação portugueza, e usei delles como me parecêrão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em épochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondêgo e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á lingoagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paisagem ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar

[1] *Primeiros cantos*, poesias de A. Gonçalves Dias. — Rio de Janeiro, em casa de Ed. e Henrique Laemmert, rua da Quitanda, nº 77. — 1846.

assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprenhendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

POESIAS AMERICANAS

> Les infortunes d'un obscur habitant des bois auraient-elles moins de droits à nos pleurs que celles des autres hommes?
>
> CHATEAUBRIAND.

CANÇÃO DO EXILIO

> Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
> Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
> Kennst Du es wohl? — Dahin, dahin!
> Möcht' ich... ziehn.
>
> GŒTHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céo tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flòres,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar — sósinho, á noite —
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Coimbra, Julho 1843.

O CANTO DO GUERREIRO

I

Aqui na floresta
Dos ventos batida,
Façanhas de bravos
Não gerão escravos,
Que estimem a vida
Sem guerra e lidar.
— Ouvi-me, Guerreiros,
— Ouvi meo cantar.

II

Valente na guerra
Quem ha, como eu sou?

Quem vibra o tacápe
Com mais valentia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me;
— Quem ha, como eu sou?

III

Quem guia nos ares
A frecha implumada,
Ferindo uma preza,
Com tanta certeza,
Na altura arrojada
Onde eu a mandar?
— Guerreiros, ouvi-me,
— Ouvi meo cantar.

IV

Quem tantos imigos
Em guerras preou?
Quem canta seos feitos
Com mais energia?
Quem golpes daria
Fataes, como eu dou?
— Guerreiros, ouvi-me:
— Quem ha, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,
Quem ha que me affronte?!
A onça raivosa
Meos passos conhece,
O imigo estremece,

E a ave medrosa
Se esconde no céo.
— Quem ha mais valente,
— Mais dextro do que eu?

VI

Se as matas estrujo
Co'os sons do Boré,
Mil arcos se encurvão,
Mil setas lá vôão,
Mil gritos rebôão,
Mil homens de pé
Eis surgem, respondem
Aos sons do Boré!
— Quem é mais valente,
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;
Não fazem ruido:
O vento gemendo
E as matas tremendo
E o triste carpido
D'uma ave a cantar,
São elles — guerreiros,
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge
No seo Maracá,
A morte lá paira
Nos ares frechados,
Os campos juncados
De mortos são já:

Mil homens viverão,
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo
Eu tóco o Boré;
Qual fonte que salta
De rocha empinada,
Que vai marulhosa,
Fremente e queixosa,
Que a raiva apagada
De todo não é,
Tal elles se escôão
Aos sons do Boré.
— Guerreiros, dizei-me,
— Tão forte quem é?

O CANTO DO PIÁGA

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da tribu Tupi,
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meos cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
Anhangá me vedava sonhar!
Eis na horrivel caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodigios que vi!
Arde o páo de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meos pés um phantasma,
Um phantasma d'immensa extensão;
Liso craneo repousa a meo lado,
Feia cóbra se enrosca no chão.

O meo sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
Frio horror me côou pelos membros,
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Fallão Deoses nos cantos do Piága,
Ó Guerreiros, meos cantos ouvi!

I

Porque dormes, ó Piága divino?
Começou-me a Visão a fallar:
Porque dormes? O sacro instrumento
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume
Toda a face do sol offuscar;
Não ouviste a coruja, de dia,
Seos estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem — vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piága divino!
E Anhangá te prohibe sonhar!
E tu dormes, ó Piága, e não sabes,
E não pódes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugirão da Taba!
O desgraça! ó ruina! ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, hi vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vario cipó —
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
Brancas azas abrindo ao tufão,
Como um bando de candidas garças,
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja...
Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade
Dons crueis do cruel Anhangá ;
Vem quebrar-vos a maça valente,
Profanar Manitòs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pezadas,
Com que a tribu Tupi vai gemer ;
Hão de os velhos servir-lhe de escravos,
Mesmo o Piága inda escravo ha de ser !

Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por invio sertão ;
Anhangá de prazer ha de rir-se,
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piagá, conjura,
Susta as iras do féro Anhangá.
Manitôs já fugirão da Taba,
Ó desgraça! ó ruina ! ó Tupá !

O CANTO DO INDIO

Quando o sol vae dentro d'agoa
Seos ardores sepultar,
Quando os passaros nos bosques
Principião a trinar ;

Eu a vi, que se banhava....
Era bella, ó Deoses, bella,
Como a fonte cristallina,
Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,
Porque eu te visse assim, como te via,
Calcára agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha
Sobre mim sem temor veria erguido ;
Dessem-me a mim sómente vèr teo rosto
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seos loiros cabellos
Pelas agoas se espalhavão,
Pelas agoas, que de vel-os
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo,
Porque melhor os colhesse ;
Niveo collo, quem te visse,
Que de amores não morresse !

Passára a vida inteira a contemplar-te,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meos irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita á guerra
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Ás vezes, quando um sorriso
Os labios seos entreabria,
Era bella, oh ! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seos labios
Uma voz se desprendia ;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa ? Esse fallar deixou-me n'alma
Sentir d'amores tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeo, vontade e força.
Ah ! que não queiras tu viver commigo,
Ó Virgem dos Christãos, Virgem formosa !

Sobre a areia, já mais tarde,
Ella surgio toda núa ;
Onde ha, ó Virgem, na terra
Formosura como a tua ?

Bem como gotas de orvalho
Nas folhas de flôr mimosa,
Do seo carpo a onda em fios
Se deslizava amorosa.

Ah ! que não queiras tu vir sêr rainha
Aqui dos meos irmãos, qual sou rei delles !
Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa :
Odeio tanto os teos, como te adóro ;
Mas queiras tu sér minha, que eu prometto
Vencer por teo amor meo odio antigo,
Trocar a maça do poder por ferros
E ser, por te gozar, escravo delles.

CACHIAS [1]

Quanto es bella, ó Cachias ! — no deserto,
Entre montanhas, derramada em valle
De flores perennaes,

[1] Da poesia publicada na primeira edição dos *Primeiros cantos* sob o titulo « O môrro do Alecrim » tirou o autor, com algumas mo-

Es qual tenue vapor que a brisa espalha
No frescor da manhã meiga soprando
À flôr de manso lago.

Tu es a flôr que despontaste livre
Por entre os troncos de robustos cédros,
Forte — em gleba inculta;
Es qual gazella, que o deserto educa,
No ardor da sésta debruçada exangue
À margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,
Não cinges d'oiro a fronte que descanças
Na base da montanha;
Es bella como a virgem das florestas,
Que no espelho das aguas se contempla,
Firmado em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
Dos, que ora trajas, simplices ornatos
E amavel desalinho:
Da pompa e luxo amiga, hão de cahir-te
Aos pés então — da poesia a c'roa
E da innocencia o cinto.

dificações, acrescentando alguns versos, supprimindo outros, esta poesia « Cachias » e a seguinte « Deprecação ».

O nome de « Mòrro do Alecrim », por que já hoje se conhece o « Mòrro da Taboca » em Cachias, ao qual, parece, referiaõ-se alguns versos supprimidos (que se achárão no 2º vol.), fòra usado pelo autor em memoria de João da Costa Alecrim, que com sua bravura tornou celebre aquelle lugar por occasião das lutas da Independencia em 1823.

J. M.

DEPRECAÇÃO[1]

Tupan, ó Deos grande ! cobriste o teo rosto
Com denso velamen de pennas gentis ;
E jazem teos filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz !

Tupan, ó Deos grande ! teo rosto descobre :
Bastante soffremos com tua vingança !
Já lagrimas tristes chorárão teos filhos,
Teos filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejão cruentos,
Que vivem sem patria, que vagão sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios
Que assaltão, são nossos ; tu es nosso Deos :
Porque lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte,que vibrão, são teos ?

Tupan, ó Deos grande ! cobriste o teo rosto
Com denso velamen de pennas gentis ;
E jazem teos filhos clamando vingança
Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teos filhos valentes, temidos na guerra,
No albor da manhã oh ! quão fortes que os vi !
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi !

[1] V. a nota precedente.

E hoje em que apenas a enchente do rio
Cem vezes hei visto crescer e baixar...
Já restão bem poucos dos teos, qu'inda possão
Dos seos, que já dormem, os ossos levar.

Teos filhos valentes causavão terror,
Teos filhos enchião as bordas do mar,
As ondas coalhävao de estreitas igáras,
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cácão nas matas frondosas
A corça ligeira, o trombudo coati...
A morte pousava nas plumas da frecha,
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piága nos disse que breve seria,
A que nos infliges cruel punição;
E os teos inda vagão por serras, por valles,
Buscando um asilo por invio sertão!

Tupan, ó Deos grande! descobre o teo rosto:
Bastante soffremos com tua vingança!
Já lagrimas tristes chorárão teos filhos,
Teos filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teo rosto, resurjão os bravos,
Que eu vi combatendo no albor da manhã;
Conheção-te os féros, confessem vencidos
Que es grande e te vingas, qu'es Deos, ó Tupan!

NOTAS

ÁS POESIAS AMERICANAS

O CANTO DO GUERREIRO.

> Quem vibra o tacápe...
>
> (Pag. 31.)

Tacápe, — arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios o endurecião ao fogo, como costumavão fazer aos seus arcos : *Tatá-pe* quer dizer « no fogo. »

> Co'os sons do Boré
>
> (Pag. 32.)

Boré, — instrumento musico de guerra ; dá apenas algumas notas, porêm mais asperas, e talvez mais fortes que as da trompa.

> E o Piága se ruge
> No seu Maracá...
>
> (Pag. 32.)

Piagé, *Piache*, *Piaye* ou *Piága* (que mais se conforma á nossa pronuncia) era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o

augure e o cantor dos indigenas do Brazil e d'outras partes da America.

Os Piágas eraõ anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciado, ainda mais rigido do que a sua vida, erão os dominadores dos chefes — a baliza formidavel que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia daquelles homens e a tão desejada revelação dos espiritos.

Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua « Descripção das Indias occidentaes. » Lery e Damião de Góes escrevem *Pagé;* e é assim que ainda hoje se diz no Pará.

Maracá — entre os Indios, o instrumento sagrado, como o Psalterio entre os Hebreus, ou o Orgão entre os Christãos; era uma cabaça crivada, cheia de pedras ou buzios, e atravessada por um hastil ornado de pennas multi-côres, que lhe servia de cabo. O antigo viajante Roloux Baro, testemunha da veneração que os Indios lhe tributavão, chamava-o *Le diable porté dans une calebasse* « o diabo dentro d'uma cabaça. » — A esta palavra vão alguns modernos buscar a etymologia da palavra « America. »

O CANTO DO PIÁGA.

Anhangá me vedava sonhar...
(Pag. 53.)

Anhangá — genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

Manitôs! que prodigios que vi!
(Pag. 54.)

Manitôs — uns como penates que os Indios da America do norte veneravão. O seu desapparecimento augurava grandes calamidades ás tribus de que elles houvessem desertado.

..... O sacro instrumento
(Pag. 34.)

O Maracá.

Ó desgraça! ó ruina! ó Tupá!
(Pag. 35.)

Tupá ou *Tupan* — Deus, o ente immenso, incomprehensivel e todo poderoso — o genio do bem, como Anhangá o do mal. É o Orosmane e Arimane dos Persas.

POESIAS DIVERSAS

O SOLDADO HESPANHOL

Un soldat au dur visage.
V. Hugo.

I

Oh! qui révélera les troubles, les mystères
Que ressentent d'abord deux amants solitaires
Dans l'abandon d'un chaste amour?
Ed. Turquety. — *Amour et Foi.*

O céo era zul e tão meigo e tão brando,
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céo era azul, e na còr semelhava
Vestido sem nódoa de pura donzella;
E a terra era a noiva que bem se arreiava,
De flôres, matizes; mas vária, mas bella.

Ella era brilhante,
Qual raio do sol;
E elle arrogante,
De sangue hespanhol.

E o hespanhol muito amava
A virgem mimosa e bella;
Ella amante, elle zeloso
Dos amores da donzella;
Elle tão nobre e folgando
De chamar-se escravo della!

E elle disse: — Vês o céo? —
E ella disse: — Vejo, sim;
Mais polido que o polido
Do meo véo azul setim. —
Torna-lhe elle.... (oh! quanto é doce
Passar-se uma noite assim!)

— Por entre os vidros pintados
D'igreja antiga, a luzir,
Não vês luz? — Vejo. — E não sentes
De a veres, meigo sentir?
— É doce ver entre as sombras
A luz do templo a luzir!

— E o mar, alêm, preguiçoso
Não vês tu em calmaria?
É bello o mar; porém sinto,
Só de o ver, melancholia.
— Que mais o teo rosto enfeita
Que um sorriso de alegria.

— E eu tambem acho em ser triste
Do que alegre, mais prazer;
Sou triste, quando em ti penso,
Que só me falta morrer;
Mesmo a tua voz saudosa
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,
Quando me fallas assim ;
Sou feliz quando se riem
Os labios teos de carmim ;
Quando dizes que me adoras,
Eu sinto o céo dentro em mim.

— És tu só meos Deos, meo tudo,
És tu só meo puro amar,
— És tu só que o pranto podes
Dos meos olhos enxugar.—
Com ella repete o amante :
— És tu só meo puro amar ! —

E o céo era azul, e tão meigo e tão brando,
E a terra tão erma, tão só, tão saudosa,
Que a mente exultava, mais longe escutando
O mar a quebrar-se na praia arenosa !

II

Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,
Il faudra voir sans toi naître et mourir l'aurore !
V. Hugo.

E o hespanhol viril, nobre e formoso,
No bandolim
Seos amores dizia mavioso,
Cantando assim :

« Já me vou por mar em fóra
Daqui longe a mover guerra,
Já me vou, deixando tudo,
Meos amores, minha terra.

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India occidental;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.

« Não chores, não, tão coitada,
Não chores por t'eu deixar;
Não chores, que assim me custa
O pranto meo sofrear.

« Não chores! — sou como o Cid
Partindo para a campanha;
Não ceifarei tantos louros,
Mas terei pena tamanha. »

E a amante que assim o via
Partir-se tão desditoso,
— Vae, mas volta, lhe dizia:
Volta, sim, victorioso.

« Como o Cid, oh! crua sorte!
Não me vou nesta campanha
Guerrear contra o crescente,
Porém sim contra os d'Hespanha!

« Não me atterrão; porém sinto
Cerrar-se o meo coração,
Sinto deixar-te, meo anjo,
Meo prazer, minha affeição.

« Como é doce o romper d'alva,
É me doce o teo sorrir,
Doce e puro, qual d'estrella
Da noite — o meigo luzir.

« Erão meos teos pensamentos,
Teo prazer minha alegria,
Doirada fonte d'encantos,
Fonte da minha poesia.

« Vou-me longe, e o peito levo
Rasgado de acerba dor,
Mas commigo vão teos votos,
Teos encantos, teo amor !

« Já me vou lidar em guerras,
Vou-me á India occidental ;
Hei de ter novos amores....
De guerras.... não temas al.»

Era esta a canção que acompanhava
No bandolim,
Tão triste, que de triste não chorava,
Dizendo assim.

III

O Conde deo o signal da partida :
— Á caça ! meos amigos.

BURGER.

« Quero, pagens, sellado o ginete,
Quero em punho nebris e falcão,
Qu' é promessa de grande caçada
Fresca aurora d'amigo verão.

« Quero tudo luzindo, brilhante
— Curta espada e venab'lo e punhal,
Cães e galgos farejem diante
Leve odor de sanhudo animal.

«E ai do gamo que eu vir na coutada,
Corça, onagro, que eu primo avistar!
Que o venab'lo nos ares voando
Lhe ha de o salto no meio quebrar.

«Eia, avante! — Dizia folgando
O fidalgo mancebo, loução:
—Eia, avante! — e já todos galopão
Trás do moço, soberbo infanção.

E partem, qual no arco arranca e vôa
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,
A plumea seta da entesada corda.
Longe o echo rebôa; — já mais fraco,
Mais fraco ainda, pelos ares vôa.
Dos cães dubio o latir se escuta apenas,
Dos ginetes tropel, rinchar distante
Que em lufadas o vento traz por vezes.
Já som nenhum se escuta.... Que! — latido
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento
Nas torre castellã batendo acaso,
Nas seteiras acaso sibilando
Do castello feudal, deserto agora.

IV

Vois à l'horizon
Aucune maison?
— Aucune.
V. Hugo.

Já o sol se escondeo; cobre a terra
Bello manto de frouxo luar;
E o ginete, que esporas atracão,
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas invias ramagens
Vae sósinho o mancebo infanção ;
Vae sósinho, afanoso trotando
Sem temores, sem pagens, sem cão.

Companheiros da caça ha perdido,
Ha perdido no acceso caçar :
Ha perdido, e não sente receio
De sósinho, nas sombras trotar.

Corno eburneo embocou muitas vezes,
Muitas vezes de si deo signal ;
Bebe attento a resposta, e não ouve
Outro som responder-lhe ; — inda mal !

E o ginete que esporas atracão,
Nitre e corre sem nunca parar ;
Já o sol se escondeo, cobre a terra
Bello manto de frouxo luar.

V

De rosée
Arrosée,
La rose a moins de fraîcheur.
HENRIQUE IV.

Silencio grato da noite
Quebrão sons d'uma canção,
Que vae dos labios de um anjo
Do que escuta ao coração.

Dizia a lettra mimosa
Saudades de muito amar ;
E o infanção enleiado,
Attento, pôz-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,
Incentivo essa ternura,
Gerava delicias n'alma
Sonhar d'havel-a a ventura.

Queixosa cantava a esposa
Do guerreiro que partio,
Largos annos são passados,
Missiva delle não vio.....

Parou!... escutando ao perto
Responder-lhe outra canção!...
Era terna a voz que ouvia,
Lisongeira — do infanção :

« Tenho castello soberbo
N'um monte, que beija um rio,
De terras tenho no Doiro
Geiras cem de lavradio ;

« Tenho lindas haquenéas,
Tenho pagens e matilha,
Tenho os melhores ginetes
Dos ginetes de Sevilha ;

« Tenho punhal, tenho espada
D'alfageme alta feitura,
Tenho lança, tenho adága,
Tenho completa armadura.

« Tenho fragatas que cingem
Dos mares a lympha clara,
Que vão preiando piratas
Pelas rochas de Megára.

« Dou-te o castello soberbo
E as terras do fertil Doiro,
Dou-te ginetes e pagens
E a espada de pomo d'oiro.

« Dera a completa armadura
E os meos barcos d'alto-mar,
Que nas rochas de Megára
Vão piratas captivar.

« Falla de amores teo canto,
Falla de accesa paixão.....
Ah! senhora, quem tivera
Dos agrados teos condão!

« Eu sou mancebo, sou Nobre,
Sou nobre moço infanção;
Assim podesse o meo canto
Algemar-te o coração,
Ó Dona, que eu dera tudo
Por vencer-te essa isenção! »

Attenta escutava a esposa
Do guerreiro que partio;
Largos annos são passados,
Missiva delle não vio;
Mas da lettra que escutava
Delicias n'alma sentio.

VI

Si tu voulais, Madeleine,
Je te ferais châtelaine;
Je suis le comte Roger : —
Quitte pour moi ces chaumières,
A moins que tu ne préfères
Que je me fasse berger.

V. Hugo.

E n'outra noite saudosa
Bem junto della sentado,
Cantava brandas endechas
O gardingo namorado.

« Careço de ti, meo anjo,
Careço do teo amor,
Como da gota d'orvalho
Carece no prado a flôr.

« Prazeres que eu nem sonhava
Teo amor me fez gozar ;
Ah ! que não queiras, senhora,
Minha dita rematar.

« O teo marido é já morto,
Noticia delle não sôa ;
Pois desta gente guerreira
Bastos ceifa a morte á tôa.

« Ventura me fôra ver-te
Nos labios teos um sorriso,
Delicias me fôra amar-te,
Gozar-te meo paraiso.

« Sinto afflicção, quando choras;
Se te ris, sinto prazer ;

Se te ausentas, fico triste,
Que só me falta morrer.

« Careço de ti, meo anjo,
Careço do teo amor,
Como da gota d'orvalho
Carece no prado a flòr. »

VII

L'époux, dont nul ne se souvient,
Vient;
Il va punir la vie infâme,
Femme!
V. Hugo.

Era noite hibernal; girava dentro
Da casa do guerreiro o riso, a dança,
E reflexos de luz, e sons, e vozes,
E deleite, e prazer: e fóra a chuva,
A escuridão, a tempestade, e o vento,
Rugindo solto, indomito e terrivel
Entre o negror do céo e o horror da terra.
Na geral confusão os céos e a terra
Horrenda sympathia alimentavão.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,
E fóra a tiritar, fria, medonha,
Marcha a vingança pressurosa e torva:
Traz na dextra o punhal, no peito a raiva,
Nas faces pallidez, nos olhos morte.

O infanção extremoso enchia rasa
A taça de licor mimoso e velho,
Da usança ao brinde convidando a todos
Em honra da esposada: — Á noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre
Introduz o tufão, e um vulto assoma
Altivo e colossal. — Em honra, brada,
Do esposo deslembrado! — e a taça empunha;
Mas antes que o licor chegasse aos labios,
Desmaiada e por terra jaz a esposa,
E a dextra do infanção maneja o ferro,
Porque tão grande affronta lave o sangue,
Pouco, bem pouco para injuria tanta.
Debalde o fez, que lhe golfeja o sangue
D'ampla ferida no sinistro lado,
E ao pé da esposa o assassino surge
Co' o sangrento punhal na dextra alçado.

A flôr purpurea que matiza o prado,
Se o vento da manhã lhe entorna o calix,
Perde aroma talvez; porém mais bello
Colorido lhe vem do sol nos raios.
As fagueiras feições d'aquelle rosto
Assim forão tambem; não foi do tempo
Fatal o perpassar ás faces lindas.

Nota-lhe elle as feições, nota-lhe os labios,
Os curtos labios que lhe derão vida,
Longa vida de amor em longos beijos,
Qual jamais não provou: e as iras todas
Dos zelos vingadores descançárão
No peito de soffrer cançado e cheio,
Cheio qual na praia fica a esponja,
Quando a vaga do mar passou sobre ella.

N'um relance fugio; minaz no vulto:
Como o raio que luz um breve instante,
Sobre a terra baixou, deixando a morte.

A LEVIANA

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.

FRANCISCO I.

Es engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mez d'Abril;
Es como a nuvem doirada
Deslisada,
Deslisada em céos d'anil.

Tu es vária e melindrosa,
Qual formosa
Borboleta n'um jardim,
Que as flôres todas afaga,
E divaga
Em devaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella
Doce e bella,
Que treme incerta no mar;
Mostras nos olhos tua alma
Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas fórmas tão donosas,
Tão airosas,
Fórmas da terra não são;
Pareces anjo formoso,
Vaporoso,
Vindo da ethérea mansão.

Assim, beijar-te receio,
    Contra o seio
Eu tremo de te apertar;
Pois me parece qne um beijo
    É sobejo
Para o teo corpo quebrar.

Mas não digas que es só minha!
    Passa azinha
A vida, como a ventura,
Que te não vejão brincando,
    E folgando
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
    Bella aurora
De fulgores radiante;
Tal a vaga maripôsa
    Brinca e pousa
D'um cadaver no semblante.

A MINHA MUSA

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia præbes.
OVIDIO.

Minha Musa não é como nympha
Que se eleva das agoas — gentil —
Co'um sorriso nos labios mimosos,
Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas
Dos fagueiros anhelos a côr;

N'esta terra não tem uma esp'rança,
N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
Não habita um palacio encantado,
Quer em meio de matas sombrias,
Quer a beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,
De perfumes, de flôres bem cheia,
Onde vague com passos incertos,
Quando o céo de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horacio a minha Musa;
Nos soberbos alpendres dos Senhores
        Não é que ella reside;
Ao banquete do grande em lauta mesa,
Onde gira o falerno em taças d'oiro,
        Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o silencio,
Ama o prado florido, a selva umbrosa
        E da rola o carpir.
Ella ama a viração da tarde amena,
O susurro das agoas, os accentos
        De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prazenteiro,
Que de flôres cingia a fronte calva
        Em brilhante festim,
Tomando inspirações á doce amada,
Que leda lh'enflorava a eburnea lyra;
        De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
Nas cordas magoadas me não pousão
Da lyra de marfim.
Correm meos dias, lacrimosos, tristes,
Como a noite que estende as negras azas
Por céo negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'orfã singela;
É triste como o som que a brisa espalha,
Que cicia nas folhas do arvoredo
Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe
Vai perder na extensão d'ameno prado
Da tarde no cahir,
Quando nasce o silencio envolto em trevas,
Quando os astros derramão sobre a terra
Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,
Erra por altos montes, onde a enchada
Fundo e fundo cavou;
E pára; perto, jovial pastora
Cantando passa — e ella scisma ainda
Depois que esta passou.

Além — da chóça humilde s'ergue o fumo
Que em risonha espiral se eleva ás nuvens
Da noite entre os vapores;
Muge solto o rebanho; e lento o passo,
Cantando em voz sonora, porém baixa,
Vêm andando os pastores;

Outras vezes tambem, no cemiterio,
Incerta volve o passo, soletrando
Recordações da vida;
Róça o negro cipreste, calca o musgo,
Que o tempo fez brotar por entre as fendas
Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito
Sobre as humidas cordas da minha Harpa,
Que não resôão;
Não chóro os mortos, não; chóro os meos dias,
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio
Quem já me dera um logar!
Esta vida mal vivida
Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
Da pastora invejo a vida,
Invejo o somno dos mortos
Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
O sopro da desventura
Vae bater potente á porta
De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
Não lhe responde um gemido,
Não lhe responde uma prece,
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que fallem,
Já não têm que padecer;

No passar da vida á morte
Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?
Ella passou, qual gemido
Da brisa em meio da mata
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!
Quem me dera descansar!
Nesse pobre cemiterio
Quem me dera o meo logar,
E co'os sons das Harpas d'anjos
Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO

E poi morir.
METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
Siquer por um instante, nesta vida
Amor igual ao meo!
Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre
Um anjo, uma mulher, uma ombra tua;
Que sinta o meo sentir;
Uma alma que me entenda, irmã da minha,
Que escute o meo silencio, que me siga
Dos ares na amplidão!
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem
N'um extasis de amor!

SEOS OLHOS

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble
Tes yeux pleins de langueur;
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
Que tu fermes ton cœur.

TURQUETY. — *Amour et Foi.*

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
Estrellas incertas, que as agoas dormentes
Do mar vão ferir;

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Tem meiga expressão,
Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
De noite cantando, — mais doce que a frauta
Quebrando a soidão.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
De vivo luzir,
São meigos infantes, gentis, engraçados
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travèssos; — causando tormento,
Com beijos nos págão a dòr de um momento,
Com modo gentil.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Ás vezes luzindo, serenos, tranquillos,
Ás vezes vulcão!

Ás vezes, oh! sim, derramão tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar ;
E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
Ás vezes do céo
Cáe doce harmonia d'uma Harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se véste
De pranto co'um véo.

Quer sejão saudades, quer sejão desejos
Da patria melhor ;
Eu amo seos olhos que chórão sem causa
Um pranto sem dôr.

Eu amo seos olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor;
Seos olhos que exprimem tão doce harmonia,
Que fallão de amores com tanta poesia,
Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos que fallão de amores
Com tanta paixão.

INNOCENCIA

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.

SAINTE-BEUVE.

Ó meo anjo, vem corréndo,
Vem tremendo
Lançar-te nos braços meos ;
Vem depressa, que a lembrança
Da tardança
Me aviva os rigores teos.

Do teo rosto, qual marfim,
De carmim
Tinge um nada a côr mimosa ;
É bello o pudor, mas chóro,
E deploro
Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo
De tão cedo
De tão cedo ter amor ;
Mas sabe que a formosura
Pouco dura,
Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,
Como a rosa,
Como a rosa na corrente.
Amanhã terás amor ?
Como a flôr,
Coma a flôr fenece a gente.

Hoje ainda es tu donzella
    Pura e bella,
Cheia de meigo pudor ;
Amanhã menos ardente
    De repente
Talvez sintas meo amor.

PEDIDO

Hontem no baile
Não me attendias !
Não me attendias,
Quando eu fallava.

De mim bem longe
Teo pensamento !
Teo pensamento,
Bem longe errava.

Eu vi teos olhos
Sobre outros olhos !
Sobre outros olhos,
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
Com tal sorriso !
Com tal sorriso,
Que apunhalava.

Tu lhe fallaste
Com voz tão doce !
Com voz tão doce,
Que me matava.

Oh ! não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Se então só qu'rias
Exp'rimentar-me.

Oh ! não lhe falles,
Não lhe sorrias,
Não lhe sorrias,
Que era matar-me.

O DESENGANO

Já vigilias passei namorado,
Doces horas d'insomnia passei,
Já meos olhos, d'amor fascinado,
Em vêr só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso,
Era amor que meo peito sentia,
Erão lavas de um fogo teimoso,
Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
Era ver seo sorriso harmonia;
E os seos modos e gestos e ditos
Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teo amor, que me embalava
Mais do que meigos sons de meiga lyra ?
Um dia o decifrou — não mais que um dia —
Fingimento e mentira !

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,
Como uma flôr!
Porque tão cedo o talisman quebraste
Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste
Essa annosa cadeia?
De bom grado a soffreste! essa lembrança
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,
Qual em ondas de areia movediça
Na mulher, — não achei!
E da esp'rança, que eu via tão donosa
Sorrir dentro em minha alma, as longas azas
Doido e nescio cortei!

E tu vais caprichosa proseguindo
Essa esteira de amor, que julgas cheia
De flôres bem gentis;
Pódes ir, que os meos olhos te não vejão;
Longe, longe de mim, mas que em minha alma
Eu sinta qu'es feliz.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço,
Pódes ir, que o teo nome nos meos labios
Nunca mais soará!
Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,
Que tão grato me foi, que me é tão duro,
Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia
Como uma flôr!
Oh! que bem cedo o talisman quebraste
Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEOS AMORES

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!
SAINTE-BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso :
— Meo Deos, disse entre mim ! oh ! quanto é doce,
Quanto é bella esta vida assim vivida ! —
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha
A beiramar colhida !

Foi esta a infancia minha ; a juventude
Fallou-me ao coração : — amemos, disse,
Porque amar é viver.
E esta era linda, como é linda a aurora
No fresco da manhã tingindo as nuvens
De rosea côr fagueira ;
Aquella tinha um quê de anhelos meigos
Artifice sublime ;
Feiticeiro sorrir dos labios della
Prendeo-me o coração ; — julguei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,
Como um anjo no exilio, ou como o calix
De flôr pendida e murcha e já sem brilho.
Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,
No seo deserto perfumando os ventos.
— Eu morrêra feliz, dizia eu d'alma,
Se podesse enxertar uma esperança

N'aquella alma tão pura e tão formosa,
E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas
Elege, e liba e uma e outra, e foge
Sempre em novos amores enlevada :
N'este meo paraiso fui como ella,
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
Como o mar em bonança meigo e doce,
Do templo como a luz perenne e sancto,
Não, eu nunca o senti ; — sómente o viço
Tão forte dos meos annos, por amores
Tão faceis quanto indi'nos fui trocando.
Quanto fui louco, ó Deos! — Em vez do fructo
Sasonado e maduro, que eu podia
Como em jardim colher, mordi no fructo
Putrido e amargo e rebuçado em cinzas,
Como infante glotão, que se não senta
À mesa de seos paes.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão,
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meo coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto della,
Sua voz murmurou nos meos ouvidos,
— Eu te amo! — Ó anjo, que não possa eu crer-te!
Ella, certo, não é mulher que vive
Nas fezes da deshonra, em cujos labios
Só mentira e traição eterno habitão.
Tem uma alma inocente, um rosto bello,
E amor nos olhos... — mas não posso crêl-a.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,
Dá que eu sinta uma paixão;
Torna-me virgem minha alma,
E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
Terna voz lhe escutei : — Sonhei comtigo !
Ineffavel prazer banhou meo peito,
Senti delicias ; mas a sós commigo
Pensei — talvez ! — e já não pude crêl-a.

Ella tão meiga e tão cheia de encantos,
Ella tão nova, tão pura e tão bella . . . .
Amar-me ! — Eu que sou ?
Meos olhos enxérgão, emquanto duvida
Minha alma sem crença, de força exhaurida,
Já farta da vida,
Que amor não doirou.

Máo grado meo, crer não posso,
Máo grado meo que assim é ;
Queres ligar-te commigo
Sem no amor ter crença e fé ?

Antes vai collar teo rosto,
Collar teo seio nevado
Contra o rosto mudo e frio,
Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo
Que me dê uma paixão ;
Que me dê crença á minha alma,
E vida ao meo coração.

RECORDAÇÃO

Nessun maggior dolore...
DANTE.

Quando em meo peito as afflicções rebentão
Eivadas de soffrer acerbo e duro :
Quando a desgraça o coração me arrocha
Em circulos de ferro, com tal força,
Que delle o sangue em borbotões golfeja ;
Quando minha alma de soffrer cançada,
Bem que affeita a soffrer, siquer não póde
Clamar : Senhor, piedade ! — e os meos olhos
Rebeldes, uma lagrima não vertem
Do mar d'angustias que meo peito opprime :

Volvo aos instantes de ventura, e penso
Que a sós comtigo, em pratica serena,
Melhor futuro me augurava, as doces
Palavras tuas, sôfregos, attentos
Sorvendo meos ouvidos, — nos teos olhos
Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida
Longa, bem longa, não bastará ainda
Porque do os ver me saciasse ! . . . O pranto
Então dos olhos meos corre espontaneo,
Que não mais te verei. — Em tal pensando
De martyrios calar sinto em meo peito
Tão grande plenitude, que a minha alma
Sente amargo prazer de quanto solfre.

TRISTEZA

Que leda noite! — Este ar embalsamado,
Este silencio harmonico da terra
Que sereno prazer n'alma cançada
Não expreme, não filtra, não diffunde?
A brisa lá susurra na folhagem
D'espessas matas, d'arvores robustas,
Que velão sempre e sós, que a Deos elevão
Mysterioso côro, que do Bardo
A crença quasi morta inda alimenta.
É esta a hora magica de encantos,
Hora d'inspirações dos céos, descidas,
Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,
Do myrrado egoismo a voz ruidosa
Não chegão ; nem soluços, risos, festas,
— Hilaridade vã de turba incauta,
Nescia de ruim futuro; ou queixa amarga
Do decrepito velho, enfermo, exangue,
Nem do mancebo os ais doidos, preso
Ao leito do soffrer na flòr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,
Morno socego, que povôa as ruinas,
E o mausoléo soberbo, carcomido,
E o templo magestoso, em cuja nave
Suspira ainda a nota maviosa,
O derradeiro arfar d'orgão solemne.
Em puro céo a lua resplandece,
Melancolica e pura, semelhando

Gentil viuva que pranteia o extincto,
O bello esposo amado, e vem de noite,
Vivendo pelo amor, máo grado a morte,
Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céo assim, sem uma estrella,
Azul sem mancha, — a lua equilibrada
N'um céo de nuvens, e o frescor da tarde,
E o silencio da noite adormecida,
Que imagens vagas de prazer desenha ;
Amo tudo o que dá no peito e n'alma
Tregoas ao recordar, tregoas ao pranto,
A v'hemencia da dôr, á pertinacia
Tenaz e acerba de crueis lembranças ;
Amo estar só com Deos, porque nos homens
Achar não pude amor, nem pude ao menos
Signal de compaixão achar entre elles.

Menti ! — um inda achei ; mas este em ocio
Feliz descança agora, emquanto aos ventos
E ao cru furor das verde-negras ondas
Da minha vida a barca aventureira
Insano confiei ; em céo diverso
Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.
Ai ! triste, que houve tempo em que eu julgava
As duas uma só, — co'o mesmo brilho
Uma e outra nos céos meigas brilhavão !
Hoje scintilla a delle, emquanto a minha
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
Meo Deos, foi bom assim! No immenso pégo
Mais uma gotta d'amargor que importa?
Que importa o fel na taça do absyntho,
Ou uma dôr de mais onde outras reinão ?

O TROVADOR

Elle cantava tudo o que merece de ser cantado; o que ha na terra de grande e de sancto — o amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente
Existia um Trovador;
Na Lyra sua innocente
Só cantava o seo amor.

Nenhum saráo se acabava
Sem a Lyra de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguem ouvíra assim.

E quer donzella, quer dona,
Que sentíra commoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção ;

De jasmins e de açucenas
A fronte sua adornou ;
Mas só a rosa da amada
Na Lyra amante poisou.

E o Travador conheceo
Que era trahido — por fim ;
Poz-se a andar, e só se ouvia
Nos seos lahios : ai de mim !

Enlutou de negro fumo
A rosa de seo amor,
Que meia occulta se via
Na gorra do Trovador ;

Como virgem bella, morta
Da idade na linda flôr,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seo caminho
Gentil donzella encontrou:
Canta — disse; e as cordas d'oiro
Vibrando, o triste cantou.

« Teo rosto engraçado e bello
« Tem a lindeza da flôr;
« Mas é risonho o teo rosto;
« Não tens de sentir amor!

« Mas tambem por esse dia
« Que viverás, como a flôr,
« Mimosa, engraçada e bella,
« Não tens de sentir amor!

« Oh! não queiras, por Deos, homem que tenha
« Tingida a larga testa de pallor;
« Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
« Não tens de sentir amor!

« Sorriso jovial te enfeita os labios,
« Nas faces de jasmim tens rosea côr:
« Fundo amor não se ri, não é corado...
« Não tens de sentir amor;

« Mas, se queres amar, eu te aconselho,
« Que não guerreiro, escolhe um trovador,
« Que não tem um punhal, quando é trahido,
« Que vingue o seu amor. »

Do Trovador pelo rosto
Torva raiva se espalhou,
E a Lyra sua, tremendo,
Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seo caminho
Douzel garboso encontrou :
Canta — disse ; e argenteas cordas
Pulsando, o triste cantou.

« Aos homens da mulher enganão sempre
« O sorriso, o amor ;
« É este breve, como é breve aquelle
« Sorriso enganador.

« Teo peito por amor, Douzel, suspira,
« Que é de jovens amar a formosura;
« Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
« Dos lindos labios seos cospe a mentira !

« Já frenetico amor cantei na lyra,
« Delicias já sorvi n'um seo sorriso,
« Já venturas fruí do paraiso,
« Em terna voz de amor, que era mentira !

« O amor é como a aragem que murmura
« Da tarde no cahir — pela folhagem ;
« Não volta o mesmo amor á formosura,
« Bem como nunca volta a mesma aragem.

« Não queiras amar, não; pois que a 'sperança
« Se arroja além do amor por largo espaço.
« Tu tens, brilhando ao sol, a forte lança,
« Tens longa espada scintillante d'aço.

« Tens a fina armadura de Milão,
« Tens luzente e brilhante capacete,
« Tens adága e punhal e bracelete
« E, qual lúcido espelho, o morrião.

« Tens fogoso corsel todo arreiado,
« Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
« Tens duellos, tens justas, tens torneios,
« Que os fracos corações de medo cerra;
« Tens pagens, tens varletes e escudeiros
« E a marcha afoita, apercebida em guerra
« Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

« Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
« O gigante volcão borbulha e ferve
« E sulfurea chamma pelos ares lança,
« Que após o seo cahir torna-se fria;
« Assim tu acharás petrificada,
« Bem como a lava ardente do volcão,
« A lava que teo peito consumia
« No peito da mulher — ou cinza ou nada —
« Não frio, mas gelado o coração! »

E o Trovador despeitoso
De prata as cordas quebrou,
E nas de chumbo seo fado
A lastimar começou.

« Que triste que é n'este mundo
« O fado d'um Trovador!
« Que triste que é! — bem que tenha
« Sua Lyra e seu amor.

« Quando em festejos descanta,
« Rasgado o peito com dôr,

« Mimoso tem de cantar
« Na sua Lyra — o amor!

« Como a um servo vil ordena
« Um orgulhoso Senhor,
« Canta, diz-lhe : quero ouvir-te;
« Quero descantes de amor!

« Diz-lhe o guerreiro, que apenas
« Lidou em justas de amor :
« — Minha dama quer ouvir-te,
« Canta, truão trovador! —

« Manda a mulher que nos deixa
« De beijos murchada flôr :
« — Canta, truão, quero ouvir-te,
« Um terno canto de amor!

« Mas, se a mulher, que elle adora
« Atraiçôa a seo amor;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador!

« Se escuta palavras della,
« Que a outros jurão amor;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador!

« Se vê luzir de alguns labios
« Um sorriso mofador;
« Embalde busca a seo lado
« Um punhal — o Trovador!

« Que triste que é n'este mundo
« O fado d'um Trovador!
« Pezar lhe dá sua Lyra,
« Dá-lhe pezar seo amor! »

E o Trovador n'este ponto
A corda extrema arrancou ;
E n'um marco do caminho
A Lyra sua quebrou :
Ninguem mais a voz sentida
Do Trovador escutou !

AMOR! DELIRIO — ENGANO

Y el llanto que en su cólera derrama,
La hoguera apaga del antiguo amor!

ZORRILLA.

Amor ! delirio — engano.... Sobre a terra
Amor tambem fruí ; a vida inteira
Concentrei n'um só ponto — amal-a, e sempre.
Amei ! — dedicação, ternura, extremos
Scismou meo coração, scismou minha alma,
— Minha alma que na taça da ventura
Vida breve d'amor sorveo gostosa.
Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata
Oásis, paraiso, eden ou templo
Habitámos uma hora ; e logo o tempo
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via ! . . quer nas nuvens d'oiro,
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
Ou quer na branca nuvem que velava
O circulo da lua, — quer no manto
D'alvacenta neblina que baixava
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,
Da tarde no cahir ; nos céos, na terra,
A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome, sua voz — ouvia eu sempre ;
Ouvia-os no gemer da parda rola,
No trépido correr da veia argentea,
No respirar da brisa, no susurro
Do arvoredo frondoso, na harmonia
Dos astros ineffavel ; — o seo nome
Nos fugitivos sons de alguma frauta,
Que da noite o silencio realçavão,
Os ares e a amplidão divinisando,
Ouvião meos ouvidos ; e de ouvil-o
Arfava de prazer meo peito ardente.

Ah ! quantas vezes, quantas ! junto d'ella
Não senti sua mão tremer na minha ;
Não lhe escutei um languido suspiro,
Que vinha lá do peito á flor dos labios
Deslisar-se e morrer ? ! Dos seos cabellos
A magica fragrancia respirando,
Escutando-lhe a voz doce e pausada,
Mil venturas colhi dos labios d'ella,
Que instantes de prazer me futuravão.
Cada sorriso seo era uma esp'rança,
E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto ! — Oh ! não ! não hão de os homens
Saber que amor, á ingrata, havia eu dado ;
Que affectos melindrosos, que em meo peito
Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte !
Oh ! não, — morra commigo o meo segredo ;
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo,
Não disse eu entre mim : — Anjo formoso,
Da minha vida que farei, se acaso
Faltar-me o teo amor um só instante ;

— Eu que só vivo por te amar, que apenas
O que sinto por ti a custo exprimo?
No mundo que farei, como estrangeiro
Pelas vagas crueis á praia inhóspita
Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,
Existo e penso — e não morri, — não morro
Do que outr'ora senti, do que ora sinto,
De pensar nella, de a revêr em sonhos,
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!
Esquecida talvez de amor tamanho,
Derramando talvez n'outros ouvidos
Frases doces de amor, que dos seos labios
Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes
Em extasis divino aos céos me alçárão,
— Que dando á terra ingrata o que era terra
Minha alma além das nuvens transportárão.
Existo! como outr'ora, no meo peito
Férvido o coração pular sentindo,
Todo o fogo da vida derramando
Em queixas mulherís, em molles versos.
E ella!... ella talvez nos braços d'outrem
Com sua vida alimenta uma outra vida,
Com o seo coração o de outro amante,
Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
Ella, que eu respeitei, que eu venerava
Como a reliquia sancta! — a quem meus olhos,
Receiando offendel-a, tantas vezes
De castos e de humildes se abaixárão!
Ella, perante quem sentia eu presa
A voz nos labios e a paixão no peito!
Ella, idolo meo, a quem o orgulho,
A força d'homem, o sentir, vontade

Propria e minha dediquei, — sugeita
A voz de alguem que não sou eu, — desperta,
Talvez no instante em que de mim se lembra,
Por um osculo frio, por caricias
Devidas d'um esposo!...

Oh! não poder-te,
Abutre roedor, cruel ciume,
Tua funda raiz e a imagem d'ella
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que es meo rival, n'uma hora,
Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe
Um quebrado suspiro do imo peito,
Que d'éras já passadas se recorda.
Has de escutal-o, e ver-lhe a côr do rosto
Enrubecer-se ao deparar comtigo!
Preza serás tambem d'âtros cuidados,
Terás ciume, e soffrerás qual soffro:
Nem menor que o meo mal quero a vingança.

DELIRIO

Quando dormimos o nosso espirito véla.
ESCHYLO.

A noite quando durmo, esclarecendo
As trevas do meu somno,
Uma ethérea visão vem assentar-se
Junto ao meu leito afflicto!
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse
Um qual véo transparente,
Como que a alma pura alli se pinta
Ao travéz do semblante,

Eu a crêra mulher... — E tentas, louco,
Recordar o passado,
Transformando o prazer, que desfructaste,
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas
Sobre o meo rosto pallido
A luz de um longo olhar, que amor exprime
E pede compaixão?
Porque teo coração exhala uns fundos,
Magoados suspiros,
Que eu não escuto; mas que vejo e sinto
Nos teos labios morrer?
Porque esse gesto e morbida postura
De macerado espirito,
Que vive entre afflicções, que já nem sabe
Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento,
Esta voz melindrosa,
N'outros tempos ouvi, porém mais leda;
Era um hymno d'amor.
A voz, que escuto, é magoada e triste,
— Harmonia celeste,
Que á noite vem nas azas do silencio
Humedecer as faces
Do que enxerga outra vida além das nuvens.
Esta voz não é sua;
É accorde talvez d'harpa celeste,
Cahido sobre a terra!

Balbucias uns sons, que eu mal percebo,
Doridos, compassados,
Fracos, mais fracos; — lagrimas despontão
Nos teos olhos brilhantes...

Choras! tu choras!... Para mim teos braços
Por força irresistivel
Estendem-se, procurão-me; procuro-te
Em delirio afanoso.
Fatídico poder entre nós ambos
Ergueo alta barreira;
Elle te enlaça e prende... mal resistes...
Cédes emfim... acórdo!

Acórdo do meo sonho tormentoso,
E chóro o meo sonhar!
E fecho os olhos, e de novo intento
O sonho reatar.
Embalde! porque a vida me tem preso;
E eu sou escravo seo!
Acordado ou dormindo, é triste a vida
Desque o amor se perdeo.
Ha comtudo prazer em nos lembrarmos
Da passada ventura,
Como o que educa flôres vicejantes
Em triste sepultura.

EPICEDIO

Passa la bella donna e par che dorma.

TASSO.

Seo rosto pallido e bello
Já não tem vida nem côr!
Sobre elle a morte descança,
Envolta em baço pallor.

Cerrárão-se olhos tão puros,
Que tinhão tanto fulgor;
Coração que tanto amava
Já hoje não sente amor;

Que o anjo bello da morte
A par desse anjo baixou!
Trocárão brandas palavras,
Que Deos sómente escutou.

Ventura, prazer, ledice
D'uma outra vida cantou;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra engeitou.

Depois co'as azas candentes
O formoso anjo do céo
Roçou-lhe a face mimosa,
Cubrio-lhe o resto co'um véo.

Depois o corpo engraçado
Deixou á terra sem vida,
De tenue pallor coberto,
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lírio
Murcho da sésta ao ardor,
Teve a innocencia dos anjos,
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve! — mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deos que a creára
Alma inda virgem levou.

Sáe da larva a borboleta,
Sáe da rocha o diamante,
De um cadaver mudo e frio
Sáe uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos taes;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céo de mais.

SOFFRIMENTO

Meo Deos, Senhor meo Deos, o que ha no mundo
Que não seja soffrer?
O homem nasce, e vive um só instante,
E soffre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço
Do seo doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz comsigo prazer;
E o homem nasce e vive um só instante:
E soffre até morrer!

Meo peito de gemer já está cançado,
Meos olhos de chorar!
E eu soffro ainda, e já não posso allivio
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dôr,
Meos annos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que embalde procurei, na flôr, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,
Que da campa fugio;
Flôr ceifada em botão; imagem triste
De um ente que existio...

Não escutes, meo Deos, esta blasfemia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,
Bemdigo a minha dôr,
Que vai além da terra aos céos infindos
Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teo, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não ha só trevas,
E nem ha só penar.

VISOES

I

PRODIGIO

N'aquelle instante em que vacilla a mente
Do somno ao despertar, quando pejada
Vem d'outros mundos de visões ethereas:
Quando sobre a manhã surge brillante
A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos
Era a minha visão, real não era;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?
Foi capricho fallaz da phantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sobre uma vasta capital! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
Ás portas ferreas, largas, vi sentados.
Melhor do que um pintor ou 'statuario
A morte, que de subito os colhêra
No ardor, no afan da vida, conservou-lhes
A acção — partida em meio, com tal força,
Que a mente seo máo grado a completava
Um tinha os labios entreabertos; outro

Parecia sorrir; mais longe aquelle
Derramava um segredo, baixo, a medo.
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda
Com rosto carregado e barba hirsuta,
Nas mãos callosas sopesava a lança.
Dos mercadores na comprida rua
Passavão muitos compradores : — este
Contava montes d'oiro ; — á luz aquelle
Expunha a seda do Indostaõ, de Tyro
A purpura brilhante, a damasquina
Custoso téla entretecida d'oiro.
Cortez sorrindo, o mercador gabava
As côres vivas, o tecido, o corpo
Do estofo que vendia. Nos serralhos
Era o Eunucho imperfeito ; das Mesquitas
Bradava á prece o Muezzin...
— N'um largo,
Fofo e vasto divan sentado, um velho
Os versos lia do Alcorão ; — só elle
D'entre tanto punir ficára illeso.

II

A CRUZ

Era um templo d'arabica estructura,
Magestoso, elegante ; — além das nuvens
Se entranhava nos céos subtil a agulha ;
Sobre o zimborio retumbante e vasto
Ondas e ondas de vapor crescião.
Dentro corrião tres compridas naves
Sobre dois renques de columnas, onde
Baixos relevos da sagrada historia
Da base ao capitel se emmaranhavão.

Ardia a luz na alampada sagrada;
No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —
Muitos homens eu vi de torvo aspecto;
Muitos outros, servís, com mão armada
Profundos golpes entalhavão nella.
Um daquelles no emtanto assim fallava:

«Quando esta humilde cruz rojar por terra;
«Levando a crença de Jesus comsigo
«Nós outros, da verdade Sacerdotes,
«Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros
«Que desvendamos a impostura, o erro,
«A mentira sagaz a crença louca,
«Entrada facil da razão no templo
«Teremos todos; e de então no throno,
«Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,
«Sanctos juises da verdade sancta,
«Prégaremos o justo, a paz, concordia
«E os seus deveres que dimanão faceis
«Do amor do lucro e do interesse; todos
« — Vassallos da razão, nossos vassallos —
«Um eden terreal farão do mundo.»

No emtanto aos crebros golpes do machado
A cruz pendia obliqua sobre a terra.
Creando novas forças com tal vista,
Os operarios mais frequentes golpes
Repetem, vibrão, continuão; — sôa
Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,
Retumba, morre — e novamente echôa.
Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sóbe
Unisono e geral!...

Como sois grande,

Senhor, Senhor meo Deos ! — Eu vi, morrendo,
Os obreiros cahir ; e a cruz erguer-se,
Como aos raios do sol a flôr mimosa
Que a raiva do tufão vergára insana.

III

PASSAMENTO

Era um quarto espaçoso ; — alli se vião
Rojar no pavimento, ha pouco as sedas,
Ricos tapetes multicôr bordados,
E franjas complicadas d'um céo d'oiro
Pendentes, — vastos ráses narradores
De lenda pia ou de briosos feitos.
Mas de tanto luzir, de tanto ornato
Ora por mãos aváras depredado
O vasto d'área revelava aos olhos,
Tendo n'um canto escuro um leito apenas.
Do leito alguem rasgára o cortinado.
E da curva armação polida e bella
Aqui, alli, penda a seda em fios,
Bem como tranças de mulher formosa
Por sobre o seio nú. — Alli no leito
Jazia um moribundo ; em torno os olhos
Cheios de pasmo e de terror volvia,
Bebendo pelos sôfregos ouvidos
Mal sentido rumor d'outro aposento.
Confusas vozes, altercar ruidoso,
E o tinir de metal ouvia apenas !
Então por vezes tres no leito afflicto
Erguer-se maquinou de raiva insan !
Por tres vezes cahio, gemendo, sobre
O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios
Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso
Da vida o amor debate-se nas ancias
Desse passo fatal...
— Eis nisto á porta
Um Padre assoma,— d'entre as mãos erguidas
Da hostia sancta resplendor luzia;
E palavras de paz, de amor, divinas,
Que nos labios do justo Deos entorna,
Abundantes soltava. Longos annos
De piedoso soffrer o corpo enfermo
Alquebrárão por fim; as cãs nevadas
Raras tremião sobre a testa, como
Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho: — «Irmão, nas ancias,
«No extremo agonisar da morte amiga
«Ergue os olhos ao céo; — do céo te venha
«Esse divino amor, que só lá mora,
«Que filtra por nossa alma, que nos deixa
«Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
«Do que a terra sóe dar...
«Infames, trédos,
«Bufarinheiros de palavras, corvos
«De negro, feio agoiro, que esvoação
«Com grito grasnador por sobre o campo,
«Onde a peleja de reinar começa;
«Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao fóro
«Caminho inda hoje entre alas de clientes,
«Que so me visto de velludo e d'oiro,
«Emquanto vives de burel coberto,
«Co'os labios sobre o pó mordendo a terra!
«Dizes-me *tu* — a mim!...»
Ergueo-se,... e o corpo

Cahio de fraco sobre o leito; o velho
No emtanto humilde orava, que alma sancta
Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas
Vives de estrellas formosas,
Que das flôres melindrosas
Da terra—os anjos formaste;
Jehovah, que pela agoa
Lustrar quizeste o Messias,
Que ao beato, ao sancto Elias
Nas chammas purificaste;

Jehovah, que a mente apuras
No fogo do soffrimento,
Que divino, alto portento
Déste fazer a Moisés,
Quando a negra rocha dura
Tocando co'a tenue vara,
Rebentou a lympha clara,
Lambendo-lhe mansa os pés;

Jehovah, que eterno existe,
Cujo ser em si se encerra,
Que formaste o céo e a terra,
Que te chamas — o que é[1],
— Faz, Senhor d'altos prodigios,
Com que a mente empedernida
Não se aparte desta vida
Sem sentir a sancta fé.

E tu, Christo, que soffreste
Martyrios por nossor amor,

[1] Ego sum qui sum.

Tu que foste o Salvador,
Salva-o, Senhor, por quem es.
Dá que em palavras piedosas
Se derrame contristado,
Como o rechedo tocado
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
Crescia mais e mais. — Do moribundo
Os cúpidos herdeiros dividião
Por si a vasta herança; os torvos olhos
Ião de rosto a rosto, fusilando
Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças
Curtia amargos transes, que avarento,
E tendo a vida inutil presa á terra
Com toda a força d'alma, — agora em ancias
Sentia o halito vital fugir-lhe,
E a terra abandonal-o.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto!...
Só não chorava, que do pranto a fonte
Jazia extincta; mas pensava triste:
— Não tinha que lhe cerrasse os olhos
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
Lhe pintava os seos feitos; — a vingança,
Que tão grande prazer lhe tinha sido,
Ora em martyrios se tornava; a chusma
Dos homicidios seos crescia torva,
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
Prejuizos do vulgo; — e assim dizendo
Os vãos phantasmas repellir buscava.
Mas a crença infantil, os prejuizos
Do nescio vulgo, rispidos tornavão,
Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,
Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,
E mais distinctas se pintavão n'alma
Tambem molesta, qual se pinta o corpo
Do espelho no polido.

E do seo passamento o caso infando
Narrava uma após outra, sobre o peito
Mostrando o golpe funebre e cruento;
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo
Parecia sorrir!... era qual louco
Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
De sobre o leito delirante; as sombras
Vôão sobre elle, e em circulo se ordenão.
O moribundo a esta, a aquella, a todas
Volve o pávido rosto, no mover-se
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,
As mestas sombras ao redor com elle
Fugir sentia; o pavimento, a casa,
Rodava rápido; e a terra e tudo,
Como aos soluços d'um vulcão tremendo,
As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivêra,
Movendo a seo bom grado mil escravos,
Querendo a terra dominar co'um gesto;
Ora mesquinho, solitario e louco,
Face a face lutando com seos crimes,
Morria impenitente.

IV

Era o vulto de um homem morto que afastando o sudario se hia erguer do tumulo para revelar alguns dos temerosos mysterios, que encerra a apparente quietação dos sepulchros.

O PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta ; e cresce
Mais feia a escuridão
Á luz da sacra pyra que derrama
Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo ;
Apenas fraco sôa
Da torre o bronze, que a nocturna brisa
De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria
S'ergue e sobre outras cáe.
Não se escuta rumor! — da campa livre
Medroso espectro sáe.

O rosto ossificado em torno volve,
Volve a suja caveira ;
Do liso cranco os longos dedos varrem
A funebre pocira.

Mas inda inteiro o coração se via
Do peito nas cavernas,
Inda sangrento lagrimas chorava
De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
Ao orgão se assentou!
Já não dormem os sons, não dormem echos...
— O triste assim cantou:

« Onde estás, meo amor, meos encantos,
Por quem só me pezava morrer,
Doce encanto que á vida me prendes,
Que inda em morto me fazés soffrer?

« Doce amor, minha vida no mundo,
Desse mundo em que parte serás;
Em que scismas, que pensas, que fazes,
Onde estás, meo amor, onde estás?

« Ah! debalde na campa gelada
Fria morte me poude deitar!
Foi debalde, — que eu sinto, que eu ardo;
Foi debalde, que eu amo a penar.

« Ah! si eu triste no mundo pudesse
Como outr'ora viver, respirar.....
Não soubera dizer-te os ardores
Que o sepulchro não poude apagar.

« Onde estás? — Já da morte o bafejo
Por teo rosto divino roçou;
Já na campa descanças finada,
Que o teo corpo sem vida tragou?

« Mas a morte não poude impiedosa
Crua foice vibrar contra ti!
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro
Crús ardores quaes sempre soffri.

« E eu não posso o teo nome á noitinha
Entre as folhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas azas da brisa,
Nem teo somno de sonhos doirar.

« Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teo lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidoso da vida que amei.

« Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meo peito varou,
Quando a facil conversa de amores
Teo marido cioso quebrou?!

« Desde então hei penado sósinho,
Verte sangue meo peito — de então;
Poude a morte acabar-me a existencia,
Mas delir-me não poude a paixão!

« Nosso adultero affecto no mundo
Não se acaba; — assim quiz o Senhor!
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado
Teos encantos gentis, teo amor.

« Por te amar outras fragoas soffrera,
Outros transes e dòr e penar;
Oh! poder que eu pudesse outra vida
E outro inferno soffrer por te amar! »

Mas da aurora já raiava
Macio e brando clarão;
Macia e branda a canção
Do negro espectro soava.

E medroso se collava
Ao orgão seo negro véo,
Que imiga não se ajuntava
Ao seo vulto a luz do céo.

Pouco a pouco se perdia
O negro espectro; a canção
Pouco a pouco enfraquecia:
Do dia ao tenue clarão,

Era o cantar um soído
Fraco, incerto e duvidoso;
Era o vulto pavoroso
D'uma sombra vão tremido.

V

A MORTE

Dans sa douleur elle se trouvait malheureuse d'être immortelle.

FÉNELON.

Da aurora vinha nascendo
O grato e bello clarão;
Eu sonhava! já mais brandos
Erão meos sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,
Cresceo o subtil vapor;

Vi formada uma belleza,
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
Não se pintava o carmim;
Tinha um quê de cera juncto
À nitidez do marfim.

— Quem es tu, visão celeste,
Bello Archanjo do Senhor?
Respondeo-me: — Sou a Morte,
Crú phantasma de terror!

— Ah! lhe tornei: Es a morte,
Tão formosa e tão cruel!
— Correndo o mundo sósinha
No meo pallido corsel [1], —

Assim dizia — « Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meos deveres
Sem pezar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arranco
Ao joven, sem compaixão,
Á donzella pudibunda
Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrios
Do que faço aos mais soffrer,
Soffro dôr de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

[1] Et ecce equus pallidus et qui sedebat super illum nomen illi Mors.

Apoc., c. VI.

— Mas em parte a dôr me cura
Um pensamento, que é meo, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem p'ra o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão ;
Em labios que nunca orárão
Derramo pia oração.

— É meo poder quem apura
Os vicios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dôr ;
Sou quem prendo aos céos a terra,
Sou quem ligo a creatura
Ao ser do seo Creador.

— Mas qu'importa ? Sem descanço
É-me forçoso marchar,
Abater impías frontes,
Régias frontes decepar.

— Passar ao travez dos homens.
Como um vento abrasador :
Como entre o feno maduro
A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
Geração e geração,
Como peste que só reina
Em meio da solidão. » —

Desponta o sol radioso
Entre nuvens de carmim ;

Cessa o canto pezaroso,
Como córda aurea de Lyra,
Que se parte, que suspira
Dando um gemido sem fim.

O VATE

NO ALBUM DE UM POETA

Moi... j'aimerai ta victoire;
  Pour mon cœur, ami de toute gloire,
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
Poëte, j'eus toujours un chant pour les poëtes,
Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
  Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. Hugo.

Vate! vate! que es tu? — Nos seos extremos
Fadou-te Deos um coração de amores,
Fadou-te uma alma accesa borbulhando
Hardidos pensamentos, como a lava
Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.
Vate! vate! que es tu? — Foste ao principio
  Sacerdote e propheta;
Erão nos céos teos cantos uma prece,
  Na terra um vaticinio.
E ella cantavá então: — Jehovah me disse,
  Magestoso e terrivel:

«Vês tu Jerusalém como orgulhosa
Campêa entre as nações, como no Libano
«Um cedro a cuja sombra o hyssopo cresce?
«Breve a minha ira transformada em raios
  «Sobre ella cahirá;

«Um fero vencedor dentro em seos muros
«Tributaria a fará;
«Quando escravos seos filhos, sobre pedra
«Pedra não ficará.»

E os reprobos de sacco se vestião;
Em pó, em cinza envoltos;
E collando co'a terra os torpes labios,
E açoitando co'as mãos o peito imbelle,
Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante
Meditabundo sobre as mãos firmava,
Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão sanctos então. — Homero o mundo
Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —
Milton o paraiso, — forão grandes!

E hoje!... em nosso exilio erramos tristes,
Mimosa esp'rança ao infeliz legando,
Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;
E o infeliz se consola, e o grande treme.
Damos ao infante aqui do pão que temos,
E o manto além ao misero rachitico;
Somos hoje Christãos.

Á MORTE PREMATURA

DA ILL.ᵐᵃ S.ʳᵃ D...

(No album de seo Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

On dirait que le ciel aux cœurs plus magnanimes
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade
Qual flôr, que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES. *Soneto.*

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brazil os bosques brandamente
Fazião balançar, — e que espalhavão
No ether encantado odôr, pureza —
Do que a rosa mais bella,—meiga e casta,
Como a virgens do sol,
Que de vezes do sol, não foi ella pendente
Dos braços fraternaes em meigo abraço ;
Como mimosa flôr presa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergontea debil
Lhe ampara docemente!...

E o Irmão que só n'ella se revia,
O Irmão que a adorava, qual se adora
Um mimo do Senhor ;
Que a tinha por pharol, conforto e guia,

Os seos dias contava por encantos ;
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreo no viço de seos annos !...
E a lagem fria e muda dos sepulchros
Se fechou sobre o ente esmorecido
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças !...

Campa ! campa ! que de terror incutes !
Quanto esse teo silencio me horrorisa !
E quanto se assemelha a tua calma
Ã do cruel malvado que impassivel
Contempla a sua victima torcer-se
Em convulsões horriveis, desesp'radas ;
Crúas vascas da morte !...
Quem tão má te creou ?
Tu que tragas o ente que esmorece
Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
De formosura e graças ?!

O pharol se apagou a luz sumio-se !
Como o fugaz clarão do meteóro,
Extinguio-se a esperança ; — e o mal-fadado
Sobre a terra deserta em vão procura
Traços d'essa que amou, que tanto o amára ;
Da joven companheira de seos brincos,
Pezares e alegrias.
Elle a procura !... o viajor pasmado,
Nos campos de Pompéia, alonga a vista
Pela amplidão do praino,
Destroços e ruinas encontrando,
Onde esperáva movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue
Poupar-te dessas lagrimas metade! [1]
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso,
Que tanto me compraz ver-te nos labios,
Inda uma vez brilhasse!
E essa existencia,
Que tão cara me é, t'a visse eu leda,
E feliz como a vida dos Archanjos!
Infeliz é quem chora: ella finou-se,
Porque os anjos á terra não pertencem;
Mas lá dos immortaes sobre os teos dias
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rosas, açucenas,
Vinde, roxas saudades;
Orvalhai, tristes lagrimas, as c'roas,
Que hão de a campa adornar por mim depostas
Em holocausto á victima da morte.
Innocencia, pudor, belleza e graça
Com ella n'essa campa adormecêrão.
Anjo no coração, anjo no rosto,
Devêra o amor chorar sobre o teo seio,
Que não grinaldas funebres tecer-te;
Devêra voz d'esposo acalentar-te
O somno da innocencia,— não grosseira
Canção do trovador não conhecido.

Coimbra, Junho de 1841.

[1] Na primeira edição achão-se aqui mais os seguintes versos omittidos na 2ª:

Não poder eu correr por esse mundo,
Espessas brenhas, escarpadas rochas,
Assorberbar torrentes, e trazer-te
As aguas soporiferas do Lethes!

A MENDIGA

Donnez : —
Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,
Vous direz : J'ai connu la pitié sur la terre,
Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

I

Eu sonhei durante a noite...
Que triste foi meo sonhar!
Era uma noite medonha,
Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro
Das trevas, meos olhos vião
Triste mendiga formosa,
Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,
Porém candida donzella;
Pudibunda, affavel, doce,
Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,
Que o seo corpo mal cubrião;
Por vergonha os olhos d'ella
Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas
Cortador o frio entrava;
Tinha fome e sede, — e o pranto,
Nos seos olhos borbulhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido
Um fugaz meteóro, vi descendo
Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,
E mudo a contemplava. — Uma tristeza
Sympathica, indizivel pouco e pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enferma e chóra. — Ella no peito
Menor sentio a dôr, e humilde orava.

II

De um vasto edificio nas frias escadas
Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião,
Secreto concilio de socios piedosos,
Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,
E d'elle partia confuso rumor:
— A dança girava, e a orchestra sonora
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,
Rugindo se abria o ruidoso portão;
Effluvios de incenso nos ares corrião
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli 'stava ao relento,
Com fome, com frio, com sede e com dôr;
E eu vi o seo anjo, mais triste no aspecto,
Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio
Um vulto chegou.
— Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga:
E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,
Lhe disse : — O teo nome? —
Tornou-lhe a mendiga : — Senhor, uma esmola,
Que eu morro de fome.

Não dizes teo nome? — lhe torna o soberbo.
— Sou orphã, sósinha ;
Meo nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,
Se eu chóro mesquinha !

Em vís meretrizes não cabe esse orgulho,
Tornou-lhe o Senhor,
Que á noite, nas trevas, contractão no crime,
Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido á piedade
Com força batia ;
Co'o peso do insulto accrescido á crueza
A triste gemia.

III

Eis que ouvi um rodar, que a todo o instante
Mais distincto se ouvia ; e logo um forte,
Fascinador clarão por toda a rua
Se derramou soberbo. — Infindos pagens
Ricas librés trajando, mil archotes
Nos ares revolvião ; — fortes, rápidos,
Fumegantes corseis, sorvendo a terra,
Tiravão rica sege melindrosa.
Sobre a terra saltou airosa e bella
Á dona, em frente do festivo paço ;
E a mendiga bradou : — Senhora minha,
Dai uma esmola, dai ! — Á voz dorida
Volveo-se o rosto d'anjo, porém d'anjo
Não era o coração ; — foi-lhe importuno,

Mais que importuno... da mesquinha o grito!
E da mendiga o protector celeste
Parecia fallar em favor d'ella ;
E a rica dona o escutava, como
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
E eu dizia tambem : — O' bella Dona,
Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve
Um óbolo mesquinho, que não póde
Siquer um diche sem valor comprar-vos?
Ah! bella como sois, que vos importão
Custosas flôres, com que ornais a fronte?
Para a salvar do vortice do crime,
O preço d'ellas, de uma só, da coisa
Que sem valor julgardes, é bastante.
Sabeis? — Além da vida, além da morte,
Quando deixardes o oiropel na campa,
Quando subirdes do Senhor ao throno,
Sem andrajos siquer, tambem mendiga,
Alli tereis as lagrimas do pobre,
A benção do affligido, a prece ardente
Do que soffrendo vos bemdice, — ó Dona...
. . . .
Fechou-se a porta festival sobre ella!
E a donzella se ergueo, córou de pejo,
Lançando os olhos pela rua escusa,
E segura no andar, e firme, á porta
Do palacio bateo — entrou — sumio-se.

E o anjo, como afflicto sob um peso,
Um gemido soltou ; era uma nota
Melancolica e triste, — era um suspiro
Mavioso de virgem, — um soído
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,
Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV

Dos muros ao travez meos olhos virão
Soberba roda de convivas, — todos
Velludos, sedas, e custosas galas
Trajavão senhoris. — Reinava o jogo
Aváro e grave, leda e viva a dança
Em vortices girava, a orchestra doce
Cantava occulta; condensados, bastos,
Em redor do banquete estavão muitos.
A mendiga alli estava, — não trajando
Sujos farrapos, mas delgadas telas.
Chovião brindes e canções e vivas
Á Deosa airosa do banquete; todos
Um volver dos seos olhos, um sorriso,
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
Cubiçavão rivaes; — e alli com ella,
Como um raio do sol por entre as nuvens
Lá na quadra hibernal penetra a custo
Quasi sem vida, sem calor, sem força,
Menos brilhante vi seo anjo bello.
Nos curtos labios da feliz mendiga
Passava rapido um sorriso ás vezes;
Outras chorava, no volver do rosto,
Na taça do prazer sorvendo o pranto.
Encontradas paixões sentia o anjo:
Parecia chorar co'o seo sorriso,
Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

A' ESCRAVA

O bien qu'aucun bien ne peut rendre!
O patrie! ô doux nom que l'exil fait comprendre!
C. Delavigne. — *Marino Faliero.*

Oh doce paiz de Congo,
Doces terras d'além mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia
De vasta, immensa extensão,
Onde livre corre a mente,
Livre bate o coração!

Onde a leda caravana
Rasga o caminho passando,
Onde bem longe se escutão
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista
O turbante musulmano,
O Yatagan recurvado,
Preso á cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
Se espelha, como no mar;
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra
Desenrolava o seo véo,
Quando siquer uma estrella,
Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro
De mansa brisa fagueira,
Eu o aguardava — sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
D'elle á base uma corrente
Despenhada sobre pedras,
Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia:
— Minha Alsgá, não tenhas medo;
Vem commigo, vem sentar-te
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
— Irei comtigo, onde fores! —
E tremendo e palpitando
Me cingia aos meos amores.

Elle depois me tornava
Sobre o rochedo — sorrindo:
— As agoas d'esta corrente
Não vès como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,
Minha Alsgá; depois morrer
Só nos resta!... — Pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves
Espantados — Ah! tambem
Arfa o teo peito anciado!...
Acaso temes alguem?

Não receies de ser vista,
Tudo agora jaz dormente;

Minha voz mesmo se perde
No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremeces,
Porque me foges assim?
Não te partas, não me fujas,
Que a vida me foge a mim!

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente?
Quem o ouvio? — o som perdeo-se
No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar!
Oh! doces terras de Congo,
Doces terras d'além mar!

Do rispido Senhor a voz irada,
Rábida sôa,
Sem o pranto enchugar a triste escrava
Pávida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,
Onde nascêra,
Onde vivêra tão ditosa, e onde
Morrer devêra!

Soffreo tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Misera escrava! no soffrer cruento,
Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,
Mais um canto de lagrimas ardentes,
Oh ! minha Harpa, — oh ! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meo amigo : da minha alma
Foi uma lyra outr'ora o instrumento ;
Cantava n'ella amor, prazer, venturas,
Até que um dia a morte inexoravel
Triste pranto de irmão veio arrancar-te !
As lagrimas dos olhos me cahirão,
E a minha lyra emmudeceo de magoa !
Então aventei eu que que a vida inteira
Do bardo, era um perenne sacerdocio
De lagrimas e dôr ; — tomei uma Harpa :
Na corda da aflicção gemeo minha alma,
Foi meo primeiro canto um epicedio ;
Minha alma baptizou-se em pranto amargo,
Na fragoa do soffrer purificou-se !

Lancei depois meos olhos sobre o mundo,
Cantor do soffrimento e da amargura ;
E vi que a dôr aos homens circumdava,
Como em roda da terra o mar se estreita ;
Que apenas desfructamos, — miserandos !
Desbotado prazer entre mil dôres,
— Uma rosa entre espinhos aguçados,
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meo espirito,
E a minha voz queixosa perguntou-lhe ;

— Senhor, porque do nada me tiraste,
Ou porque a tua voz omnipotente
Não fez secar da minha vida a seve,
Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeo-me dentro d'alma:
— Ardão teos dias como o feno, -- ou durem
Como o fogo de tocha resinosa,
— Como rosa em jardim sejão brilhantes,
Ou baços como o cardo montesinho,
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
Á extrema — da maior á mais pequena,
Nas azas do tufão — entre perfumes,
Um cantico de amores exaltárão
Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:
— Elle nos faz gemer porque nos ama;
Vem o perdão nas lagrimas contritas,
Nas azas do soffrer desce a clemencia;
Sobre quem chora mais elle mais vela!
Seo amor divinal é como a lampada,
Na abobada d'um templo pendurada,
Mais luz filtrando em mais opácas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo
É balsamo ao que morre, — é lenitivo,
Mas doloroso, mas funereo e triste
A quem lhe carpe infausto a morte crua.
Mas, quando a alma do justo, espedaçando
O envolucro de lodo, aos céos remonta,
Como estrada de luz correndo os astros,
Seguindo o som dos canticos dos anjos
Que na presença do Senhor se elevão;
Choro ... tambem Jesus chorou a Lazaro!

Mas na excelsa visão que se me antolha
Bebo consolações, — minha alma anceia
A hora em que tambem ha de asilar-se
No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo; porém, quando sentires
O pranto nos teos olhos condensar-se,
Que já não póde mais banhar-te as faces,
Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra,
Onde o orvalho se cria, onde parece
Que a timida esperança nasce e habita.
E se eu — feliz! — puder inda algum dia
Ferir por teo respeito na minha harpa
À leda corda onde o prazer palpita,
A corda do prazer que ainda inteira,
Que virgem de emoção inda conservo,
Si spenderei minha harpa d'algum tronco
Em off'renda á fortuna; — alli sósinha,
Tangida pelo sopro só do vento,
Ha de mysterios conversar co'a noite,
De acorde extreme perfumando as brisas;
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros
Que não ha de cantar a desventura,
Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

Et dulces moriens reminiscitur Argos.
VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint.
SCHILLER.

A aurora vem despontando,
Não tarda o sol a raiar;

Cantão aves, — a natura
  Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
  Onda queixosa murmura,
Bem mansa aragem fagueira
  Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,
  É hora cheia de amor ;
A relva brilha enfeitada,
  Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,
  Como um corsel a nitrir ;
Suspensa a amarra tem presa,
  Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
  Leve barco vem vogando ;
Nelle um velho cujas faces
  Mudo chôro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
  Que chorava,
Por assim deixar seos lares,
  Que deixava ?

« Ancião, porque te ausentas ?
  Corres tu traz de ventura?
Louco ! a morte já vem perto,
  Tens aberta a sepultura.

« Louco velho, já não sentes
  Bater frouxo o coração ?
Oh ! que o sente ! — É lei d'exilio
  A que o leva em tal sazão !

« Não ver mais a cara patria,
Não ver mais o que deixava,
Não ver nem filhos, nem filhas,
Nem o casal, que habitava! ...

« Oh! que é má pena de morte
A pena de proscripção;
Traz dôres que martyrisão,
Negra dôr de coração!

« Pobre velho! — longe, longe
Váis sustento mendigar;
Tens de soffrer novas dôres,
Novos males que penar.

« Não t'ha de valer a idade,
Nem a dôr tamanha e nobre;
Tens de tragar vis affrontas,
— Insultos que soffre o pobre!

« Nada acharás no degredo,
Que falle dos filhos teos;
Ninguem sente a dôr do pobre...
Só te fica a mão de Deos.

« O sol, que além vês raiando
Entre nuvens de carmim,
N'outros climas, n'outras terras
Não verás raiar assim.

« Não verás a rocha erguida,
Onde t'ias assentar,
Nem o som bem conhecido
Do teo sino has de escutar.

« Ha de cahir sobre as ondas
O pranto do teo soffrer,

E n'esse abysmo salgado,
Salgado, se ha de perder. »

Já chegou junto á fragata,
Já na escada se apoiou,
Já com voz entrecortada
Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas
Ao vento que o vai guiar;
E a fragata mui veleira
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silencio
A calva testa dobrou,
E pranto mais abundante
O rostro senil cortou.

Inda se vê branca a vela
Do navio, que partio;
Mais além — inda se avista!
Mais além — já se sumio!

O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
Terrivel seo olhar;
E o senho carregado pretendia
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
Fervia-lhe o rancor!
E aos demais homens, como um cedro á relva,
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seos filhos,
Dentro do humilde lar,
Quizera, antes que os d'elle, ver de um tigre
Os olhos fusilar :

Que a um filho seo talvez quizera o nobre
Para um Executor ;
Ou para o leito infesto alguma filha
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe ? — Apenas
Algum pobre ancião
Já sobre o seo sepulchro, desejando
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorrêrão ;
E eis que elle se sumio !
E a lagem dos sepulchros fria e muda
Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião
Exulta com seo fim !
E a turba applaude ; e ninguem chora a morte
De homem tão ruim.

O COMETA

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS.

Non est potestas, quæ comparetur ei qui factus est ut nullum timeret.

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa !
A immensa cabelleira o espaço alastra,

E o nucleo, como um sol tingido em sangue,
Alvacento luzir vérte agoireiro
Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
Dos labios removei a taça ingente,
Que em vossas festas gyra; eis que rutila
O sanguineo cometa em céos infindos!...
Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;
Como indocil corsel que morde o freio,
Retinha-o só a mão do Omnipotente.
Affim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,
Que ao vento solta a coma desgrenhada,
E vai, nescio de si, livre de ferros,
De encontro ás duras rochas. — tal progride
O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
O mundo em mil pedaços se converte;
Mil centelhas de luz brilhão no espaço
A esmo, como um tronco pelas vagas
Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,
Comsigo o arrastra e leva transformado;
A cauda portentosa o enlaça e prende,
E o astro vai com elle, como argueiro
Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,
Elle perturba o espaço; — como a lava,

Elle marcha incessante e sempre; — eterno,
Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,
— As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!
E aos homens diz — e magestoso e grande
Que jamais o verão; e passa, e longe
Se entranha em céos sem fim, como se perde
Um barco no horisonte!

O OIRO

Oiro, — poder, encanto ou maravilha
Da nossa idade, — regedor da terra,
Que dás honra e valor, virtude e força,
Que tens offertas, oblações e altares, —
Embora teo louvor cante na lyra
Vendido Menestrel que pôde insano
Do grande á porta renegar seo genio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,
Meo corpo lanço, descançando a fronte
N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
Sou mais que um rei co'o meo docel de nuvens
Que tem gravados scintillantes mundos!
Com a vista no céo percorro os astros,
Vagueia a minha mente além das nuvens,
Vagueia-o meo pensar — alto, arrojado
Além de quanto o olhar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me calão n'alma
D'amor ardente enlevos indiziveis;

Se tento ás gentes redizer seo nome,
Queimadoras palavras se atropellão
Nos meos labios; — prophetica harmonia
Meo peito anceia, e em borbotões se expande.
Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
Teos prodigios, e teo poder immenso:
O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,
A terra ao céo, o tempo á eternidade!

De mundo as illusões, vaidade, engano,
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —
Tudo esse nome arrastra, prostra e some;
Como aos raios do sol desfeito o gêlo,
Que em ondas corre no pendor do monte,
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos
Comsigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO

OFFERECIDA Á EX^ma S^ra D. M. L. L. V.

I

Gentil, engraçado infante,
Nos teos jogos inconstante,
Que tens tão bello semblante,
Que vives sempre a brincar,
— Dos teos brinquedos te esqueces
A noitinha, — e te entristeces
Como a bonina, — e adormeces,
Adormeces a sonhar!

II

Infante, serão as côres
De varias, viçosas flôres,

Ou são da aurora os fulgores
Que vem teos sonhos doirar?
Foi de algum ente celeste,
Que de luzeiros se veste,
Ou da brisa é que aprendeste,
Que aprendeste a suspirar?

III

Tens no rosto afogueado
Um qual retrato acabado
De um sentir aventurado,
Que te ri no coração;
É talvez a voz mimosa
De uma fada caprichosa,
Que te promette amorosa
Algum brilhante condão!

IV

Ou por ventura es contente,
Porque no sonho, que mente,
Phantasiaste innocente
Algum dos brinquedos teos!...
Senhor, tens bondade infinda!
Fizeste a aurora bem linda,
Creaste na vida ainda
Um'outra aurora dos céos.

V

O som da corrente pura,
A folhagem que susurra,
Um accento de ternura,
De ternura divinal;
A indizivel harmonia
Dos astros no fim do dia,

A voz que Memnon dizia,
Que dizia matinal;

VI

Nada d'isto tem o encanto,
Nada d'isto póde tanto
Como o risonho quebranto,
Divino — do seo dormir;
Que nada ha como a Donzella
Pensativa, doce e bella,
E a comparar-se com ella...
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando
Despertas do somno brando
Assustado e soluçando...
Foi uma revelação!
Esta vida acerba e dura
Por um dia de ventura
Dá-nos annos de amargura
E fragoas do coração.

VIII

Só aquelle que da morte
Soffreo o terrivel córte,
Não tem dòres que supporte,
Nem sonhos o acordarão:
Gentil infante, engraçado,
Que vives tão sem cuidado,
Serás homem — mal peccado!
Findará teo sonho então.

O PIRATA

(EPISODIO.)

Nas azas breves do tempo
  Um anno e outro passou,
E Lia sempre formosa
  Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,
  De mimos cheia, lh'off'rece;
E bella, apesar de ingrata,
  Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou, que longe pára,
  Do que a amou, que pensa n'ella,
Pensando encontrar firmeza
  Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto
  Já luzes se vêm luzir,
Que vem nas sedas, nos vidros
  Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,
  Sôa ruidosa harmonia,
Sôão vozes de ternura,
  Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio
  A face do mar desflora,
Á noite bella fragata
  Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas
  Inquieta, esguia falúa,

Que resvala sobre as agoas
Na esteira que traça a lua.

Já na vácua praia toca;
Um vulto em terra saltou,
Que na longa escadaria
Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! porque aportas
A este sitio fatal!
Queres o brilho augmentar
Das bodas do teo rival?

Não, que a vingança lhe range
Nos duros dentes cerrados;
Não, que a cabeça referve
Em máos projectos damnados!

Não, que os seos olhos bem dizem
O que diz seo coração;
Terriveis, como um espelho,
Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados
Vociferão seo rival;
Não, que a mão no peito aperta
Seo pontugudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas
Não as sóe deixar impunes,
Quem tem ao lado um punhal,
Quem tem no peito ciumes!

Sibio! — e vio com seos olhos
Ella a rir-se que dançava,
Folgando, infame! nos braços
Por que assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,
  E vio... o leito fatal!
E vio... e cheio de raiva
  Cravou no meio o punhal.

E avançou... e á janella
  Sosinha a vio suspirar,
— Saudosa e bella encarando
  A immensidade do mar.

Como se vira um espectro,
  De repente ella fugio!
Tal foge a corça nos bosques
  Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizel-o?
  Forão vislumbres de dôr;
Coração, que tem remorsos,
  Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,
  Horrivel nada encontrou...
Sómente, ao longe, nas sombras,
  Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
  Nada mais de seo contava!
Nada mais que essa fragata!
  Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava
  De no mundo só se achar?
Inda muito lhe ficava —
  Agoa e céos e vento e mar.

Assim pensava; mas n'isto
  Descortina o seo rival,

Não visto: — a mão na cintura
  Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou... — não, seja d'ella,
  E tenha zelos como eu! —
Larga o punhal, e um retrato
  Na dextra mão estendeo.

Porém sentio que inda tinha
  Mais que branda compaixão;
Miserando! inda guardava
  Seo amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
  Foi culpa do fado meo!
Nada mais de pensar n'ella;
  Finjamos que ella morreo.

Por entre a turba que alegre
  No baile — a sorrir-se estava,
Mudo, triste, e pensativo
  Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu
  Apagava o seo rumor,
Chegava Lia á janella,
  Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horisonte
  Uma vela inda avistou;
E co'a mão tremula e fria
  O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,
  Que tinha um globo pintado;
E no mastro da mesena
  Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seos olhos,
Os olhos seos enxugou;
E o telescopio de novo
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
Parece reconheceo;
Mas a vela no horisonte
Para sempre se perdeo.

A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS

AO SEO QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO
A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter ea instabilis facta est; omnes qui glorificabant eam, spreverunt illam, quia viderunt ignominiam ejus; ipsa autem gemens conversa est retrorsum.

LAMENT. *Jeremias.*

I

O immenso aposento a luz alaga
Com soberbo clarão,
E as mezas do banquete se devolvem
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes sôão
Frenetica harmonia;
E o côro dos convivas se levanta
Pleno d'ebria alegria!

Alli se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,

Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Immundo pobre no seo manto envolto
De miserias, torpeza e villanias;
— A prostituta que alardêa os vicios,
Menosprezando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,
Os cantos immoraes, canções impudicas,
Gritos e orgia envolta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdião;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos echos, ruas, praças rebatião.

II

Depois, ainda suja a bocca, as faces,
D'immundo vomitar,
Com vacillante pé calcando a terra
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
A nocturna cohorte;
Ouvião-se depois por toda a parte
Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,
Que assassinava;
Porque era d'um valente o punhal nobre,
Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão
Da porta pelo umbral:
Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,
Tincto em sangue o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
Da noite derradeira ;
E a morte vária revelava a furia
Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia
O tum'lo por dinheiro ;
Vendia a terra aos mortos insepultos,
O vil interesseiro !

Ou al ficavão, como pasto aos corvos,
Por sobre a terra núa ;
E ninguem de tal sorte se pesava,
Que ser podia a sua !

«E Deos maldisse a terra criminosa,
«Maldisse os homens della,
«Maldisse a cobardia dos escravos
«D'essa terra tão bella.»

III

E a mortifera peste luctuosa
Do inferno rebentou,
E nas azas dos ventos pavorosa
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
Longa vida futura,
Doido sentio quebrar-lhe as asperanças
Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia
Confiada no amor,
Entre os braços da mãi provou bem cedo
Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava
Morrer assim
Como um fructo maduro destacado
D'arvore emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,
Como um bulcão,
Que affronta o nauta quando avista a terra
Da salvação.

Era deserta a villa, a casa, o templo —
Ar de morte soprou !
Mas a casa dos vis nos seos delirios
Ebria continuou !

«E Deos maldisse a terra criminosa,
«Maldisse os homens d'ella,
«Maldisse a cobardia dos escravos
«Dessa terra tão bella.»

IV

Eis o aço da guerra lampeja,
Do fogoso corsel o nitrido,
Eis o bronzeo canhão que rouqueja,
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros luzentes,
Já se enfreião corseis bellicosos,
Já mancebos se partem contentes,
Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos ; — nas faces
O interno rancor pódes ler ;
Eia, avante ! — clamárão os bravos,
Eia, avante ! — ou vencer ou morrer !

Eia, avante! — briosos corramos
Na peleja o imigo bater;
Crua morte na espada levamos!
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
Do corsel bellicoso o nitrido,
Eis o bronzeo canhão que rouqueja
E da morte represso o gemido.

V

E a selva vomitou homens sem conto
Á voz do omnipotente,
Como a neve hibernal que o sol derrete,
Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitárão,
Cingidos d'armadura;
E a villa se doeo no intimo seio
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradárão: — Eia, avante!
Promptos a batalhar;
Mas o braço e valor ante os imigos
Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutárão,
Cheios de bizarria,
Como dois crocodilos que brigassem
D'um rio a primazia!

E rendêrão-se emfim, mas de famintos,
De sequiosos;
Valentes lidadores forão elles,
Se não briosos.

VI

E o exercito contrario entra rugindo
Na villa, que as suas portas lhe franqueia :
Rasteiro corre o incendio e surdamente
O custoso edificio ataca e mina.
Eis que a chamma roaz amostra as fendas
Das portas que se abrasão ; descortina
O torvo olhar do vencedor — apenas —
Lá dentro o incendio só, fóra só trevas !
Urros de frenesí, de dòr, de raiva
Escutão dos que, ás subitas colhidos,
Contra os muros em brasa se arremeção ;
Dos que, perdido o tino, intentão loucos
Achar a salvação, e a morte encontrão.
Lá dentro confusão, silencio fóra !
São carrascos aqui, victimas dentro.
Geme o travejamento, estrala a pedra,
Cresce horror sobre horror, desaba o tecto,
E o fumo ennegrecido se ennovella
Co'o vertice sublime os céos roçando.
Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens,
Como ignea columna que da terra
Hiante rebentasse, — tal se eleva,
Tal sóbe aos ares, tal se empina e cresce
A labareda portentosa ; e baixa,
E desce á terra, e o edificio enrola,
E o sorve inteiro, qual se forão vagas
Que a dura rocha do alicerce abalão,
Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo
Levão, deixando o mar branco d'espuma.
No horror da noite, sibilando os ventos,
Lingoas pyramidaes do atroz incendio,
Fumosas pelas ruas estalando,

Tingem da côr do inferno a côr da noite,
Tingem da côr do sangue a côr do inferno!
— O ar gritos, fumo o céo, e a terra fogo.

VII

E aquelles que inda sãos e immunes erão,
Os que a peste engeitou,
Que fome e sede e privações soffrêrão...
A espada decepou.

E a donzella tremeo, da mãi nos braços
Não salva ainda,
Que incitava os prazeres do soldado
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella
Sentio prazer,
Sente martyrios porque a vê formosa
No seo morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,
Tudo destruição:
A columna, o palacio, a casa, o templo,
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
Já rojão sobre o pó;
Mas o Deos, o Deos bom já está vingado,
Por ella sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,
Lá resurgio cidade;
Porque o Deos da justiça, o das armadas,
O Deos é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA

RECORDAÇÃO E DESEJO

AO MEO BOM AMIGO O Dr A. REGO.

Sol chi non lascia eredità d'affetti
Poca gloria ha dell' urna.
FOSCOLO.

I

Houve tempo em que os meos olhos
Gostavão do sol brilhante
E do negro véo da noite,
E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem
Em céo de azul espraiada,
Do terno gemer da fonte
Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres
De bella flôr vicejante,
E a voz immensa e forte
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
A luz brilhante, o susurrar da brisa,
O verde bosque, o rosicler d'aurora,
Estrellas, céos, e mar, e sol, e terra,
D'esperança e d'amor minha alma ardente,
De luz e de calor meu peito enchião.
Inteira a natureza parecia
Meos mais fundos, mais intimos desejos

Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
Parecia enfeitar co'os seos encantos,
Com todo o seo amor compôr, doiral-o,
Porque os meos olhos deslumbrados vissem-no,
Porque minha alma de o sentir folgasse.
Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
Nas folhas susurrando, o som das agoas,
Dos bosques o rugir; — se os desejava,
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante
Das agoas murmurar prestes ouvia.
Se o sol doirava os céos, se a lua casta,
Se as timidas estrellas scintillavão,
Se a flôr desabrochava envolta em musgo,
— Era a flôr que eu amava, — erão estrellas
Meos amores sómente, o sol brilhante,
A lua merencoria — os meos amores!
Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,
Acôrdo extremo de vontade e força,
Que atava minha vida á natureza!
Ella era para mim bem como a esposa
Recem-casada, pudica sorrindo;
Alma de noiva — coração de virgem,
Que a minha vida inteira abrilhantava!
Quando um desejo me brotava n'alma,
Ella o desejo meo satisfazia;
E o quer que ella fizesse ou me dissesse,
Esse era o meo desejo, essa a voz minha,
Esse era o meo sentir do fundo d'alma,
Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flôr que m'importa,
Ou a brisa perfumada,

Ou o som d'amiga fonte
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa
Do bosque verde-frondoso,
Que m'importa a branca lua,
Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,
Quando se pinta no céo;
Que m'importa a feia noite,
Quando desdobra o seo véo?

Estas scenas, que amei, já me não causão
Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,
Minha alma um só desejo não concebe,
Nem vontade já tem! . . . Oh! Deos! quem póde
Do meo imaginar as puras azas
Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,
Rojal-as sobre o pó, calcal-as tristes?
Perante a creação tão vasta e bella
Minha alma é como a flôr que pende murcha;
É qual profundo abysmo: — embalde estrellas
Brilhão no azul dos céos, embalde a noite
Estende sobre a terra o negro manto:
Não póde a luz chegar ao fundo abysmo,
Nem póde a noite ennegrecer-lhe a face;
Não póde a luz á flôr prestar mais brilho,
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meos olhos
Se extasiavão de ver
Agil donzella formosa
Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,
Que revelasse pudor;
Gostavão de uns olhos negros,
Que rutilassem de amor.

E gostavão meos ouvidos
De uma voz — toda harmonia, —
Quer pezares exprimisse,
Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
Da vida a estreita senda desflorando
Com pé ligeiro e animo tranquillo;
Improvida e brilhante parecendo
Seos dias desfolhar, uns após outros,
Como folhas de rosa; — e no futuro —
Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.
Era deleite e dòr vèl-a tão leda
Do mundo as afflicções: angustias, prantos
Affrontar co'um sorriso; era um descanso
Interno e fundo, que sentia a mente,
Um quadro em que os meos olhos repousavão,
Ver tanta formosura e tal pureza
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

IV

Houve tempo em que os meos olhos
Gostavão de lindo infante,
Com a candura e sorriso
Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto
De magestoso ancião,
Tendo nos labios conselhos,
Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,
Outro a verdade sem véo ;
Ambos tão puros, tão graves,
Ambos tão perto do céo !

Infante e velho ! — principio e fim da vida ! —
Um entra neste mundo, outro sae delle,
Gozando ambos da aurora ; — um sobre a terra,
E o outro lá nos céos. — O Deos, que é grande,
Do pobre velho compensando as dòres,
O chama para si ; o Deos clemente
Sobre a innocencia de continuo vela.
Amei do velho o magestoso aspecto,
Amei o infante que não tem segredos,
Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
Amei as doces voces da innocencia,
A rispida franqueza amei do velho,
E as rigidas verdades mal sabidas,
Só por labios senis pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possivel
Eu julguei no mundo achar
Dois amigos extremosos,
Dois irmãos do meu pensar ;

Amigos que compr'hendessem
Meo prazer e minha dòr,
Dos meos labios o sorriso,
Da minha alma o dissabor ;

Amigos, cuja existencia
Vivesse eu co'o meo viver :
Unidos sempre na vida,
Unidos — té no morrer.

Amizade! união, virtude, encanto —
Consorcio do querer, de força e d'alma —
Dos grandes sentimentos cá da terra
Talvez o mais reciproco, o mais fundo!
Quem ha que diga : Eu sou feliz! — se acaso
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
Que sinta o seo prazer como elle o sente?
Que soffra a sua dôr como elle a soffre?
Quando a ventura lhes sorri na vida,
Um a par d'outro — eil-os lá vão felizes;
Quando um sente afflicção, nos braços do outro
A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,
Encontra doce alivio o desditoso
No thesouro que encerra um peito amigo.
Candido par de cysnes, vão roçando
A face azul do mar co'as niveas azas
Em deleite amoroso; — acalentados
Pelo sereno espreguiçar das ondas,
Aspirando perfumes mal sentidos,
Por vespertina arajem bafejados,
É jogo o seo viver; — porém, se o vento
No frondoso arvoredo ruge ao longe,
Se o mar, batendo irado as ermas praias,
Cruzadas vagas em novello enrola,
Com grito de terror o par candente
Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia
Uma mulher ao meo Deos,
Uma mulher que eu amasse,
Um dos bellos anjos seos.

Em que eu a Deos só pedia
Com fervorosa oração
Um amor sincero e fundo,
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
Contra o meu peito bater,
Sómente um dia... sómente!
E depois delle morrer.

Amei! e o meo amor foi vida insana!
Um ardente anhelar, cauterio vivo,
Posto no coração, a remordel-o.
Não tinha uma harmonia a natureza
Comparada á sua voz; não tinha côres
Formosas como as della, — nem perfumes
Como esse puro odor qu'ella esparzia
D'angelica pureza. — Meos ouvidos
O feiticeiro som dos meigos labios
Ouvião com prazer; meos olhos vagos
De a ver não se cansavão; labios d'homens
Não poderão dizer como eu a amava!
E achei que o amor mentia, e que o meo anjo
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,
A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,
Bem longe quando eu perto os carecia.
Conclui que a amizade era um phantasma,
Na velhice prudente — habito apenas,
No joven — doudejar; em mim lembrança;
Lembrança! — porém tal que a não trocára
Pelos gozos da terra; — meos prazeres
Forão só meos amigos, — meos amores
Hão de ser neste mundo elles sómente.

VII

Houve tempo em que eu sentia
Grave e solemne afflicção,
Quando ouvia junto ao morto
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
Em sons pesados dobrar,
E os cantos do sacerdote
Erguidos junto do altar

Quando via sobre um corpo
A fria lousa cahir;
Silencio debaixo della,
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
Tepida talvez com o pranto amargo
Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,
Ou se almas tem amor aos seos despojos,
Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,
E o gozo lá dos céos, e os córos d'anjos,
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
Que chorão sobre a campa, onde já brota
O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera
Gozar do teo descanço, ir asilar-me
Sob o teo sancto horror, e nessas trevas
Do bulicio do mundo ir esconder-me!
Oh! lagem dos sepulchros! quem me désse
No teo silencio fundo asilo eterno!
Ahi não pulsa o coração, nem sente
Martyrios de viver quem já não vive.

HYMNOS

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE
AO Dr J. D. LISBOA SERRA.

O MAR

Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche,
Océan, terrible océan!

TURQUETY.

Oceano terrivel, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolão
Floridas rebentando em branca espuma
N'um pólo e n'outro pólo,
Emfim... emfim te vejo; emfim meos olhos
Na indomita cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teo sanhudo e forte
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,
Esse rugido teo? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abysmo

Chamando á superficie infindas vagas,
Que avaro encerras no teo seio undoso ;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobresáe teo rugido.
Em vão troveja horrisona tormenta ;
Essa voz do trovão, que os céos abala,
Não cobre a tua voz. — Ah ! d'onde a houveste,
Magestoso oceano ?

Ó mar, o teo rugido é um echo incerto
Da creadora voz, de que surgiste :
Seja, disse ; e tu foste, e contra as rochas
As vagas compelliste.
E á noite, quando o céo é puro e limpo,
Teo chão tinges de azul, — tuas ondas correm
Por sobre estrellas mil ; turvão-se os olhos
Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto
Julgo ser teo rugir ; mas só, perenne,
Imagem do infinito, retratando
As feituras de Deos.
Por isto, a sós comtigo, a mente livre
Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,
E d'este lodo terreal se apura,
Bem como o bronze ao fogo.
Férvida a Musa, co'os teos sons casáda,
Glorifica o Senhor de sobre os astros
Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,
E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu ? Se erriças
A coma perigosa, a náo possante,
Extremo de artificio, em breve tempo
Se afunda e se anniquila.

Es poderoso sem rival na terra;
Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,
Tão forte contra os homens, tão sem força
Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está marcado,
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
Teo sonoro rugido.
Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará n'um relance o circl'o estreito
Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencoria virgem, quando a noite
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa,
Que entre flôres suspira.

IDÉIA DE DEOS

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gespann.

KLEIST.

I

A voz de Jehovah infindos mundos
Se formárão do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as espheras nos céos erguêrão hymnos
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a creação, que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,
O que é para o Senhor:
Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
E tudo nota e vê —
O argueiro, os mundos, o universo, o justo,
E o homem que não crê.

E elle que póde anniquilar os mundos,
Tão forte como elle é,
E vê e passa, e não castiga o crime,
Nem o impio sem fé!

Porém, quando corrupto um povo inteiro
O Nome seo maldiz,
Quando só vive de vingança e roubos,
Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
Soffre as penas do mal,
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,
Cheia de ingratidão,
Que ha de ella mesma sugeitar seo collo
Á justa punição!

Ou já terrivel peste expande as azas,
Bem lenta a esvoaçar;
Vai de uns a outros, dos festins conviva,
Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra accesa
Espalha a confusão;
E a esposa, e a filha, do terror oppressa,
Não sente o coração.

E o pae, e o esposo, no morrer cruento,
Vomita o fel raivoso;
— Milhões de insectos vis que um pé gigante
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
Esperançoso e crente,
Como do podre e carunchoso tronco
Hastea forte e virente.

II

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos
Equilibra nos ares;
Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras
Do pelago fremente;
A cujo sopro a maquina estrellada
Vacilla nos seos eixos;
A cujo aceno os cherubins se movem
Humildes, respeitosos;

Cujo poder, que é sem igual, excede
A hyperbole arrojada!
Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,
O Senhor dos prodigios.

III

Elle mandou que o sol fosse principio,
E razão de existencia,
Que fosse a luz dos homens — olho eterno
Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
Refizesse o vigor
Da terra hiante, do animal cançado
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,
Roubando aroma á flôr;
Que os rochedos tivessem longa vida,
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda
Um sonho ao desgraçado,
Que vive agro viver entre miserias,
De ferros rodeado;

O Deos que mando ao infeliz que espere
Na sua providencia;
Que o justo durma, descançado e forte
Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,
Que trema de morrer;
Em quanto lá nos céos, o que foi morto,
Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege
A maquina estrellada;
Que ao triste dá prazer; descanço e vida
Á mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA

Quand ta corde n'aurait qu'un son,
Harpe fidèle, chante encore
Le Dieu que ma jeunesse adore,
Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopro as mansas ondas
Varreo do immenso pégo, — e o mar rugindo
Ás nuvens se elevou com furia insana;
Ennovelladas vagas se arrojárão
Ao céo co'a branca espuma!
Raivando em vão se encontrão soluçando
Na base d'erma rocha descalvada;
Em vão de furias crescem, que se quebra
A força enorme do impotente orgulho
Na rocha altiva ou na arenosa praia.
Da tormenta o furor lhe accende os brios,
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
Que em teimosos gemidos se descerrão,
Da quieta noite despertando os echos
Além, no valle humilde, onde não chega
Seo sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando
A face do céo varreo,
Tristes nuvens espalhando,
Que a noite em ondas verteo.

Além, atraz da montanha,
Branda luz se patenteia,
Que d'alma a dôr afugenta,
Se dentro sentida anceia.

Branda luz, que afaga a vista,
De que se ama o céo tingir,
Quando entre o azul transparente
Parece alegre sorrir;

Como es linda! — Como dobras
Da vida a força e do amor!
— Que tão bem luz dentra d'alma
Teo luzir encantador!

No teo ameno silencio
A tormenta se perdeo,
E do mar a forte vida
Nos abysmos se escondeo!

Porque assim de novo agora
Que o vento o não vem toldar,
Parece que vai queixoso
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredo,
Bem como as ondas do mar,
Sem correr sopro de vento,
Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,
— Rocio da madrugada —
Destilla gotas de orvalho
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza
   Parece sentir amor;
Mais brilhante, mais viçosa
   O calix levanta a flòr.

Por entre as ramas occultas,
   Docemente a gorgear,
Acordão trinando as aves,
   Alegres, no seo trinar.

O arvoredo n'essa lingoa
   Que diz, porque assim susurra?
Que diz o cantar das aves?
   Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
   O nome do que é Senhor,
Um nome que os anjos dizem,
   O nome do Creador.

Tambem eu, Senhor, direi
   Teo nome — do coração,
E ajuntarei o meo hymno
   Ao hymno da creação.

Quando a dòr meo peito acanha,
   Quando me rala a afflicção,
Quando nem tenho na terra
   Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano,
   Livras meo peito arquejante,
Saccas-me o pranto que os olhos
   Vertendo estão abundante.

Tu pacifícas minha alma,
Quando se rasga com pena,
Como a noite que se esconde
Na luz da manhã serena.

Tu es a luz do universo,
Tu es o ser creador,
Tu es o amor, es a vida.
Tu es meo Deos, meo Senhor.

Direi nas sombras da noite,
Direi ao romper da aurora:
— Tu es o Deos do universo,
O Deos que minha alma adora.

Tambem eu, Senhor, direi
Teo nome — do coração,
E ajuntarei o meo hymno
Ao hymno da creação.

A TARDE

Ave Maria! blessed be the hour!
The time, the clime, the spot where I so oft
Have felt that moment in its fullest power
Sink o'er the earth so beautiful and soft...

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,
Mãe da meditação, meo doce encanto!
Os rogos da minha alma emfim ouviste,
E grato refrigerio vens trazer-lhe
No teo remansear prenhe de enlevos!
Emquanto de te ver gostão meos olhos,

Emquanto sinto a minha voz nos labios,
Emquanto a morte me não rouba á vida,
Um hymno em teo louvor minha alma exhale,
Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores!

I

É bella a noite, quando grave estende
Sobre a terra dormente o negro manto
De brilhantes estrellas recamado;
Mas nessa escuridão, nesse silencio
Que ella comsigo traz, ha um quê de horrivel
Que espanta e desespera e geme n'alma;
Um quê de triste que nos lembra a morte!
No romper d'alva ha tanto amor, tal vida,
Ha tantas côres, brilhantismo e pompa,
Que fascina, que attrahe, que a amar convida;
Não póde supportal-a homem que soffre,
Orfãos de coração não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
A mente, o coração, sentidos, olhos,
A ledice e a dôr, o pranto e o riso,
Folgão de te avistar; — são teos, — es d'elles
Homem que sente dôr folga comtigo,
Homem que tem prazer folga de ver-te!
Comtigo sympathisão, porque es bella,
Qu'es mãe de merencorios pensamentos,
Entre os céos e a terra extasis doce,
Entre dôr e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,
As aves que pipitão docemente,

A estrella que desponta, que rutila,
Com duvidosa luz ferindo os mares,
O sol que vai nas agoas sepultar-se
Tingindo o azul dos céos de branco e d'oiro;
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
Estrellas, céos e mar, e sol e terra,
Tudo existe comtigo, e tu es tudo.

III

Homem que vive agro viver de côrte,
Indifferente olhar derrama a custo
Sobre os fulgores teos; — homem do mundo
Mal póde o desbotado pensamento
Revolver sobre o pó; mas nunca, óh nunca!
Ha de elevar-se a Deos, e nunca ha de elle
Na abobada celeste ir pendurar-se,
Como de rosea flôr pendente abelha.
Homem da natureza, esse contemple
De purpura tingir a luz que morre
As nuvens lá no occaso vacillantes!
Ha de vida melhor sentir no peito,
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
E fonte de ternura inexgotavel.
Do fundo coracão brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
Quem ha que de te ver não sinta enlevos,
Quem ha na terra que não sinta as fibras
Todas do coração pulsar-lhe amigas,
Quando d'esse teo manto as pardas franjas,
Sóltas, roçando a habitação dos homens?
Ha hi prazer tamanho que embriaga,
Ha hi prazer tão puro, que parece

Haver anjos dos céos com seos acordes
A misera existencia acalentado!

IV

Socia do forasteiro, tu, saudade,
N'esta hora os teos espinhos mas pungentes
Cravas no coração do que anda errante.
Só elle, o peregrino, onde acolher-se,
Não tem tugurio seo, nem pae, nem 'sposa,
Ninguem que o espere com sorrir nos labios
E paz no coração, — ninguem que extranhe,
Que anceie afflicto de o não ver comsigo!
Cravas então, saudade, os teos espinhos;
E elles, tão pungentes, tão agudos,
Varando o coração de um lado a outro,
Nem trazem dôr, nem desespero incitão;
Mas remanso de dôr, mas um suave
Recordar do passado, — um quê de triste
Que ri ao coração, chamando aos olhos,
Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,
Que não fôra prazer não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto
Sereno e brando deslisar-se o fumo
Sobre o tecto dos seos; e sobre os cumes
Que os seos olhos hão visto á luz primeira
Crescer branca neblina que se enrola,
Como incenso que aos céos a terra envia?
Tão feliz! quando a morte envolta em pranto
Com gelado suor lh'enerva os membros,
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
E o extremo scintillar dos olhos baços.

De um ente amado procurando os olhos,
Sem prazer, mas sem dòr, alli se apaga.
O exilado! esse não; tão só na vida,
Como no passamento ermo e sósinho,
Sente dôres crueis, torvos pezares
Do leito afflicto esvoaçar-lhe em torno,
Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,
E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meo passar da vida á morte,
Possa co'a extrema luz d'estes meos olhos
Trocar ultimo adeos com os teos fulgores!
Ah! possa o teo alento perfumado,
Do que na terra estimo, docemente
Minha alma separar, e derramal-a
Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O TEMPLO[1]

... Jéhovah déploie autour de nos demeures
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

I

Estou só n'este mudo sanctuario,
Eu só, com minha dôr, com minhas penas!
E o pranto nos meos olhos represado,
Que nunca vio correr humana vista,

[1] Esta poesia é a mesma que se acha na primeira edição com o titulo « A noite ».

Livremente o derramo aos pés de Christo,
Que tambem suspirou, gemeo sosinho,
Que tambem padeceo sem ter conforto,
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,
Vergonha não me tinge a còr do rosto,
Nem crimes perpetrei : — porque assim choro?
E direi eu por que? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finaes de um moribundo ouvisse !
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma toda amores !
Esperanças e amor, que é feito d'elles?
Um dia me roubava uma esperança,
E sósinho, uma e uma, me deixárão.
Morrèrão todas, como folhas verdes
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos,
Quando eu via a desdita de bem perto
Co' um sorriso infernal no rosto esqualido,
Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta ? — quando vinda
Minha hora já sentia, em que os meus labios,
Tremendo de vergonha, soluçassem
Ao f'liz com que eu na rua deparasse,
De mãos erguidas : Meo Senhor, piedade !
Eis porque soffro assim, porque assim gemo,
Porque meo rosto pallido se encova,
Porque sómente a dòr me ri nos labios,
Porque meo coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti ! — porque te adoro.
No altar profano de belleza esquiva

Não queimo incenso vão ; tu só me occupas
O coração, que eu fiz hostia sagrada,
Apuro de elevados sentimentos,
Que o teo amor sómente asilão, nutrem.
Quando ao sopé da cruz me chego afflicto,
Sinto que o meo soffrer se vae mingoando,
Sinto minha alma que de novo existe,
Sinto meo coração arder em chammas,
Arder meos labios ao dizer teo nome.
Assim a cada aurora, a cada noite,
Virei consolações beber sedento
Aos pés do meo Senhor ; — virei meo peito
Encher de religião, de amor, de fogo,
Que além de infindos céos minha alma exalte.

II

Quem me dera nas azas d'este vento,
Que agora tão saudoso aqui murmura,
Agitando as cortinas, que me encobrem
Do teo rosto o fulgor, que me não cegue,
Subir além dos sóes, além das nuvens
Ao teo throno, ó meo Deos ; ou quem me désse
Ser este incenso que se arroja em ondas
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,
Até perder-se na amplidão dos ares !
Não qu'ria aqui viver ! — Quando eu padeço,
Surdez fingida a minha voz responde ;
Não tenho voz de amor, que me console,
Corre o meo pranto sobre terra ingrata,
E dôr mortal meo coração fragôa.
Só tu, Senhor, só tu, no meo deserto
Escutas minha voz que te supplica ;
Só tu nutres minha alma de esperança ;

Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
Torrentes de harmonia, que me abrasão.
Qual orgão, que resôa mavioso,
Quando segura mão lhe opprime as teclas,
Assim minha alma, quando a ti se achega,
Hymnos de ardente amor disfere grata :
E, quando mais serena, inda conserva
Effluvios d'esse canto, que me guia
No caminho da vida aspero e duro.
Assim por muito tempo reboando
Vão no recinto do sagrado templo
Sons, que o orgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM

Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,
Immenso é o teo poder, tua força immensa,
Teos prodigios sem conta ; — e os céos e a terra
Teo ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o côro dos prophetas, e dos martyres
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante es tu quem fallas ;
A belleza, o pudor — es tu que as gravas
Nas faces da mulher, — es tu que ao velho
Prudencia dás, — e o que verdade e força
Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

Es tu quem dás rumor á quieta noite,
Es tu quem dás frescor á mansa brisa,
Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

Es tu que do oceano á furia insana
Pões limites e cobro, — es tu que a terra
No seo vôo equilibras, — quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes, simultaneas, palpitando
Nas cordas d'Harpa do teo Rei Propheta,
Quando elle em teo louvor hymnos soltava,
Qu' ião, cheios de amor, beijar teo solio.

Oh! Sancto! Sancto! Sancto! — teos prodigios
São grandes, como os astros, — são immensos,
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
E o côro dos prophetas, e dos martyres
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão,
Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.

ADEOS

AOS MEOS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meos Amigos, Adeos! Já no horizonte
O fulgor da manhã se empurpurece:
É puro e branco o céo, — as ondas mansas,
— Favoravel a brisa: — irei de novo
Sorver o ar purissimo das ondas,
E na vasta amplidão dos céos e mares
De vago imaginar embriagar-me!
Meos Amigos, Adeos! — Verei fulgindo

A lua em campo azul, e o sol no occaso
Tingir de fogo a implacidez das agoas;
Verei horridas trevas lento e lento
Descerem, como um crépe funerario
Em negro esquife, onde repoisa a morte;
Verei a tempestade quando alarga
As negras azas de bulcões, e as vagas
Soberbas encastella, esporeando
O curto bojo de ligeiro barco,
Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido
Galgando os escarcéos, — bem larga esteira
De phosphoro e de luz traz si deixando:
Generoso corsel, que sente as cruzes
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeos! Curtos instantes
De ineffavel prazer — horas bem curtas
De ventura e de paz fruí comvosco:
Oasis que encontrei no meo deserto,
Tepido valle entre fragosas serras
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei comvosco.
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
De tudo quanto almejo, espero, ou temo
Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força occulta.
Irresistivel, me persegue e impelle.
Qual folha instavel em ventoso estio
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino, — aqui pégadas
Mal firmes assentando — além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta

O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cançado esmorece, — cáe, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas soidões de novo eil-o se entranha.
Vestigios mal seguros sopra o vento,
Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre:
Talvez que folhas asperas de arbusto
Mordão vellos da tunica, e denotem
(Duvída o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meo pranto
A larga fonte jaz de ha muito exhausta;
Ha muito que os meos olhos não gotejão
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meo peito represado
Em cinza o coração me ha convertido.
É assim que um vulcão se torna fonte
De lympha amarga e quente; e a fonte em ermo,
Onde não crescem perfumadas flôres,
Nem tenras aves seos gorgeios soltão,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
Transido de afflicções, cheio de mágoa,
Miserando parti! tal quando reprobo,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio á sua dôr só descobria
Do Archanjo os candidissimos vestido,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Éden tão mimoso lhe vedava.

Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo,

Sem força esmorecer, — e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos; — a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojar-me
Á praia tão querida, que ora deixo,
Tal parte o desterrado : um dia as vagas
Hão de os seos restos regeitar na praia,
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

SEGUNDOS CANTOS

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO[1]

O volume de poesias que agora submetto ás provas publicas,
dividido em duas partes. Nada direi sobre a primeira, que não
senão a continuação dos « Primeiros Cantos; » é ainda o mesmo
stylo, — o pensamento dominando em todo o verso, mas que
eja menosprezada a metrificação, — e a rima que naturalmente
e lhe sujeita,— e o metro que se dobra em todos os sentidos,—
o verso que se accommoda a todos os tons, como instrumento
armonioso, que sempre agrada, mesmo tangido por mãos inex-
erientes.

A segunda parte é um ensaio philologico, são sextilhas, em
ue adoptei por meos a frase e o pensamento antigo, procurando
ornar o estylo liso e facil que não desagradasse aos ouvidos de
oje, e dar ao pensamento a côr forte e carregada d'aquelles
empos, em que a fé e a valentia erão as duas virtudes cardeaes,
u antes as unicas virtudes. Colloquei-me no meio d'aquellas
pochas de crenças rigidas e profundas — talvez de fanatismo,—
esforcei-me por simplificar o meu pensamento, por sentir
omo sentião os homens de então, e por exprimil-os na lingoa-

[1] Segundos cantos e Sextilhas de Frei Antão, por A. Gonçalves Dias. —
io de Janeiro — Typ. classica de José Ferreira Monteiro, rua da A fan-
ega, nº 84.

gem que melhor os póde traduzir — a dos Trovadores, — lingoagem simples, mas severa, — rimada, mas facil, — harmoniosa e valente sem ser campanuda, nem guindada. Variei o rythmo das sextilhas para que não cançasse; quiz ver emfim que robustez e concisão havia nessa lingoagem semi-culta, que por vezes nos parece dura e mal soante, e estreitar ainda mais, se for possivel, as duas litteraturas — Brazileira e Portugueza, — que hão de ser duas, mas semelhantes e parecidas, como irmãs que descendem de um mesmo tronco e que trajão os mesmos vestidos, — embora os trajem por diversa maneira, com diverso gosto, com outro porte, e graça differente.

Sei que ao maior numero dos meus leitores não agradará esta segunda parte : era essa a minha convicção, então quando a escrevia, e agora que a vou publicar. Escrevi-a comtudo, porque acceito a inspiração quando e donde quer que ella me venha; — da imaginação ou da reflexão, — da natureza ou do estudo, — de um argueiro ou de uma chronica, é-me indifferente : publico-as, se me agradão ; rasgo-as, se me desprazem.

Áquelles criticos porêm que se comprazem com o nascimento de um auctor, que o seguem passo a passo durante a sua vida litteraria — animando-o pelo que nelle vêem de bom, reprovando o que lhes parece máo, franca e imparcialmente — sem amor como sem odio, mas só pelo amor das artes, e talvez porque lhe não desagradará ver a luta do auctor que começa, — a tenacidade do que porfia — a modestia do que triumpha ; — para estes, digo, todo o volume é significativo — toda a obra caracteristica — todo o trabalho proveitoso.

Numerão os volumes, classificão as obras, aprecião o trabalho; — de todas as idéas formulão um só pensamento — de todas as côres formão um só quadro — de todos os traços uma só physionomia.

Quando pois apparece um novo volume de um auctor qualquer, muito ou pouco conhecido, todo o seu trabalho é confrontal-o. Se o pensamento se enerva, se as côres desbotão, se a physionomia se decompõe, — a morte vem proxima; a arvore vingou e deixa de vingar, — cresceo e torna-se rachytica, — produzio e torna-se esteril. Mas, se pelo contrario o pensamento se vai tornando mais firme como um nó que se aperta, se o quadro

reluz como que o retocassem de novo, — se a physionomia se expande como que mostra ledice, e contentamento, — a vida será longa; a arvore vingou e continúa a vingar, floresceo e dará novas flôres, produzio e dará novos fructos.

Para estes não será sem attractivo esta minha publicação, não como arvore de esperançosos fructos, mas como arbusto pouco conhecido, que na sazão das flôres se metamorphoseia, que toma novo aspecto, e por ventura agrada pela sua extranheza.

Sobre o titulo que dei á primeira parte, bem se vê que não é um verdadeiro titulo, mas um simples numero: são hymnos, visões, poesias lyricas e americanas, composições diversas e variadas, que eu irei publicando emquanto merecerem o favor do publico, se é que se dá o publico destas coisas.

Quanto ao da segunda parte, só tenho a dizer que era minha intenção publical-a com o pseudonymo de Frei Antão de Santa Maria de Neiva, cuja vida poderão ler os curiosos na Historia de S. Domingos P. 2.ª L. 3.° C. 4.° Mudei de resolução, conservando-lhe todavia o titulo, porque sem elle muitas das sextilhas serião inintelligiveis.

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1848.

POESIAS DIVERSAS

CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS

Las lágrimas puras que entónces se vierten,
Acaso divierten
En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é bello á meia noite
  O azul do céo transparente,
Quando a esphera d'alva lua
  Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
  Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
  Ne areia chora fremente !

Como é bello este silencio
  Da terra todo harmonia,
Que aos céos a mente arrebata
  Cheia de meiga poesia !
Como é bella a luz que brilha
  Do mar na viva ardentia !
Este pranto como é doce
  Que entorna a melancolia !

Este aragem como é branda
  Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
  Sem nas folhas susurrar!
Os sons d'aéreo instrumento
  Quizera agora escutar,
Quizera magoas pungentes
  Neste silencio olvidar!

O azul do céo, nem da lua
  A doce luz reflectida,
Nem o mar beijando a praia,
  Nem a terra adormecida,
Nem meigos sons, nem perfumes,
  Nem a brisa mal sentida,
Nem quanto agrada e deleita,
  Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
  Em silencio gotejado,
Meigo e doce, e pouco e pouco
  Do coração despegado;
Não sôro de fel, mas sancto
  Frescor em peito chagado;
Não espremido entre dôres,
  Mas quasi em prazer coado!

CANÇÃO

Yo no soy mas que un poeta,
Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
Toda inteira fabricada

De madeira preciosa
Sobre o Libano cortada.
Foi o Senhor quem m'a deo,
De sanctas palmas coberta,
Que as notas suas concerta
Aos sons do salterio hebreo!

Tenho alaúde polido
Em que antigos Trovadores,
Em tom de guerra atrevido,
Cantavão trovas de amores.
Mas chegando a Sancta Cruz,
De volta do meo desterro,
Cortei-lhe as cordas de ferro,
Cordas de prata lhe puz.

Tenho tambem uma lyra
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas rosas com que s'inflora,
Goteja o orvalho da aurora,
Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,
Só harpa, alaúde e lyra;
Nem vejo sorte mas bella,
Nem coisa que lhe eu prefira.
Votei assim ao meo Deos
A minha harpa religiosa,
A ti a lyra mimosa,
O grave alaúde aos meos!

LYRA

Cœur sans amour est un jardin sans fleur.
L. Hallevy.

Se me queres a teos pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,
Ou já em mudas lagrimas banhado;
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos;
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teos,
Calando as queixas que meo peito encerra,
Dize-me, ingrata,
Dize-me : eu quero!
Basta uma vez!

Mas, se antes folgas de me ouvir na lyra
Louvor singelo dos amores meos,
Por que minha alma ha tanto em vão suspira;
Dize-me, ó bella,
Dize-me : eu te amo!
Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE

Pome me pigris ubi nulla campis
Arbor æstiva recreatur aura,
. . . .
Dulce ridentem Lalagen amabo,
Dulce loquentem.
Horacio. Od.

Ponhão-me embora na crestada Libia,
Ou lá nas zonas em que o gelo mora,
Alli tua alma viverá commigo,
Alli teo nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,
Nas altas serras que o condor habita;
Alli ainda viverá comtigo
Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta:
Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,
Cortado o rosto de gelado vento,
Mádida a coma:

Alli aos urros do leão sedento,
Aos crebros gritos do condor alpestre,
Ardendo em chamas deste amor sem termo,
Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
Escute embora sepultar-me em vida;
Embora sinta roxear-me os pulsos
Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
Quebrem-me os ossos no medroso equuleo:
Agudos dentes de tenaz raivosa
Mordão-me as carnes:

Nas feias sombras da cruel masmorra,
Nos duros tratos da tortura bruta,
Quer só commigo, quer em meio ás gentes
Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a frágoa ardente,
Nem brutas feras, nem crueza humana
Farão que eu soffra mais agudas dòres,
Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teo nevado seio,
Cinge-te o corpo em divinaes caricias,
Beija-te o collo, beija-te o sorriso,
Goza-te e vive!

E eu no entanto extorso-me com dôres!
Praguejo o inferno que nos poz tão longe,
Louco bravejo, misero soluço...
Desejo e morro!

A VIRGEM

— Tiene mas de vaporosa sombra,
De inefable vision que de mujer.

ZORRILLA.

Linda virgem semelha a linda rosa,
Que se abre ao romper d'alva;
Encapellão-se as petalas mimosas,
Lacradas de pudor com rubro sello :
Cego mortal só lhe respira o incenso;
Mas della a abelha extrahe seo mel mais puro.

Seo nobre coração é como um templo,
Onde só Deos habita;
Alli reina o misterio envolto em sombras,
E maga placidez envolta em cantos;
Só vê isto o profano; mas o antiste
De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

É como um lago de marmoreo leito
Sua alma ingenua e bella :
No fundo não se enxerga o verde limo,
E a lisa face nos amostra os astros.
E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
Os anjos lá dos céos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos
C'roada de belleza,
E a sombra da tristeza irresistivel
Tingir-lhe o rosto, e desbetar-lhe o riso;
Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
Que as azas d'oiro, que perdeo, lamenta!

Então como que sinto arrebatar-me
Sympathica attracção!
Quizera doces carmes de ternura
Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: « Um canto ao menos,
O acerbo exilio teo torne mais brando! »

Baldado empenho! Começado apenas,
Afrouxa-se-me o canto;
Debaixo dos meos dedos mal palpita
A corda melindrosa da minha Harpa;
E como em espaço, que até d'ar carece,
Tangida, o extremo som morre sem echo!

ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfolhou da campa!
GARRETT.

Por uma praia arenosa,
Vagarosa
Divagava uma Donzella;
Dá largas ao pensamento,
Brinca o vento
Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
   Vem n'um instante,
Que n'outro instante se alisa;
Mais veloz que a sua ideia
   Não volteia,
Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
   Arfa o seio,
Pranto ao riso se mistura;
Doce rir dos céos encanto,
   Leve pranto,
Que amargo não é, nem dura.

Nesse logar solitario,
   — Seo fadario, —
De ver o mar se recreia;
De o ver, á tarde, dormente,
   Docemente
Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
   Divagava
Em seo pensar embebida;
Tinha no seio uma rosa
   Melindrosa,
De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
   Quando a rosa
Do seio no chão lhe cahe:
Vem um'onda bonançosa,
   Qu'impiedosa
A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada;
   De agastada,
A virge' a não quer deixar!
Bóia a flôr; a virgem bella,
   Vai trás ella,
Rente, rente — á beiramar.

Vem a onda bonançosa,
   Vem a rosa;
Foge a onda, a flôr tambem.
Se a onde foge, a donzella
   Vai sobre ella!
Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
   De enfadada
Não quer deixar de insistir;
Das vagas menos se espanta,
   Nem com tanta
Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella
   A virgem bella
Recolhe e leva comsigo;
Tão fallaz em calmaria,
   Como a fria
Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,
   Fluctuantes
Nadárão brancos vestidos:
Logo o mar todo bonança,
   A praia cança
Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
Foi ouvido,
Ia a noite em mais de meia:
Toda a praia perlustrárão,
Nem achárão
Mais que a flôr na branca areia.

O AMOR

Amare amabam.
S. Agost.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
Desta existencia misera, onde existes?
Fino sentir ou magico transporte
(O quer que seja que nos leva a extremos,
Aos quaes não basta a natureza humana,)
Sympathica attracção d'almas sinceras
Que unidas pelo amor, no amor se apurão,
Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inutil chamma reseccou meos labios,
Mirrou-me o coração da vida em meio,
E á terra fez baixar a mente errada
Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
Não te pude encontrar! — em vão meos annos
No louco intento esperdicei; gelados,
Uns após outros a cahir precipites
Na urna do passado os vi; eu triste,
Amor, por ti clamava; — e o meo deserto
Aos meos accentos reboava embalde.

Em vão meo coração por ti se fina,
Em vão minha alma te compr'hende e busca,
Em vão meos labios sofregos cubição
Libar a taça que aos mortaes off'reces !
Dizem-na funda, inexgotavel, meiga,
Emquanto a vejo rasa, amarga e dura !
Dizem-na balsamo, eu veneno a sorvo ;
Prazer, doçura, — eu dòr e fel encontro !

Dobrei-me ás duras leis que me impozeste.
Curvei ao jugo teo meo collo humilde,
Feri-me aos teos ardentes passadores,
Prendi-me aos teos grilhões, rojei por terra ..
E o lucro? .. forão lagrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a illusão e a vida exhausta !

Celeste emanação, gratos effluvios
Das roseiras do céo ; bater macio
Das azas auri-brancas d'algum anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esphera,
Centelha e luz do sol que nunca morre ;
Es tudo, e mais do qu'isto: — es luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essencias trescalando !...
Tambem passas veloz, — breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flòr de um lago !

SEMPRE ELLA

Per noctem quæsivi, *quam* diligi
anima mea, et non inveni *illam*.
CANT. CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a pallidez se pinta,
Como nos céos a matutina estrella!
A dôr lhe ha desbotado a côr das faces,
E o sorriso que lhe roça os labios
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,
Tem expressões d'angelica doçura,
E a mente do que as ouve, se perfuma
De amor profundo e de piedade sancta,
E exala effluvios d'um odor suave
De áloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente afflicta,
De dôr occulta remordida, anceia
Desabrochar-se em confidencia amiga,
« Neste mundo o que sou? — triste clamava;
« Pérsica envolta em pó, entre ruinas,
« Erma e sósinha a resolver-me em pranto!

« Flôr desbotada em hastea já roída,
« De cujo tronco as outras amarellas
« Já rójão sobre o pó, já murchas pendem!
« É sentir e soffrer a minha vida! »
Merencoria dizia, erguendo os olhos
Aos céos d'um claro azul, que lhes sorrião.

Náda o mudo alcyon por sobre os mares,
E proximo a seo fim desata o canto ;
A rosa do Sarão lá se despenha
Nas agoas do Jordão : e como a rosa,
Como o cysne, do mar entre os perfumes,
Aos sons d'uma Harpa interna ella morria !

Como o pastor que avista a linda rosa
Nas agoas da corrente, e como o nauta
Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
Sobre as agoas do mar, cantando a morte ;
Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,
Que lá se foi sumir por clima estranho.

E depois que os meos olhos a perdêrão,
Como se perde a estrella em céos infindos,
Errei por sobre as ondas do oceano,
Sentei-me á sombra das florestas virgens,
Procurando apagar a imagem della,
Que tão inteira me ficára n'alma !

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
Meo astro procurei entre os mais astros,
Qu'outr'ora amiga sina me fadára !
Com brilho embaciado e luz incerta
Nos ares se perdeo antes do occaso,
Deixando-me sem norte em mar d'angustias.

MIMOSA E BELLA

N'UM ALBUM.

> De anno em anno se torna mais formosa,
> E novo brilho, novas graças cria.
>
> CALDAS.

I

Tão bella es, tão mimosa,
Qual viçosa
Fresca rosa,
Que em serena madrugada,
Despontada,
Rorejada
Foi pelo orvalho do céo;
E a aurora que tudo esmalta,
Brilha reflexos de prata
No orvalho que alli prendeo.

II

Quando um penar afflictivo,
Sem motivo,
D'improviso
Tua alma occupa e entristece,
Que padece,
Que esmorece
Com aquelle imaginar;
Augmenta a tua belleza
Languido véo de tristeza,
Pallor de quem sabe amar.

III

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva;

Assim perde o colorido
Por um toque irreflectido,
Mal sentido :
Assim vai o nenuphar,
Como que soffre e tem magoas,
Esconder-se em fundas agoas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV

Mas tambem a flôr brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranquilla corrente ;
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixal-a em seo logar.

V

Não consintas pois que as magoas,
Como as agoas,
Que das fragas
Furiosas vem tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flôr do teu coração !
Ha na vida u' amor sómente,
Um só amor innocente,
Uma só firme paixão.

VI

Sê antes flôr bemfadada,
Suspirada,
Bafejada

Pela brisa que a namora,
Pela frescura da aurora
Que a colora :
Á luz do sol se recreia,
E de noite se retrata
Da fonte na lisa prata,
Quando o céo de luz se arreia.

AS DUAS AMIGAS

. . . . . . Vivamos juntas
N'um só logar!
N'um só logar, ou sejão mansos ares,
Se alli te exaltas;
Ou sejão campos, se é alli que a relva
De pranto esmaltas.

V. Hugo. Trad.

Já vistes sobre a flôr de manso lago
Duas aves brincando solitarias,
Já pousadas na lisa superficie,
Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horisonte,
Brancas, orladas com listões de fogo,
A deslumbrante alvura cambiando
Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,
Abrindo ao romper d'alva as longas azas,
Onde reflecte o sol, como em um prisma,
Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,
Nem as nuvens do occaso, nem as vagas
Borboletas gentis que adejão livres
Em valle ajardinado ;

Tanto não prazem, como doces virgens,
Airosas, bellas, com sorrir singelo,
Da vida negra e má duros abról hos
Imprόvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,
De perfume e de amor, guardão no peito,
Quanto ha de luz no céo mostrão nos olhos,
Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,
Seos olhos como um lago transparente,
Sua alma como uma harpa harmoniosa,
Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves,
Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
E uma gota de orvalho ensopa as azas
Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,
Nem mais adejão borboletas vagas
Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
Depois que derramou grato perfume
Sobre as azas dos ventos que a bafejão,
A flôr tambem definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza
No peito da mulher, que menos ame,
É como essencia preciosa e grata,
Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o : depois embora o esgotem ;
Leves emanações, gratos effluvios
Ha de eterno verter da mesma essencia,
Talvez porêm mais doces.

SONHO

> Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow
> Nor deem me too happy in this!
> If I sin in my dream, I atone for it now,
> Thus doom'd but to gaze upon bliss.
>
> BYRON.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,
Já quando as estrellas tombavão no mar,
Que eu via a meu lado uma esbelta figura
Divina e mimosa...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

Divina e mimosa, co'um véo se cobria
D'estrellas fulgentes de brilho sem par ;
O rosto era vosso, era vossa a estatura,
E o anjo dizia...
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

E o anjo dizia co'um geito celeste :
« Affectos que em outro não pude encontrar
« Por fim me renderão, — paixão lisa e pura,
« Que tanto soffreste... »
Sonhar é ventura ;
Deixai-me sonhar !

« Pois tanto soffreste, não devo impiedosa
« Fineza tão grande por fim mal pagar! »
Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,
E uns labios de rosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte
Com tepidos beijos de férvido amar!
Prazer tão subido após tanta amargura,
Não sei como o conte!...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos labios de rosa
Vivi encantado sem ver, nem pensar,
Emquanto apertava a ligeira cintura,
Cintura mimosa...
Sonhar é ventura;
Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
E um cinto de amores com bróche esmaltado
De meiga poesia!...
Quem tão bem fadado
Vivêra a sonhar!

De meiga poesia, meo bem, minha amada
Já pago de quanto me fazeis penar,
Então vos tangia descantes na lyra,
Na lyra afinada!
O sonho é mentira;
Não quero sonhar!

———

SOLIDÃO

Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando a passi tardi e lenti
E gli occhi porto per fuggire intenti
Ove vestigio human l'arena stampi.
PETRARCA. — *Sonetti.*

Se queres saber o meio
Porque as vezes me arrebata
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata;
Porque vejo nos meos sonhos
Tantos anginhos dos céos;
Vem commigo, ó doce amada,
Que eu te direi os caminhos,
Donde se enxérgão anginhos,
Donde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,
Das cidades populosas,
Do vegetar entre as vagas
Destas côrtes enganosas;
Fujamos longe, bem longe,
Deste viver cortesão!
Fujamos desta impureza;
Só vês cordura por fóra;
Mas nunca o vicio que mora
Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa
Rodar do carro que passa,
Esta orgulhosa vã gloria,
Que se resolve em fumaça?
Estas vozes, estes gritos,
Este viver a mentir?

Fujamos, que em taes logares
Não ha prazer innocente,
Só alegria que mente,
Só labios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
Vivamos alli sósinhos,
Sósinhos, mas descuidados
Destes cuidados mesquinhos;
Tu o azul do espaço olhando
E eu só a rever-me em ti!
Quando depois nos tornarmos
Á terra serena e calma,
Aqui acharei tua alma,
E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
Que d'immenso a vista cança;
Dormirei no teu regaço
Quando o tempo for bonança,
Quando o batel for jogando
Em leve ondular sem fim.
Mas nos roncos da procella,
Nossos olhos encontrados,
Nossos braços enlaçados,
Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
Das setas que arroja a sorte;
Vivamos nas minhas selvas,
Nas minhas selvas do norte,
Que gemem nenias sentidas
No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,
Não têm harmonia os mares,
Como o rugir dos palmares
No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
Nas folhas de côr sombria;
Como o sol, pintor mimoso,
Seos accidentes varia;
Como é doce o romper d'alva,
Como é fagueiro o luar!
Como alli sente-se a vida
Melhor, mais viva, mais pura,
N'aquella eterna verdura,
N'aquelle eterno gozar!

Vem commigo, oh! vem depressa;
Não se esgota a natureza;
Mas desbota-se a innocencia,
Divina e sancta pureza,
Que dá vida aos objectos,
Feituras da mão de Deos!
Vem commigo, ó doce amada,
Que são estes os caminhos,
Donde eu enxergo os anginhos,
Que tu vês nos sonhos meos.

———

A UM POETA EXILADO

Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre
Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
La gloire verse tant de fiel,
Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
Hélas! qui ne sont pas le ciel!

V. Hugo.

Tambem vaguei, Cantor, por clima estranho,
Vi novos valles, novas serranias,
Vi novos astros sobre mim luzindo;
E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
Do misero proscripto repetirão
Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego;
Talvez em mais de um peito se gravárão,
Em mais de uns meigos labios murmurados,
Talvez soárão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,
Que a fonte dos amores meigos cria,
E alguns de Lyzia sonorosos vates,
Sisudos mestres;

Ouvindo aquello canto agreste e rudo
Do selvagem guerreiro, — e a voz do piága
Rugindo, como o vento na floresta,
Prenhe d'augurios;

Benignos me olhárão, e aos meos ensaios
Talvez sorrirão; porém mais prendeo-me,
Quem soffrendo como eu, chorou commigo;
Quem me deo lagrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
Só cantar e soffrer, não vejo embalde
Ao canto a dôr unida, — e os repassados
Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
Choro e digo entre mim ; « Pobre Canario
Que fado máo cegou, porque soltasse
Mais doce canto ;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,
Atraz d'um bem sonhado pelo mundo
A vagar com lyra — um bem que os homens
Não podem dar-te!

Sequer esta lembrança a dôr te abrande :
A vida é breve, e o teo cantar semelha
Vagido fraco de menino enfermo,
Que Deos escuta.

PALINODIA

O céo não te dotou de formosura,
De attractivo exterior, e a natureza
Teo peito inficionou co'a vil torpeza
D'ingrata condição fallaz e impura!

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
Apezar da aversão que tenho ao crime,
Inteiro me embucei nos seos andrajos,
Em tremedal de vicios;

Se só por vós deseri do que era nobre,
Porque envolto em torpeza immunda e feia,
As vestes da virtude immaculada
Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
Que os dias da existencia me consome,
E entre angustias crueis minha alma anceia,
— Ludibrio dos meos erros :

Consenti que a moral os seos direitos
Reivendique uma vez, e que a minha alma
Das lições que bebeo na pura infancia
Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meos labios,
Duras verdades trovejando em verso,
Fazer de vós, o que a razão não póde,
— Mulher ou estatua!

Mentistes quando amor tinheis nos labios,
Mentistes a compor meigos sorrisos,
Mentistes no olhar, na voz, no gesto . .
Fostes bem falsa! . . .

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
Finge extremos de amor que ella não sente,
E o rosto off'rece a osculos vendidos,
Ao sigillo da infamia.

Quantas vezes, Senhora, não cahistes
Humilhada, a meos pés, desfeita em pranto,
Chorando — e que choraveis? — a jurar-me. . .
— Que juraveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
A cahir gota a gota dos meos labios
No que eu suppunha cicatriz recente,
E que era ulcera funda:

Se me vistes os olhos incendidos,
Sangrar-me o coração no peito afflicto
Ao fel das vossas dôres, que azedaveis
Co'o pranto refalsado.

Ouvi! — não ereis bella, — nem minha alma
Vos amou, que um modelo de virtudes,
— Um sublime ideal — amou sómente;
Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
Aos negros vicios mais que muito affeita,
Já feia, já corrupta, já sem brilho. . . .
Amal-a eu, Senhora!

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,
Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
Recostar-me no seio onde outros dormem,
Que por ninguem palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
Visgo nojento d'osculos comprados;
Crêr no que dizem olhos mentirosos,
Em prantos de loureira!

Antes curvar o collo envilecido
Ao jugo vil da escravidão nefanda;
Beijar humilde a mão que nos offende,
Que nos cobre de opprobrio!

Antes, possesso d'imprudencia estupida,
Brincando remecher no açafate,
Onde por baixo de mimosas flôres
O aspide se esconde!

Mas eu, nos meos accessos de delirio,
Voz importuna de continuo ouvia,
Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre
De vos amar . . . tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,
Nos espasmos d'ascetica virtude,
De não amar assaz o vão phantasma,
De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
Cóspe affronta e desdem, e á chamma entrega
O cepo vil, que não merece altares,
Nem d'offrendas é digno!

Releva-se a imprudencia feminina,
Inda um erro, uma culpa se perdôa,
Se a desvaira a paixão, se amor a cega
No mar de escolhos cheio.

O Deos, que mais perdôa a quem mais ama,
Talvez da vida a negra mancha apaga
A quem as azas de algum anjo orvalha
De lagrimas contritas.

Mas não áquella, em cujo peito móra
Torpeza só, — onde o amor se cobre
De vicios — a nutrir-se d'impurezas,
Como vermes de lôdo.

Te porém te aproveita o meo conselho,
A quem, mais do que a mim, tens offendido,
Que entre os risos do mundo, vê tua alma
E lê teos pensamentos;

Se não crês n'outra vida álem da morte,
Roga sequer a Deos que te não rompa
Á luz do sol divino da Justiça
A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,
— A dura opinião — te não entregue,
Sósinha, e núa, e d'irrisão coberta,
Á popular vindicta!

OS SUSPIROS

Mucha pena ¿ verdad? mucha amargura
Guardaba allá en sus senos escondida
A despedir-te el alma dolorida,
Hijo de su cariño y su ternura.

ROMEA.

Muitas vezes tenho ouvido,
Como languidos gemidos,
Frouxos suspiros partidos
D'entre uns labios de coral:
A fina tez lhes deslustrão,
Bem como o alento que passa
Sobre o candor d'uma taça
De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes
Do coração arrancados,
Sobre labios desmaiados
Susurrando esvoaçar!
Como flôr submarinha
Da funda gleba arrancada,
De vaga em vaga arrastada,
Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
Emquanto a lúa fulgura,
Quando a virgem d'alma pura
Fita seos olhos no céo :
  Notas de mundo longinquo
  Repassadas de harmonia,
  Diamante que alumia
  A tela de um fino véo !

Tu, virgem, porque suspiras ?
Quando suspiras, que scismas ?
Em que reflexões te abysmas ?
— Do passado ou do porvir ;
  Mas não tens *passado* ainda,
  Tudo é flôres no presente,
  Brilha o porvir docemente,
  Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, porque suspiras ?
— Murmura trépida a fonte,
De relva se cobre o monte,
As aves sabem cantar ;
  O ditoso tem sorrisos,
  O desgraçado tem pranto,
  A virgem tem mais encanto
  No seo vago suspirar !

Suspirar, ó doce virgem,
É da alma a voz primeira,
A expressão mais verdadeira
Da sina e do fado teo !
  Vago, incerto, indefinido,
  Tem um quê de inexplicavel,
  Como um desejo insondavel,
  Como um reflexo do céo.

Eu amo ouvir teos suspiros,
Ó doce virgem mimosa,
Como nota harmoniosa,
Como um cantico de amor;
  Mais do que a flôr entre as vagas
  Sem destino fluctuando,
  Fólgo de os ver expirando
  Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,
Que o alento fraco, incerto,
Que o diamante coberto.
Scintillando almo fulgor;
  Fólgo de ouvir teos suspiros,
  Ó doce virgem mimosa,
  Como nota harmoniosa,
  Como um cantico de amor!

QUEIXUMES

I

Onde estás, meo senhor, meos amores?
A que terras — tão longes! — fugiste?
Onde agora teos dias se escoão?
Porque foi que de mim te partiste?

II

Não te lembras! quando eu te rogava
Não te fosses de mim tão azinha,
Prometteste-me breve ser minha
Tua vida, que o mar me roubava.

III

Tão amigo do mar foste sempre,
Porque amigos talvez não achaste!
Nem carinhos, nem prantos te ameigão?
Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV

Vejo além o logar onde estava
Tua esbelta fragata ancorada,
Mal soffrida jogando afagada
Do galerno que amigo a chamava.

V

Da partida era o funebre instante,
Breve instante de afflictos terrores,
Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
Me roubava meos puros amores!

VI

Inda chóro essa noite medonha,
Longa noite de má despedida!
Teo amor me deixaste nos braços,
Nos teos braços levaste-me a vida!

VII

Oh! cruel, que então foste commigo,
Que te hei feito que punes-me assim?
Teo navio que tantos levava,
Não podia levar mais a mim?

VIII

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
Não me ouvira a tormenta chorar,
E morrer me seria mais doce
Junto a ti, — que o meo triste penar!

IX

Junto a ti me era a vida bem cara,
Oh! bem cara! — se ledo sorrias,
Se pensavas sósinho e profundo,
Se agras dôres comtigo curtias;

X

Eu te amava, senhor! — Nem podia
Dentro em mim, convencer-me que fosse
Outra vida melhor, nem mais doce,
Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI

Mas o mar tem lindezas que encantão,
Tem lindezas, que o nauta namora,
Tambem dizem que vozes descantão
No silencio pacato d'esta hora!

XII

São de nymphas os mares pejados,
Tambem dizem, que sabem magia,
Que suscitão cruel calmaria,
Só d'em torno dos seos namorados!

XIII

Alta noite, bem perto, apparece,
Como leiva juncada de flôres,
Ilha fertil em faceis amores,
Onde o nauta da vida se esquece!

XIV

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
Quando o peito de branco marfim
Perceberes na preta mantilha,
Sombreado por leve carmim;

XV

Quando vires passar a Andaluza
Pelos montes, com ar magestoso,
Decantando nas modas de que usa
As loucuras do Cid amoroso;

XVI

Quando vires a molle Odalisca
De belleza e de extremos fadada,
Respirando perfumes da Arabia,
Em sericos tapizes deitada;

XVII

Quando a vires co'a fronte bem cheia
De riquezas, de graças ornada,
Pelo andar do elefante embalada,
Que alta escolta de eunuchos rodeia;

XVIII

Quando vires a Grega vagando
Pelas Ilhas de Cós ou Megára,
Em sua lingoa, tão doce, cantando
Seos amores que o Turco roubára;

XIX

Quando a vires no Carro de Homero,
Bella e grave e sisuda lavrando,
Pelos montes mellifluos do Hymeto
A parelha de bois aguilhando;

XX

Não te esqueção meos duros pezares,
Não te esqueças por ellas de mim,
Não te esqueças de mim pelos mares,
Não me esqueças na terra por fim!

XXI

Se eu fosse homem, tambem desejára
Percorrer estes campos de prata,
E este mundo, na tua fragata,
Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII

Qu'ria ver a andorinha coitada
Nos meos mastros fugida poisar,
E achar no convez abrigada,
Quando o vento começa a reinar!

XXIII

Ver o mar de toninhas coberto,
Ver milhares de peixes brincar,
Ver a vida nesse amplo deserto
Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
Sem que o seo curso o mesmo rumo leve,
Assim dos homens a paixão se move,
Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
O mesmo que ao principio ardente amava:
Oxalá não diga eu que me enganava,
Que teo peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
Ou fosse tempestade ou calmaria,
Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro!
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,
Que vejas incessante
As memorias, os templos, os palacios
Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos
Sem penar e sem dôr;
Onde rostos amigos nos rodeião,
Onde temos amor;

Onde vozes amigas nos consolão
Na nossa desventura,
Onde alguns olhos chorarão doridos
Na erma sepultura;

A patria é onde a vida temos presa:
Aqui tambem ha sol!
Tambem a brisa corre fresca e leve
Da manhã no arrebol!

Aqui tambem a terra produz flôres,
Tambem os céos têm côr;
Tambem murmura o rio, e corre a fonte,
E os astros têm fulgor!

Aqui tambem se arrelva o prado, o monte,
De mimoso tapiz;
Nas azas do silencio desce a noite
Tambem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
Ao solo brasileiro;
Bem vinda seja ás margens florescentes
Do Rio hospitaleiro!

Compridos annos e folgados viva
Neste ditoso clima,
E veja a par dos filhos seos queridos
Crescer do esposo a estima!

Possa eu tambem do seo feliz consorcio
De novo em cada anno
Soltar um hymno de amizade extreme,
Um canto mais que humano!

24 de Março

CANTO INAUGURAL

Á MEMORIA DO CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA[1].

Onde essa voz ardente e sonorosa,
Essa voz que escutámos tantas vezes,
Polida como a lamina d'um gladio,
Essa voz onde está?

[1] Recitado na sessão do Instituto historico e geographico Brazileiro de 6 de abril de 1848.

No róstro popular severa e forte,
No pulpito serena, amiga e branda,
Pelas naves do templo reboava,
Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
Onde um vulcão de idéias borbulhava,
E o generoso ardor de uma alma nobre
— Onde párão tambem?

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céo mais puro?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Quando sómente um pé firmava a custo
Na terra promettida!

E a mão cançada fraquejou. . . pendeo-lhe,
Inda a vejo pendente, sobre as paginas
Da patria historia, onde gravou seo nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeo-lhe. . . quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel válido,
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia !

Inveja !. . . mas ás formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero ; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróes famosos
Prazenteiro o recebe !

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste !
Dorme agora no gelido sudario ;
Foi duro o afan, asperrima a contenda,
Será fundo o descanço.

Dorme, ó lutador, teo somno eterno ;
Mas sobre a louza do sepulchro humilde,
Como na vida foi, surja o teo busto
Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,
Rolo encerado, que já beija as praias
Do remoto porvir, — seguro e salvo
Dos naufragios d'um seculo ;

Dorme ! — não serei eu quem te desperte,
Meos versos. . . não serão : — palmas sem graça,
Ou pobre rama d'arvore funerea,
Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,
Piedosa mão de peregrino extranho,
Que alli passou acaso!

POESIA AMERICANA

TABYRA

DEDICATORIA AOS PERNAMBUCANOS.

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
Boiante sobre as agoas!
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te desportou sorrindo
Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teos montes
Arrelvados, innumeros teos valles,
Cujas veias são rios!
Doces teos prados, tuas varzeas ferteis,
Onde reluz o fructo sasonado
Entre o matiz das flôres!

Outros, patria d'heroes, teos feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tu e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
Expraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
Doces flôres dos mares de Colombo,
Filhas do norte ardente !
Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
Sorrirem d'innocencia á propria imagem,
Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós sómente, em vossas matas,
Colhendo agrestes flôres na floresta,
Não respiradas nunca,
Singelas, como vós, — como vós, bellas,
Ennastrei-as em forma de grinalda
Fino, extremoso amante !

Não vivem muito as flôres : são meos versos
Ephemeros como ellas ; côr sem brilho,
Ou perfume apagado,
Ou trino fraco d'ave matutina,
Ou echo de um baixel que passa ao longe
Com descante saudoso.

TABYRA

> Les *peaux rouges*, plus nobles, mais plus infortunées que les *peaux noires*, qui arriveront un jour à la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse à la servitude.
>
> * * *

1

É Tabyra guerreiro valente,
Cumpre as partes de chefe e soldado ;
É caudilho de tribu potente,
— Tobajaras — o povo senhor ;

Ninguem mais observa o tratado,
Ninguem menos de p'rigos se aterra,
Ninguem corre aos acenos da guerra
Mais depressa que o bom lidador!

II

Seo viver é batalha aturada,
Dos contrarios a traça aventando;
É dispor a cilada arriscada,
Onde o imigo se venha metter!
Levão noites com elle sonhando
Potiguares, que o virão de perto;
Potiguares, que assellão por certo
Que Tabyra só sabe vencer!

III

Mil enganos lhe têm já tecido,
Mil ciladas lhe têm preparado;
Mas Tabyra, fatal, destemido,
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
Sempre o plano da guerra é frustrado,
Sempre bravo fronteiro apparece,
Que os enganos crueis lhes destece,
Face a face, arco e setas na mão.

IV

Já dos Luzos o troço apoucado,
Paz firmando com elle traidôra,
Dorme illeso na fé do tratado,
Que Tabyra é valente e leal.
Sem Tabyra dos Luzos que fôra?
Sem Tabyra que os guarda e defende,
Que das pazes talvez se arrepende
Já feridas outr'ora em seo mal!

V

Chefe estulto d'um povo de bravos,
Mas que os piágas victorias te fadem,
Hão de os teos, miserandos escravos,
Taes triunfos um dia chorar!
Caraíbas taes feitos applaudem,
Mas sorrindo vos forjão cadeias,
E pesadas algemas, e peias,
Que traidores vos hão de lançar!

VI

Chefe estolido, insano, imprudente,
Sangue e vida dos teos malbaratas?!
Mingua as forças da tribu potente,
Vencedora da raça Tupi!
Hão de os teos, acoçados nas matas,
Mal feridos, sangrentos, ignavos,
Não podendo viver como escravos,
Dar o resto do sangue por ti!

VII

Vivem homens de pel' côr da noite
Neste solo, que a vida embelleza;
Podem, servos, debaixo do açoite,
Nenias tristes da patria cantar!
Mas o indio que a vida só préza
Por amor dos combates, e festas
Dos triunfos sangrentos, e sestas
Resguardadas do sol no palmar;

VIII

Ocioso, indolente, vadio,
Ou activo, incançavel, fragueiro;
Já nas matas, no bosque erradio,
Já disposto a lutar, a vencer;

Ama as selvas, e o vento palreiro,
Ama a gloria, ama a vida ; mas antes
Que viver amargados instantes,
Quer e póde e bem sabe morrer !

IX

Eia, avante ! ó caudilho valente !
Potiguares lá vêm denodados ;
Tão cerrado concurso de gente
Ninguem vio nestas partes assim !
Poucos são, mas briosos soldados ;
Não são homens de aspecto jocundo !
Restos são, mas são restos d'um mundo ;
Poucos são, mas soldados por fim !

X

Os seos velhos disserão comsigo,
Discutindo os motivos da guerra :
« É Tabyra — cruel, inimigo,
Já nem crê, renegado, em Tupan ! »
Pés robustos lá batem na terra,
Pó ligeiro se expande nos ares :
Era noite ! milhar de milhares
São armados, mal rompe a manhã.

XI

Vêm soberbos, — o sol luz apenas !
Confiados, galhardos, lustrosos,
Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
Atrevidos no accento e na voz !
Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,
Sóbe á pressa nas aspas d'um monte :
Dalli brada, postado defronte
De Tabyra — com geito feroz :

XII

« O Tabyra, Tabyra! aqui somos
A provar nossas forças comtigo;
Dizes tu que vencidos já fomos!
Dil'-o tu, não n'o diz mais ninguem.
Ora eu só a vós todos vos digo:
Sois cobardes, irmãos de Tabyra!
Propagastes solemne mentira,
Que vencer não sabemos tambem.

XIII

« Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, — sou forte:
Occorrei ao meo nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto daqui!
Vinde todos em densa cohorte:
Travaremos combate sangrento;
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós se fui eu quem menti. »

XIV

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
Lhe responde, arco e setas brandindo,
Pés batidos, voz alta e ruidosa:
— Bem fallado, ó guerreiro, mui bem!
Assim é; mas Tabyra rugindo,
Ressentido de offensas tamanhas,
O rancor mal encobre das sanhas,
Que não lava no sangue de alguem.

XV

Raso outeiro alli perto se off'rece:
Vinga-o prestes, hardido, açodado!...
Como leiva de pallida messe,
Já madura, tremendo no pé,

Todo o campo descobre occupado
Por guerreiros, — no extremo horisonte
Não distingue, nas faldas do monte,
O que é gente, o que gente não é.

XVI

Não se abala o preclaro guerreiro,
Do que vê seo valor não fraqueia;
Diz comsigo : « Um só golpe certeiro
Vai de todo esta raça apagar!
Juntos são, mas são meos! » — Já vozeia;
Logo os seos lhe respondem gritando,
Taes rugidos, taes roncos soltando
Que aos seus proprios devêrão turbar!

XVII

Diz a fama que então de assustadas
Muitas aves que o espaço cruzavão,
De pavor subitaneo tomadas,
Descahião pasmadas no chão:
Já com silvos e atitos voavão
Muitas outras, que o triste gemido
No conflicto, abafado e sumido,
Talvez derão, — mas fraco, mas vão!

XVIII

Eis que os arcos de longe se encurvão,
Eis que as setas aladas já voão,
Eis que os ares se cobrem, se turvão,
De frechados, de surdos que são.
Novos gritos mais altos reboão,
Entre as hostes se apaga o terreno,
Já tornado apoucado e pequeno,
Já coberto de mortos o chão!

XIX

Peito a peito encontrados afoutos,
Braço a braço travados briosos,
Fervem todos inquietos, revoltos,
Qu'indecisa a victoria inda está.
Todos movem tacápes pesados;
Qual resvala, qual todo se enterra
No inimigo que morde na terra,
Que sepulcro talvez lhe será.

XX

« Mas Tabyra! Tabyra? que é delle?
« Onde agora se esconde o pujante? »
— Não n'o vedes?! — Tabyra é aquelle
— Que sangrento, impiedoso lá vai!
— Vel-o-heis andar sempre adiante,
— Larga esteira de mortos deixando
— Traz de si, como o raio cortando
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI

« Foge! foge! leal Tobajara;
« Quantos arcos que em ti fazem mira?! »
— Muitos são; porém medos encara
— Face a face, quem é como eu sou! —
Muitas setas cravejão Tabyra:
Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!
Porco-espim que sangrado e terrivel
Duras cerdas raivando espetou!

XXII

Tem um olho d'um tiro frechado!
Quebra as setas que os passos lh'impedem,
E do rosto, em seo sangue lavado,
Frecha e olho arrebata sem dó!

E aos imigos que o campo não cedem,
Olho e frecha monstrando extorquidos,
Diz, em voz que mais erão rugidos:
— Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII

E com furia tão grande arremettem,
Com despêgo tão nobre da vida;
Tantos golpes, tão fundos repetem,
Que senhores do campo já são!
Potiguares lá vão de fugida,
Inda á fera mais torva e bravia
Disputando guarida d'um dia
No mais fundo do vasto sertão!

XXIV

Potiguares, que a aurora risonha
Vio nação numerosa e potente,
Não já povo na tarde medonha,
Mas só restos d'um povo infeliz!
Insepultos na terra inclemente
Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja
Essa morte do bravo em peleja,
Quem a vida do escravo maldiz!

XXV

« Este o conto que os Indios cantavão,
« A deshoras, na triste senzala;
« Outros homens alli descançavão,
« Negra pel'; mas escravos tambem.
« Não choravão; sómente na falla
« Era um què da tristeza que mora
« Dentro d'alma do homem que chora
« O passado e o presente que tem! »

NOTAS

Tobajaras — o povo senhor.

(Pag. 218.)

Ces Tobaïares qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée.* — Ferdinand Denis.

« Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomárão, o mostra ; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto ; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pela fronteira do maritimo em comparação do sertão. » — Padre Simam de Vasconcellos, Noticias do Brazil. L. 1, n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a ortographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, « Taba e Iara ou Yara. » Tabajaras é litteralmente como se dissessemos : os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppôr que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, de-

verião de preferencia escolher as praias como mais mimo as da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. É isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominárão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomárão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

Potiguares lá vêm denodados;

(Pag. 221.)

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. D'elles escreve o Padre Vasconcellos :

« Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos movêrão contra os Tobajaras : nas quaes tiverão encontros dignos de historia ; porêm não me posso deter em contal-os.... punhão em campo vinte até trinta mil arcos. » — Not. do Brazil. L. 1, n. 157.

HYMNOS

A LUA

> Figlia del ciel, sei bella!
> Ma verrà notte ancor, che tu, tu stessa
> Cadrai per sempre, e lascierai nel cielo
> Il tuo azzurro sentier!
>
> CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,
Que traz dos altos montes
Erguendo a fronte pallida,
Dos negros horisontes
As sombras melancolicas
Vens ora afugentar!
Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites horridas;
Qual sol que em lympha clara
Desponta os raios vividos,
Em tarja multicor;

Es como a virgem púdica,
Que amor no peito encerra :
Mas só, mas solitaria,
Vagando aqui na terra,
Treplíca o sello mystico
De não sabido amor !

Eu te amo, ó Lua candida,
No gyro somnolento,
E o teo cortejo madido
De estrellas, e do vento
O sopro merencorio,
Que á noite dá frescor.
Por teos influxos magicos
Minha alma aos sons do canto
Revive; e os olhos humidos
Gotejão triste pranto,
Que orvalha a chaga tepido,
Que mingua a antiga dòr !

Em gelido sudario
De neve alvi-nitente,
Por terras vi longinquas,
Durante a noite algente,
A tua luz benefica
Luzir meiga do céo.
Nos mares solitarios
Tambem a vi ! — nas vagas
Brincava o lume argenteo,
Cantava o nauta as magas
Canções, no voluntario,
Cançado exilio seo !

Tambem a vi na limpida
Corrente vagarosa;

Tambem nas densas arvores
De selva magestosa,
Coando os raios lubricos
No lobrego palmar.
E eu só e melancolico
Sentado ao pé da veia,
Que a deslisar-se timida
Beijava a branca areia;
Ou já na sombra tetrica
Da mata secular;

Em devaneio placido
Velava, emquanto via
Ao longe — os altos pincaros
Da negra serrania,
— Disformes atalaias,
Que sempre alli serão!
No rórido silencio
Minha alma se exaltava;
E das visões phantasticas,
Que a lua desenhava,
Seguia os traços aureos,
Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,
Até que de repente
Da minha vida misera
Se me antolhava á mente
A quadra breve e rapida
Do malfadado amor.
Então fugia attonito
O bosque, a selva, a fonte,
E as sombras, e o silencio;
Bem como o cervo insonte,

Que ás setas foge pavido
Do fero caçador!

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar.
Eu te amo, ó Lua pallida,
Vagando em noite bella,
Rompendo as nuvens turbidas
Da rispida procella;
Eu te amo até nas lagrimas
Que fazes derramar.

A NOITE

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!
Quem não vive mais brando em teo regaço!

FILINTO.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando no vasto céo fitando os olhos,
Alèm do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóes a divagar no espaço,
Como em salas de esplendido banquete
Mil tochas aromaticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Amo a doce mudez que ella derrama,

E a fresca aragem pelas densas folhas
 Do bosque murmurando :
Então, máo grado o véo que envolve a terra,
A vista do que vela enxerga mundos,
E apezar do silencio, o ouvido escuta
 Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
Então parece que da vida as fontes
Mais faceis correm, mais sonoras soão,
 Mais fundas se abrem ;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, — que então mais funda e leve a fonte
Mana, — e que os sons então mais doce e triste
 Da musica se espargem.

O peito aspira sofrego ar de vida,
Que da terra não é ; qual flôr nocturna,
Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa
 Em extasis de amor :
Mais direitas então, mais puras devem,
Calada a natureza, a terra e os homens,
Subir as orações aos pés do Eterno
 Para afagar-lhe o throno !

Assim é que no templo magestoso
Rebôa pela nave o som mais alto,
Quando o sacro instrumento quebra a augusta
 Mudez do sanctuario ;
Assim é que o incenso mais direito
Se eleva na capella que o resguarda,
E na chave da abobada topando,
 Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;
Como formosa dona em regios paços,
Trajando ao mesmo tempo luto e galas
Magestosa e sentida;
Se no dó attentais, de que se enluta,
Certo sentis pezar de a ver tão triste;
Se o rosto lhe fitais, sentis deleite
De a ver tão bella e grave!

Considerai porêm o nobre aspecto,
E o pórte, e o garbo senhoril e altivo,
E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,
E a fronte levantada:
No silencio que a véste, adorna e honra,
Conhecendo por fim quanto ella é grande,
Com voz humilde a saudareis rainha,
Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,
Quando, bem como em salas de banquete
Mil tochas aromaticas ardendo,
Girão fúlgidos astros!
Eu amo o leve odor que ella diffunde,
E o rorante frescor cahindo em per'las,
E a magica mudez que tanto falla,
E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,
Como em praia arenosa mansa vaga;
Ou quando, como a flôr d'entre o seo musgo,
A aurora desabrocha;
Mais forte e pura a voz humana sôa,
E mais se accórda ao hymno harmonioso,
Que a natureza sem cessar repete,
E Deos gostoso escuta.

A TEMPESTADE

Fervescere faciet, quasi ollam, profundum mare.

Job, 41, 22.

I

De côr azul brilhante o espaço immenso
Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
Do bosque a verde coma esmalta e doira,
E na corrente dardejando a prumo
Scintilla e fulge em laminas doiradas.
Tudo é luz, tudo vida, e tudo côres!
Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
Brilha um clarão fugaz pallido e breve:
Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;
Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
E em breve espaço conquistando os ares
Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada
Que os fios todos lhe repassa e embebe;
Ou qual abutre do palacio aéreo
Tombando acinte, — no descer sem azas
Um ponto só, — até que em meia altura
Abrindo-as, paira magestoso e horrendo;
Assim o negro ponto avulta e cresce,
E a cupola dos céos de côr medonha
Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.
A abobada de trevas fabricada
Descança em capiteis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
Silva, e ruge, e morre ; e o vento ao longe
Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
E aos pincaros da rocha ennegrecida
De iroso e mal soffrido a espuma arroja !
Raivoso turbilhão comsigo arrastra
O argueiro, a folha em vortice espantoso ;
No valle arranca a flôr, sacode os troncos,
Na serra abala a rocha, e move as pedras,
No mar os vagalhões incita e cruza.

II

Os sons da tempestade ao longe escuto !
Concentra a natureza os seos esforços
Primeiro que entre em luta ; não lampeja
Invio fogo nos céos ; não sopra o vento :
É tudo escuridão, silencio e trevas !
Sómente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompr'ensivel, como que sem causa,
Immenso como o echo de mil vozes
No céo de extensa gruta repulsando.

Silencio ! perto vem a tempestade !
Gravidas nuvens de fataes coriscos,
Sem rumo, como náo em mar desfeito,
Em muda escuridão negros phantasmas,
Indistinctos, sem fórma, — ondulão, jogão.
Logo poder occulto impelle as nuvens,
Attrahem-se os castellos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após rimbomba !

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as azas do tufão que enfreias,
Despega os élos da veloz corisco
E as nuvens rasga em rubidas cratéras.
Os fuzis da cadeia temerosa
Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
Do teo açoite aos lategos bramindo,
Occupem de pavor os céos e a terra.
Ruge, e o teo poder mostra rugindo;
Que assim por teos influxos me commoves,
Que todo me electrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
Por desertos, por syrtes arenosas
Jungido e preso e attonito levado;
Assim minha alma sobe e vai comtigo,
E vinga os teos palacios mais subidos,
Contempla os teos horrores, e dos astros
No prazer, que lhe dás, toda embebida,
Máo grado teo horror, folga comtigo!
Parece que alli tem a régia c'roa
Que o feliz condemnado achou na Ukraina.
Ah! ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV

Emfim descendo a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
De perolas a relva se matiza,
O céo de puro azul todo se arreia,
Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V

Assim, meo Deos, assim será no dia,
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a trompa que desfez os muros
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seos limites,
Com roncos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com furia brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, ha de accender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes, dos seos eixos desmontados,
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!
Flammivomos vapores condensados,
Té nós, e alèm de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incendio.

O ar ha de accender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa.
Coalhar-se o mar e em aspera seccura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,
Neste cháos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte [1].

[1] Ero mors tua, o mors!
Osea.

Logo, a um só dizer do Omnipotente,
O pó segunda vez ha de animar-se,
E os mortos, mal soffrendo a luz da vida,
Attonitos, pasmados,

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tactear os membros,
Estranhos á existencia já vivida,
Perguntarão : Quem somos ?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de gloria e magestade,
Em solio de luzeiros resplendente,
E em celeste cortejo !

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
Acalmar a procella, e quando aos mortos
Disseres tu quem es, — lembrar-nos-hemos,
Senhor, do que já fomos [1].

Feliz então quem só viveo comtigo,
Quem n'ancora da fé prendeo sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde [2] !

Feliz então quem tua lei guardando,
Seos passos graduou nos teos caminhos ;
Quem dia e noite revolveo comsigo
Como aplacar-te.

[1] Orietur vobis sol justitiæ.
MALACH.

[2] Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum cœlorum.
MATH.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

> J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître ; j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux les lumières de notre âge ; j'ai fait mon cœur plus simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi catholique ; je me suis appris le parler enfantin du vieux temps : et j'ai écrit!...
>
> STELLO.

LÔA DA PRINCEZA SANCTA

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras de mouros
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,
Deos lhe acudia do céo ;
Quantas terras que ganhava,
Dava ao Senhor que lhas deo,
E só em fazer mosteyros
Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
Torneyo não se fazia ;

He esse o estilo de Frandres,
Onde anda muita heregia;
Para os armar cavalleiros
A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
E em côrtes logo os reunia:
Vinha o povo attencioso,
Vinha muita cleregia,
Vinha a nobreza do reyno,
Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
Começava a discursar:
« Os Iffantes já são homens,
Vou-me ás terras d'alem-mar
Armal-os hy cavalleiros;
Deos Senhor m'ha de ajudar. »

Não concluia o pujante
Rey — de assi lhes propor,
Clamavão todos em grita
Com vozes de muito ardor:
« Seremos nessa folgança,
Honra de nosso Senhor! »

E logo todos em sembra,
Todos gente mui de bem,
Na armada se agazalhavão,
Sem se pezar de ninguem;
E os Padres de Sam Domingos
Hião com elles tambem.

Hião, sí, os bentos Padres:
E que assi fosse, he rezão,

Que o sancto em guerras d'Igreja
Foy hum bom sancto christão:
Queimou a muitos hereges
No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
Toda a frota pera cá,
Primeiro se perguntava;
« Que terras temos por lá? »
Quem em Deos tanto confia,
Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
Como coisa natural:
«Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
«Conquistas de Portugal!»
E todos, a voz em grita,
Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
Quando o reyno era christão;
Os moços davão-se á guerra,
As moças á devação:
Aquella terra de mouros
Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
E tanto pera louvar,
Que os Padres de Sam Domingos
Já não sabião rezar;
Todo-lo tempo era pouco
Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
Nem recontro se perdeo!

Aquelles Padres coitados
Não tinhão tempo de seo;
Levavão todo cantando
Louvores ao pay do céo.

Louvores ao pay do céo,
Que eu inda possa trovar,
Quando não vejo nos mares
Nossas quinas tremolar;
Mas sómente o templo mudo,
Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
Dos campanarios subtiz,
E a prata das sacristias,
Servida em misteres vis,
E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
Digo que sou Portuguez:
Arço de ver nossas coizas
Hirem todas ao revez,
Arço de ver nossa gente
Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
He vida de muita dura!
Vivo esquecido dos vivos
Na terra da desventura;
Vivo escrevendo e penando
N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviario
Só deixarei a leitura

Para escrever estes carmes,
Remedio á nossa amargura;
O corpo tenho alquebrado,
Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
Que armada he essa qu'hy vem?
Vem subindo Tejo acima,
Que fermosura que tem!
Nas praias se apinha o povo,
E as cobre todas porêm.

Dão signays as fortalezas,
Respondem signays de lá:
Vem el-rey victorioso!
Quem de gaudio se terá?
O mar he todo bonança,
O céo mui sereno está!

Oco bronze fumo e fogo
Já começa a despejar;
Acordão alegres echos
Os sinos a repicar;
Grita e folgança na terra,
Celeuma e grita no mar!

Vinde embora e mui depressa,
Senhores da capital!
Vinde ver Affonso quinto,
Rey, senhor de Portugal;
Vem das terras africanas
Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
Fragueiros de condição;
Dormião quasi vestidos,
Espada nua na mão;
Nem repoisavão de noite
Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
Sem primeiro commungar,
Sem fazer voto a algum sancto
De tenção particular;
Porêm victorias houverão,
Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
Da protecção divinal,
Conhecerão os poderes
Da benção celestial,
Se contarem os mosteyros
Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
Nossos mosteyros custosos,
São obras sanctas de Sanctos,
Obras de reys mui piedosos;
São brados de pedra viva,
Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
Dos templos edificados;
Dizem que forão mal gastos
Os bens com elles gastados:
Eu creio (Deos me perdôe)
Que são incréos disfarçados!

E mais pasmão dos feitios
De pedra, que Memphis tem,
Sem ter olhos pera Mafra,
Pera Batalha ou Belem!
Oh! se a estes conheceras,
Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
Ainda se me afigura
Ver elevar-se nas sombras
Tua válida estatura,
E ouvir a voz que intimava
Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
Era ser fraco, e não mais!
Tu, meo Sancto, que fizeras,
Se ouviras a estes tais,
Que nos assacão motejos
Ás nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdes,
Relevai-me esta tardança;
São achaques da velhice:
Vivemos de remembrança
E em longas fallas fazemos
De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
Nas suas terras pojou:
Alegre o povo o recebe,
Alegre el-rey se mostrou;
Abrio-se em alas vistosas,
El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
Nos atabales guerreiros,
Tangem outros istromentos
D'esses climas forasteiros,
E traz elles vêm marchando,
Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
De bigodes retorcidos,
Caminhão a passos lentos,
Com sembrantes de atrevidos.
Causa medo vêl-os tantos,
Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
Homens de má condição,
Que vivem na lei nojenta
Do seo nojento alkorão,
Que — vinho? nem querem vêl-o,
Só porque o bebe um christão!

Vêm as moiras depois d'elles,
Rostos cobertos com véos;
Bem que filhas d'Agarenos,
São tambem filhas de Deos;
Se forão christans ou freiras,
Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos d'ellas,
Como pedras muito finas;
Devião ser finas bruxas,
Inda qu'erão bem meninas,
Que estas mouras da Mourama
Nascem já bruxas cadimas.

Huma d'ellas que lá vinha
Olhou-me á travez do véo!...
Foy aquillo obra do demo,
Quasi, quasi me rendeo!
Pensei n'ella muitas vezes,
Valerão-me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
E o pésinho delicado...
Como póde pensar n'isto
Hum pobre frade cançado,
Hum padre da Observancia,
Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
Não cabe n'este papel;
Vinhão muitas alimarias,
Como achadas a granel;
Vinha o iffante brioso,
Montado no seo corsel.

Vinhão pagens e varletes,
Vinhão muitos escudeiros,
Vinhão do sol abrazados
Nossos robustos guerreiros;
Vinha muita e boa gente,
Muitos e bons cavalleiros!

A Princeza Dona Joanna
Sahio dos Paços reais;
Era moça, e muito airosa,
E dona de partes tais,
Que todos lhe qu'rião muito,
Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
E muito grandes senhores,
Por fama que della tinhão,
E por copia de pintores,
Que muitos vinhão de fóra
Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
Ludovico, creio eu :
Hum pobre frade mesquinho
Só trata em cousas do céo ;
Sabe elle que muito sabe,
Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
O onzeno do nome seo,
Que vendo hum retrato d'estes
Pera si logo entendeo
Qu'era prodigio na terra
Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
Cahio, giolhos no chão ;
No feltro traz arreliquias,
Assi uza hum rey christão ;
O seo feltro poz diante,
E fez hy sua oração !

Sahio a real Princeza,
Sahio dos Paços reais,
Nos pulsos ricas pulseiras,
Na fronte finos ramais ;
De longe seguem-lhe a trilha
Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
Sobo-las suas espaldas,
E as largas roupas na cinta
Prendia em muitas laçadas;
Seos olhos valião tanto
Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
E meneyo concertado,
Solto o cabello em madeixas,
Pelas costas debruçado:
Cadexo de fios d'oiro,
Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
Vinha muito pera ver:
O povo em si não cabia,
Quando a via, de prazer;
Era ella sancta ás occultas
E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
E dos brocados luzidos,
Trazia á raiz das carnes
Duros cilicios cozidos
E humas crinas muito agras,
Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
No oratorio a rezar,
Dormia despois na pedra
Sem ninguem o suspeitar:
Extremos tais em princeza
Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
Ordenava ao seo Védor
Trazer-lhe doze mulheres;
E depois, com muita dôr,
Chorando os pés lhes lavava,
Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
Não perdia a occasião,
Despedia a todas juntas
Com sua esmola na mão:
Dizia que era humildade,
E obra de devação.

E as mendigas pasmadas
Sahião de tal saber,
E perguntavão, quem era
Aquella sancta mulher?!
Máos peccados que ella tinha
Só pera assi proceder!

O mesmo Védor foy quem
Isto despois revelou,
Quando aquella humanidade
Em o Senhor descançou;
Dona Joanna era já morta,
Elle porèm m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
Que guardava em coisas tais,
Sabião algo os estranhos
Por muitos certos signais,
Que o ar he todo perfume,
Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
Que me faz scismar a mi,
Que as donas d'hoje parecão
Huns camafêos d'alfeni,
Não donas de carne e osso;
As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
(He lhes o demo caudel)
Praguejão a meza escaça
E as arestas do burel;
Querem mimos e regalos,
E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
Regente de Portugal;
Traz sobre si muitas joias
Do thesouro paternal;
Deos lhe pôz graça divina
Sobre a graça natural.

Acostou-se a comitiva,
Muito senhora de si:
Perante el-rey se agiolha,
Disse-lhe el-rey: não assi!
E ao peito a cinge dizendo:
« Não a meos pés, mas aqui! »

« Sois hum bom pay, Senhor rey,
Tornou-lhe a sancta Princeza:
Eu que sou vassalla vossa
E filha por natureza,
Peço mercê como aquella,
Como esta peço fineza. »

Ficárão logo suspensos
Todolos que erão aly,
Ficárão como enleiados,
Enleio tal nunca vi!
Eis que a Princeza medrosa
Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondêra;
Que lhe havia responder?
Boa filha Deos lhe dera,
Que lhe havia defender?
Sorrio-se, o bom rey quizera
Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:
« De alguns capitães antigos
Tenho lido, Senhor rey,
Que, vencidos os imigos,
Tornavão, a Deos fazendo
Sacrificios mui subidos.

« Vião as coisas melhores
Que dos seos reynos havião,
E logo lh'as offertavão;
E mercês tambem fazião,
No dia do seo triunfo
A los que justas pedião.

« Deslembrar a usança antiga
Fôra de grande estranheza;
Agora sobre maneira,
Perfeita tamanha empreza,
De tanto lustre aos do reyno,
De tal honra a vossa Alteza.

« Digo pois a vossa Alteza,
E digo com muita fé,
Deve a offerta ser tamanha
Quamanha foy a mercê,
Não do nobre rey pujante,
Mas do saneto rey qual he.

« A offerta que vós fizerdes,
Será mercê paternal :
Se quereis que corresponda
Ao favor celestial,
Deve ser coisa mui alta,
Deve ser coisa real.

« Ao Deos que vence as batalhas
Dai-lhe a filha muito amada ;
Dai-lhe a só filha que tendes
Em tantos mimos criada :
Será a offerta bem quista
E do Senhor acceitada.

« E eu a quem mais custou
De medos, esta jornada,
Que muitas noites orando
Passei em pranto banhada,
Sou eu, Senhor, quem vos peço
Ser a hostia a Deos votada. »

Que sancta que era a Princeza,
Que extremos de devação!
Nos sembrantes dos presentes
Vio-se, e não era rezão,
Que a nenhum delles prazia
Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
El-rey, porque muito a amava:
Aquelle dizer da filha
Todo o prazer lhe aguava,
Aquelle pedir sem dó
Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
O pobre velho cançado,
Chorou o triunfo breve
E o prazer mal rematado.
Não como rey valeroso,
Mas como pay anojado.

El-rey despois mais tranquillo
Rompeo o silencio alfi';
E entre afflicto e satisfeito
Disse á filha: Seja assi!...
Velhos guerreiros vi eu
Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
Não sei que tempo gastei,
Nem sei de mim que fizerão,
Nem tam pouco se chorei;
Foi traça da Providencia:
Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
O forte rey de Judá;
Volta coberto de loiros,
Quem primeiro encontrará?
Sente a filha, torce o rosto...
Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
Soube a Deos mais agradar?
Vai à Hebréa constrangida
Depor o collo no altar,
Vai a christã jubilosa!
São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia fermoso,
Era no mez de Janeiro,
Houve huma scena vistosa
Dentro de hum pobre mosteyro;
Fundou-o Brites Leytoa,
Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
Sobrinha d'altos Iffantes,
Filha de reys soberanos,
Senhora das mais pujantes,
Era a primeira figura,
Espantava os circunstantes.

Aly humilde e curvada,
Pezar de todos os seos,
Giolhos sobre o ladrilho
E as mãos erguidas aos céos,
Ouvi — exigua mortalha
Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
Louvores ao Senhor Deos:
Os anjos digão seo nome,
Rostos cobertos com véos;
Leião-n'o os homens escripto
No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
Quando o reyno era christão,
Quando nas guerras mouriscas
Era o rey nosso pendão,
Quando as donas consumião
Seos teres em devação.

« Isto escreveo Frei Antão
De vida mui alongada,
Nossa Senhora da Escada
O teve por Capellão. »

GULNARE E MUSTAPHÁ

Deos Senhor foy quem nos céos
Pendurou milhões de estrellas,
Foy quem matizou a terra
De froles varias e bellas,
Quem ao mar por ser pujante
Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
Das sementes germinassem,
Que déssem froles mimosas,
Que perfumes trescalassem,
E mais fez que em tempo azado
As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
Imigo da humanidade,
Nas arvoles poz carcoma,
Poz na frol muita ruindade,
Poz nos céos a nuvem negra,
Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
Damna, e faz mal o tredor,
A alma tambem por mil modos
Tenta com geito e sabor,
Que troca o prazer celeste
Em penas d'eterna dôr!

Mas não foy jamais que Deos
Em tal feito consentisse,
Senão porque suas posses
O homem bem claro visse;
Que sem elle fôra o mundo
Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
Que não venha pera bem?
Os d'aqui desta amargura
Dão coyta, e gloria porêm;
Dos outros que traz o demo
Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
Acontecido, al não sei,
Senão que por amor delle
Muito má vida levei,
Que me dá coyta mui grave
Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,
Ora farei confissão;
Tal será, qual foy o escand'lo
De que fui occasião:
Não me tomem por modelo,
Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
Mas pera honra dos céos,
Que eu direi publicamente
Os feios peccados meos;
Toda a vergonha fôy minha,
Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
Celeste, e mais na d'aqui:
Dá batalha o cabo experto,
Desses muitos que ha per hy;
Toda a preza aos seos concede,
Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
Já vive dentro d'Aveiro;
Comsigo trouxe os escravos,
Que lhe trouxe o rey fragueiro;
O que ás terras africanas
Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
Netos d'Agar, inda mal!
Traçando vastas roupagens
Á maneira oriental;
Larga faxa na cintura,
Na faxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
Polas ruas passear,
Passo a passo — graves, mudos,
Com doairos d'espantar,
Profundas rugas na fronte,
Rugas de máo meditar.

Levar traz si tanta gente
Nunca a ninguem vi assi ;
Nem folias, nem cantares
Vi com tal cauda apoz si,
Bôdo, nem festa d'orago,
Bufão, e nem bolatí.

Mas quem vio acaso as turbas
Correrem traz algum bem ?
Vão todas apoz engodos,
Apoz maldades tambem ;
Mas seguir a Deos por gosto
Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descridos
Vierão tambem aquellas
Moiras, filhas da Mourama,
Donas, creio, muito bellas ;
No trato e no galanteio
Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
Aquella moira fatal,
Que nas ruas de Lisboa
Vi no cortejo real :
Cortejo del-rey Affonso
Vi-o eu, só por meo mal !

Quantas coisas que trazia,
Nulla rem lhe estava mal ;
Dizião que tudo nella
Tinha graça natural,
Era coisa preciosa,
Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
Aquella pomba sem fel
Passava noites inteiras
Tangendo n'hum arrabel,
Coando vivas saudades
Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
Ouvindo na solidão
Aquelle triste instromento,
Al não disseras, senão
Que o mesmo demo voltado
Era n'aquella feição.

Zagales porêm da serra
Mil vezes, no fim do dia,
Polos montes não buscava
A sua ovelha erradia ;
Mas no bordão apoiado,
De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e pasmado
De todos e mais de mi,
Mil vezes fugi da cella,
Té das matinas fugi,
Mil vezes, durante a noite,
Aquelle instromento ouvi.

Mil vezes!.. e não sei como
Isto foy, que o não sentia,
Quando mal me precatava,
Dava commigo que ouvia
Dilatar-se polos valles
Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
Bons sonhos que então sonhei,
Boas venturas que tive,
Bons scismares que scismei!
Esqueci-me de ser frade!
Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
Do juramento que dei,
Do encargo que me tomára,
E das vestes que eu tomei,
Chorava; e não sei bem como
Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,
Cheio d'extranha afoiteza,
Palavras dadas ao vento
Com muito feia crimeza,
Contra mi e contra todos,
Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
Polas voltas dos caminhos
Rojei nas sarças mordentes
E nos cardos montesinhos,
Rasgando os brancos vestidos
N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
Todo eu não fiquei aly,
Como eu, que por tantas vezes
Rosto nas rochas feri,
Não perdi o ser de todo,
Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava :
« Cegueira, Senhor, me dás !
Cinge-me os rins larga zona
De ferro, e bem me não traz ;
Trago cilicios mordentes,
Usando burel mordaz.

« Abro e vejo o livro sancto,
E vejo que não sei ler !
Aquelles sanctos dictames
Já n'os não sei compr'hender ;
Enojo occupa minha alma,
Hei pavor de me perder ! »

Donde pois me vinha a mi
No proprio bem ver o mal ?
Conheci no meo exemplo,
Que m'era do ser fatal :
Senhor, teo sancto remedio
He triaga cordial.

Bem como o ferro na frágoa,
No soffrer a alma se apura :
Assi que disse eu commigo
Que a triaga tambem cura,
Quanto mais amarga e punge,
Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
Lavrando foy pouco e pouco ;
Rohia coyta d'amores
Miòlo cavado e òco,
Já era o mal dentro d'alma,
E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres :
« Que he feito de Frei Antão?
Negra dôr o tem por certo,
Negra dôr de coração :
O demo o fez, porque visse
Turbada tal perfeição.

« Parece já de esquecido
Que nem de si tem lembrança !
Á taboa se achega apenas,
Não toma a sua pitança ;
Té nos officios divinos
Perdeo a sua trigança.

« Sahe á noite muitas vezes,
Diz o bom do Guardião :
Sahir á noite, a deshoras,
Certo não he devação :
Que faz de noite nas ruas
Hum padre, ou frade ou christão? »

Comtudo alguns dos mais velhos
Dizião: « Que ha hy de mal?
O quer que he que o perturba,
Coisa não he natural :
Deve ser condão divino
Ou graça celestial !

« Pois hum sancto como aquelle !
Quem he que o ha de tentar ? »
Eis senão quando começa
Voz, não sei donde, a zoar
Que Frei Antão ja não sabe
No seo rosairo rezar !

E o caso foy que hum noviço
Tirou-mo só de matreiro,
Tendo-o fechado comsigo
Por novena ou mez inteiro;
E eu d'outro me não provêra,
Sendo que tinha dinheiro!

Todolos meos defensores
Voltárão-se contra mi;
Dizião que era mal feito
Hum sancto mentir assi:
Seja-me Deos testemunha,
Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communidade
Propoz-me o Provincial:
« Dizei *peccavi*, meo Padre,
Que voz havedes tão mal,
Que não rezades as rosas
Da virgem celestial! »

Ouvido que foy por mi
Tão solemne mandamento,
A mi, que primára sempre
Adentro do meo convento,
Não sei que pejo maldicto
Acorreo-me ao pensamento.

Não era feio o peccado,
Mas confessal-o; e assi
Fiquei de pavor transido,
Mal que tal preceito ouvi:
Homem não era de carne,
Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
Nada não soube dizer;
Nem confessar meo peccado,
Nem ao menos responder:
Ficárão como suspensos
Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
Rompe o silencio, e « Azinha
Trazei, disse elle, o hyssope,
Mais a benta caldeirinha;
Ver demo em corpo de frade
Coisa não he comezinha. »

Corre afanado o Sacrista
Pera a sua sacristia;
Traz prestes a caldeirinha
Banhada inteira na pia;
Rezava mil rezas suas,
Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
Recebe o Provincial
O hyssope todo molhado,
Dizendo sacerdotal:
« Fugide, partes adversas,
Demonio, esprito do mal.

« E mais deixa a criatura
Por amor de quem Jezus
Soffreo, marteyro affrontoso,
E morte vil n'huma cruz;
Em nome do Padre e Filho
E Esprito, que sempre luz! »

Ouvido aquelle exorcismo,
Cego de toda a rezão,
Larguei-me do refeitorio,
Fugindo como hum ladrão :
Clamárão todos em grita :
« Chantou-se nelle o Legião ! »

Enfiei os claustros todos,
Passei pola portaria,
Achei-me em logar, de noite,
Que eu mesmo não conhecia :
Os sons do arrabel mourisco
Sómente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
Discursavão entre si,
Dizião dos esconjuros
Que mal cabião em mi,
Que era grande sacrilegio
Usarem commigo assi.

Ai ! sacrilego era o homem
Que ao inferno se vendia,
Era o christão que adorava
As filhas da idolatria,
Que dentro em si tinha o Demo,
E o Demo em si não sentia ;

Era o Padre que trocára
O amor de seo Senhor
Por amor d'huma Donzella,
Filha d'aquelle impostor,
Mafoma, falso propheta,
Mafoma, judêo tredor !

A princeza Dona Joanna
Mandou ao nosso Convento :
Qu'eu prestes vá ter com ella
Manda por seo mandamento ;
Não quer demora, nem falta,
Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
Não m'o diz a mensageira :
Não sabe coisa de certo,
Não dirá coisa certeira :
O habito á pressa enfio,
Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,
Veio a Princeza real :
« Meo Padre, disse-me entonces,
He fóra do natural
Qu'eu tenha escravos, e mouros,
Rainha de Portugal.

« Ide vós porêm chamal-os
Pera o rebanho christão ;
Cazade-os vós muito embora,
Que bem dahy haverão :
Eu lhes darei corpo livre,
Deos Senhor a salvação. »

Siquer huma só palavra
Não tive n'aquelle ensejo,
Sustou-m'a já na garganta
Não sei que mesquinho pejo ;
Por confessar meo peccado
Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
Vergonha que todos têm;
Ultimo fructo colhido
N'aquelles jardins do Eden;
O Demo o tocou primeiro :
Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
O verde limo acamado,
Assi deitado e mimoso
Brilha lustre avelludado;
Tal é aquella vergonha,
Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
Do limo que he tão viçoso,
E vereis como se prendem
No fundo impuro e lodoso :
Aly com ellas se abraça
O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
Vivem, cruzando laçadas,
Muitos sapos bufadores,
Muitas rãs esverdinhadas;
Humas coizas de má sina,
Outras coizas mal fadadas.

He força fallar á moira!
Disse commigo, e assi
Andava curtas passadas
Por não chegar; ai de mi!
Tem termo toda a jornada,
Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros mouros,
Tão feros, não se me dava;
Mas de suor de maleitas
O corpo se me banhava,
Quando d'aquella menina
Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
Foy o sancto Daniel,
Fui eu no covil lançado
D'aquella gente infiel;
Era elle experto em tais lutas,
Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
Leixando a mais gente vil,
Ardi doce perfume
Em transparente viril;
Sobre um bofete lavrado
Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
Que hum reposteiro cobria,
E hum pano de seda verde
Sobre a estreita gelosia,
E mais hum denso tapete,
Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
Vestes de branco setim
Entreteladas parece
De coiza de bocaxim,
E humas largas pantalonas,
Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
De seda azul anilado,
Com longas mangas perdidas,
De carmim todo forrado,
Como se fôra hum alfange,
Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
A negra coma apertava ;
Que doces anneis brincados
A negra coma formava,
Quando por vezes no collo
De neve — se debruçava !

Sob as largas pantalonas
Hum pésinho delicado
Sahia nusinho e bello,
Mimoso e branco e nevado ;
Em chapins dos mais pequenos
Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
Trazia a moira hum annel ;
Meio deitada, a desleixo,
Tangia no arrabel ;
Tangia-o com tanta graça,
Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
Era de lingoa algemia ;
Era qual trinar das aves
As notas em que gemia
Saudades de longes terras
Em peregrina harmonia !

Era menina e fermosa,
Nunca lhe vi sua igual!
Coiza assim tam primorosa
E tanto celestial,
Ou era filha dos anjos,
Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
E o demo em sua cegueira,
Fazem quasi as mesmas coizas
Mas por diversa maneira;
O demo como quem he,
Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
Entre afflicções dolorosas,
Qual frol de rosa entre espinhos;
Em ledices enganosas
Pôz o demo o seo peccado,
Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
Tanto mais alto gemia
Aquella moira mimosa,
Que as suas mágoas carpia:
He hora que espalha enlevos
A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
Louvor a nosso Senhor!
Ultimo vôo desprega
E hum doce grito de amor;
Nas pennas esconde o bico,
Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas
Definhão, só de tristura ;
O mar soluçando geme,
Mais alto a fonte murmura,
Reina o silencio que falla,
Bafeja a doce frescura.

« Vistes vós meo bem amado,
(Dizia a filha d'Allah)
« Vistes vós meo bem amado,
« O meo senhor Mustaphá !
« Se o vistes, dizei-me onde !
« Por alma vossa, onde está ?

« A noite o deixou fechado
« Portas a dentro do harem :
« Sorvia aquelles perfumes,
« Que lá d'Arabia nos vem ;
« Trajava os reais vestidos,
« Que lhe cahião tão bem.

« Já era sobre-manhã
« Quando de mi se apartou ;
« Seo negro corsel d'Arabia
« D'um pulo só cavalgou,
« E o sol que vinha raiando
« Lá na montanha o topou.

« Vio daly seos bons guerreiros,
« Em alas promptos estão ;
« De-fronte mal enxergava
« O troço do rey christão ;
« Disse o crente musulmano :
« Allah m'os trouxe, meos são !

« Allah! lhes grita o guerreiro,
« Respondem-lhe os seos : Allah!
« Gritão Christãos : Sam Tiago!
« E o meo senhor Mustaphá
« Desceo então da montanha,
« Que nunca mais subirá.

« Desceo elle da montanha
« Qual rocha descommunal,
« D'agudo cimo tombando,
« Arrazando o pinheiral ;
« Mas a rocha em fundo valle
« Faz-se pedaços, em mal!

« Desceo elle ao fundo valle,
« Como o tufão queimador;
« Polos christãos inimigos
« Cortou sem pena e sem dôr;
« Raio d'esforço na guerra
« Foy Mustaphá, meo Senhor!

« Mas o vento do deserto
« Depois de médas formar
« Das areias que agglomera,
« Onde he que vai acabar?
« Mafoma e Allah que mo digão,
« Que eu não sei senão chorar!

« Allah quebrou teo orgulho,
« Meo bom senhor Mustaphá!
« Allah quebrou teo orgulho,
« Mas quando se acabará
« Vida que vives de escravo,
« Vida que levas tam má?

« Doces Huris do Propheta,
« Lá do palacio de Allah,
« Olhavão cá pera baixo
« Só pera ver Mustaphá!
« Guerreiro não foi como elle,
« Como elle ninguem será.

« De ser elle o meo amado,
« Ai que já fui bem feliz!
« De ser elle o meo amado
« Tinhão-me inveja as huris :
« Ora não ha quem m'inveje!
« Foy Allah que assim o quiz.

« Ora não ha quem m'inveje!
« Tenho no peito afflicção;
« Escrava sou d'hum escravo,
« Escravo d'hum vil christão!
« Mesquinha, que ainda o amo;
« Trago-o aqui no coração! »

Então pera junto della
Cheguei-me sem ser sentido;
Fallei-lhe em som cavernoso,
Medonho e baixo no ouvido :
¿Por que assi amas o escravo?
Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o esprito malvado
Quem pera ally me arrastou,
Quem nos meos castos ouvidos
Palavras tais derramou,
Quem aos pés da moça moira
O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
Pezava co'o pezo seo,
Quando a moira espavorida
Do vasto leito se ergueo :
Vendo-me ally de giolhos,
Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
Mas antes seos olhos vi ;
Aquelles olhos fermosos
Lavar-me o rosto senti,
Tocar-me no fundo d'alma,
Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos !
Ora bem se me afigura
A lua rasgando as trevas
Em meio de noite escura !
Vi Diana, a caçadora,
N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
Hum grito franzino dá !
De mi se parte voando,
¿ Senhor Deos, o que será ?
Volto prestes a cabeça . . .
Vejo o mouro Mustaphá !

Em roda do seo pescoço
A moira os braços prendeo ;
Arfa-lhe o peito açodado ;
Pera traz roja o séo véo,
Off'rece o rosto mimoso
Aos beijos d'aquelle incréo !

Era assi qual amorosa
Hera que hum robre vingou;
Ligou-se estreita com elle,
Do tope se debruçou,
Folha metteo pelas folhas,
Vida com vida cazou.

« Gulnare, disse-lhe o mouro,
Gulnare, meo doce amor,
Melhor que a rosa da Persia,
Que arabio incenso melhor,
Frol dos jardins do propheta,
Que dás mate á minha dôr! »

Responde a moira mimosa:
« Dizes bem, meo Mustaphá;
O fogo chegou-se ao incenso,
O incenso effluvios dará;
O sol scintilla na rosa,
A rosa resurgirá. »

« Abelha, tornou-lhe o mouro,
Que susurras de agastada;
Herva, que as folhas constringes,
De estranho corpo tocada;
Quem tocou na minha abelha,
Quem na herva delicada? »

Ella entonces de malquista
Deo-lhe d'olhos pera mi;
Sancto Jezus! em que apertos
N'aquelle ensejo me vi,
Prendêra-me força occulta,
Foy porêm que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
Adaga no boldrié;
Deixar a moiros com armas,
Gente de baixa ralé,
Em que escravos de Princeza,
He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,
A passo, vem sobre mi;
Trinca as pontas do bigode,
Quais cerdas de javali;
A barba toda se erriça,
Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
Jamais não vi seos iguais;
Devião ser puro fogo,
Senão faiscas fatais
D'aquelle sol do deserto,
Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
Luzindo em fea espelunca;
Olhos, que o gyro do sangue
Nas veias demora e trunca;
Olhos cheios de carniça;
E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo:
« Que vieste aqui fazer? »
Fiquei deslogo tremendo,
Sem lhe poder responder:
« Senhor,... em nome do céo!... »
Disse eu; que havia dizer?

« Em nome das tres pessoas
« Da trindade, em huma só,
« Eu vos rógo, senhor mouro,
« Que siquer tenhades dó
« Da alma vossa arriscada,
« Já não do corpo, que he pó. »

N'aquelle ensejo apertado
De sancto ardil me vali;
Lembrou-mo o exemplo sagrado
Da forte hebréa Judith!
Ser isso influxo divino
Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o mouro descrido :
« E a mi que m'importa mais
« Que viver entre valentes,
« Em gozos celestiais,
« Entre jardins prazenteiros,
« Entre fagueiros rosais?

« Tu me fallas dos teos Deoses!
« Ha outros sem ser Allah?
« Allah, que o vôo dirige
« Do bemfazejo Kathá!
« Christão, dos teos falsos Deoses
« Bem pouco a mi se me dá.

« Digo-te eu, que elles não podem,
« Mais que digas que são trinos,
« Suster no ar do propheta
« Os sanctos restos divinos,
« Que a Meca chamão por anno
« Milhares de peregrinos. »

Ouvindo aquellas blasfemias,
Senti arrojo dos céos;
Hia fallar, mas o mouro
Tornou-me : « Só Deos he Deos,
« E Mafoma o seo Propheta,
« Em que pèze isto aos incréos !

« O que penso, sem resguardo
« Dir-t'o-hei, christão, alfim ;
« Não uza como vós outros,
« Mahometano Muezzin,
« Não vai á caza dos crentes,
« Não leva tenção ruim.

« Não rója, não, de giolhos
« Aos pés de christã donzella ;
« Mas lá dentro da Mesquita
« Vive sempre e sempre vela,
« Ou do alto minarete
« Á prece os crentes appella.

« Portas a dentro do templo,
« Imagem da crença pura :
« Do alto do minarete,
« A imagem d'Allah figura,
« Bradando incessante e sempre
« Aos homens, d'aquella altura. »

« He assi entre vós outros, »
Tornei-lhe, « que entre nós não.
« Queremos em cada caza
« Um templo de devação,
« Em cada peito hum sacrario,
« Hum padre em cada christão.

Sobresteve mudo e quedo,
E como que reflectia
O moiro, que me parece
A graça já presentia;
A graça que o céo nos manda,
Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
Aquelle ensejo feliz,
Que passado curto prazo,
Severo o moiro me diz:
« O que Deos faz he bem feito:
« Mouro nasci, não me fiz!

« Deixemos pois tal assumpto,
« Delle não quero tratar;
« Ou antes dizei, bom Padre,
« Qu'hides carreira tomar,
« Adoptando novo ensino,
« Novo modo de prégar.

« Andai por essas estradas
« E dizei á vossa gente:
« A vós que mal vos hão feito
« Os homens lá do oriente,
« Que vos livrárão dos godos,
« E do servir inclemente?

« As vossas artes que tendes
« Cujo as havedes? — de quem?
« Donde vêm ás vossas terras
« Campos de lavra que têm,
« E as torres acastelladas,
« E as mesquitas, donde vêm?

« Quem nos vossos negros montes
« As alcáçovas plantou,
« Como candido turbante,
« Que na fronte se enrolou
« De hum homem da còr da noite,
« Que a Nubia ardente engendrou?

« Ou s'isto melhor te praz :
« São obras de reys pujantes,
« Tendas ricas e pomposas
« No dorso dos elefantes ;
« C'roas de pedra lavrada
« Na fronte d'altos gigantes. »

Estes mouros na verdade
Qu'esprito e graça que têm?
Quando vos dizem mentiras,
Sabem dizel-as tão bem,
Que havemos de perdoar-lhes,
E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
No seo maldicto alkorão,
Que era de ser o primeiro
A soffrer condemnação
N'aquelle sancto concilio,
Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
Hé só polos não ver mais ;
Fazião prompta justiça
Destes e d'outros que tais :
Ardião com seos authores
Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
De qúe pró nos não seria?
Vive tal livro entre gabos,
Que ally no fogo arderia,
Com pasmo de seos authores,
Que os têm por coiza mui pia.

E d'outros que só por artes
Fruem da voga que têm,
Que não sei onde he seu preço,
Nem donde apreço lhe vem,
Senão por vias occultas,
Que as não descrobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,
Que não são de boa avença!
O livro que eu reprovára
Por muito justa sentença
Trouxera-me coyta grave,
Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
Bem qu'eu não saiba fallar,
Senão com longos rodeios:
(Vem-me o séstro de prégar)
Quando me julgo no cabo,
Mais longe estou de acabar.

« Mouro, n'aquella batalha, »
Disse eu, « ouvidos me dá,
« Quando o reyno teo perdeste,
« Não chamaste por Allah?
« Não te ouvio! — chama por Christo,
« E Christo, Deos, te ouvirá.

« Vás as terras da Moirama,
« Ou fiques em Portugal,
« Senhor serás do teo corpo,
« Vida terás natural :
« Vê, se Gulnare formosa
« O teo propheta não val !

« A moira que não foy feita
« Pera servir a senhor,
« Que de bella e de mimosa,
« Parece que o mesmo amor
« O corpo tem de quebrar-lhe,
« E de apagar-lhe o candor.

« A moira doce nascida,
« Doce creada ; perol
« Que só sabe apavonar-se
« Da manhã polo arrebol,
« Não nos jardins destas partes,
« Mas onde mais queima o sol.

« A moira bella e mimosa !
« Avezinha pipitante,
« Qu'ama ar puro, espaço livre,
« E céo de côr deslumbrante,
« Que o vôo fugaz desprega,
« Quando o sol he mais brilhante !

« Ai ! não guardes a avezinha
« Dentro de estreita prisão,
« Não mudes a frol mimosa,
« Que bem 'stá no seo torrão :
« Vai ás terras da Moirama ;
« Se queres hir, sè christão. »

Huma lagrima brilhante,
Como que a furto luzia
Nos olhos da moça moira,
Que o moço moiro cingia ;
Em que nada lhe dicesse,
Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
O mouro bem compr'endia
Que mudas fallas fallava
O pranto que ella vertia :
Saudades erão da Patria,
Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
Se ella pedia chorando ;
Se o mal por que ella passava,
Tambem 'stava elle passando ;
Se o bem, que lh'ella pedia,
Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
E aquelle amor entendi,
Do effeito das minhas vozes
Eu mesmo me arrependi ;
Cravei as unhas no peito,
Pezar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
De ouvir-lhes hum não revel,
E que então a moça moira,
E mais o mouro donzel
Parassem no fundo inferno,
Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
Que poder que o pranto tem,
Quando no peito o sentimos,
Quando de huns olhos nos vem,
Que fôra morrer por elles
Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
O mouro agreste rendeo;
De leixar o seo Mafoma
Logo desly prometteo,
Leixando a avença do demo,
E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
Se o padre Adão manducou
Aquelle fructo do Eden;
Foy Eva quem lh'o offertou,
Eva, mulher e sozinha,
A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
E tem a sua mulher,
Ceder-lhe do seo proposto
Por mero condescender!
Se não he coisa do demo,
Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
Que sem me fazer pedido,
Entendi que por amores
Não devia andar perdido,
Quando por outro era amada,
Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
Bem sabe que nada tem
Nesta vida mal passada,
Onde quitou todo o bem ;
Ninguem que vele por elle,
Sobre quem vele — ninguem !

Curar da may infermada
Bem pode o homem segral
Ha sempre casta donzella,
Que se dôa do seo mal :
O frade só, despojado
Vive do fôro humanal.

Vivêrão aquelles mouros
Depois desta occasião,
Muitos annos bem logrados,
Em amor e devação ;
Louvor ao sancto baptismo !
Louvor ao nome christão !

Mas quando foy que nos veio
Aquella peste primeira,
Seta que o alvo attingia
De bem talhada e certeira,
Chegou ao christão novato
Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
Cheia de muita afflicção,
Recolheo-se irmã noviça
No convento d'Azeitão,
Onde viveo muitos annos
Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
Dizem que a virão rezar,
Em extasis jubilosas,
Suspensa, erguida no ar;
Favor do esposo divino,
Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
Commigo logo assentei
Que eu fôra hum pastor perdido,
Que nas sombras divaguei,
Té qu'huma ovelha esgarrada,
Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
Desly se me figurou
Candida lã d'ovelhinha,
Que a sarça agreste cardou;
Ficou na sarça prendida,
Ao vento se meneou.

E alguem que ally divagava,
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas !
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura ;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

SOLÁO

DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito
Do senhor rey Dom João,
Segundo que foy do nome,
Primeiro na devação,
Primeiro mais que o primeiro,
Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
Nem sempre velar convem ;
He mister algum descanço,
Alguma folga tambem,
Entre o labor já passado
E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
Algum remedio he mister:
E se à nenhum conhecemos,
Que mais nos ha de valer
Que recordar o passado
E contos delle fazer?

He assi que no mar alto
O cançado mareante
Luta em vão contra a tormenta
E contra o vento inconstante;
Negras vagas se encapellão,
Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
Languidos olhos estende,
Vè mar que ferve revolto
E chuva que do céo pende:
Como deixou seu alvergue,
O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
Os p'rigos que elle affrontou:
Figura risonhos quadros
Dos gozos que já gozou,
Do que na terra o convida,
Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
E mais do que vai passando,
Medonho e máo parallelo
Vai o mesquinho traçando;
Dòr de espinhos penetrantes
O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
E já passada ventura,
Quando o viver he tormento,
Tormento que sempre dura,
He certo desdita grande
E muito grande amargura.

Mas vêde o que val a vida!
He aquella aventurada,
Se dizemos verdadeiros:
Houve hum dia, huma hora, hum nada,
Não do pezar combatida,
Mas do prazer bafejada.

Semelha quem pola calma
O dia inteiro vagou,
Depois no marco da estrada
Cançado e triste quedou;
Ally thesouro sem dono,
Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
Semana de devação!
Com jejuns e penitencias
Apresta se o bom christão
Pera os mysterios mais altos
Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
N'aquelle passo sagrado
D'aquelle homem divino,
D'aquelle Deos humanado,
Que por amor de seos filhos,
Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
Mas por dinheiro trahido!
Por hum homem refalsado,
Por hum discip'lo querido;
Trahido por meio infame!...
Hum falso beijo vendido!

Foy mister, por mór tormento,
Que morresse polos seos!
Entregue por hum eleito
Nas garras dos Fariseos,
Homem morreo polos homens,
Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
C'roa d'espinhos tecida;
Correrão dados infames
Em taboa vil, denegrida;
Em hastea foy rematada
Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
Quem mais do qu'elle soffreo?
Quem mais comprido marteyro,
Quem mais affronta e labéo?
Tal foy, que o homem divino
O rosto ao calix torceo.

Tal foy, que o Deos humanado
Disse ao Deos, que era seu pay:
«Senhor Deos, s'inda he possivel,
Do vosso intento tornai;
Este calix de amargura
Dos labios meos afastai!»

Carpindo males alheios,
Quantos não vemos per hy,
Que nem siquer se recordão
De quanto soffreo por si,
Hum Deos no cruz affixado,
Mil dôres soffrendo ally!

Ante esta victima augusta
Da mais feroz crueldade,
Cala quanto o homem soffre,
Quanto soffre a humanidade?
Tormento não foy como elle,
Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns incréos
E refalsados atheos,
Guardão n'as extasis todas
E mais os transportes seos,
Pera Socrates que morre,
Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
Imiga de toda luz,
Que longe que vai do Grego
Ao Nazareno Jezus,
E da masmorra ao calvario,
E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
Não attendêrão tambem:
Se emparelhamos idéas
A's coizas que corpo tem,
Entre elles vai mór distancia,
Que vai da Grecia a Belem.

Morre o Grego, e não dá fruitos;
Morre Jezus por nos dar
A ley do céo pera a terra;
Ley que só pôde lavrar
O sangue do bom cordeiro
Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
E huns homens apenas são;
Emquanto os algozes deste,
Em que povo de eleição,
Sumirão-se, como argueiro
Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
Semana de devação:
Comsigo mesmo propunha
O senhor rey Dom João:
« Confessarei minhas culpas,
Que alèm de rey, sou christão.

« Ao Senhor, pay de nós todos,
Meos erros confessarei;
Que me dè força indomavel
Pera guardar minha ley,
Pera punir os culpados;
Que alèm de christão, sou rey. »

Azinha chamando hum pagem
Lhe diz, e lhe ordena assi:
« Hide aos Padres Dominicos
(Melhor lhes quero que a mi),
Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
Que vou commungar ally. »

Veio logo o mensageiro
Com a mensagem real;
Recado qu'el-rey lhe dera,
Dá elle ao Provincial.
« He certo mercê mui grande,
Responde, — tenho-a por tal. »

Ao padre Thomaz da Costa
Chama n'huma Ave-Maria ;
Sabia o bom do Prelado
O muito qu'el-rey lhe qu'ria :
De tam lisongeiro acerto
Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
Dizia com bem justeza :
« Prazer aos Reis cá da terra,
Não he nenhuma vileza ;
Praz a Deos que lhes prazamos,
Pois vem delle a realeza. »

Apresta-se com trigança
Tudo quanto era mister :
Sabia o Padre Thomaz
Encargos do seo dever ;
« Vergar colossos, dizia,
Quem tem posses de o poder?

« Sob as mãos do jardineiro
Torto arbusto lá se ageita ;
Mas onde existe essa força
Que hum rudo tronco sugeita,
Se a força he balda no tronco,
Se o tronco a força regeita?

« Em bem do pastor sagrado,
Que por mercê divinal
Vive no ermo escondido,
Como hum singelo zagal ;
Cúra pastor de pastores,
Não de pessoa real.

« He facil o seo encargo,
Pejo, nem dòr lhe não traz ;
Não he assi nos palacios,
Onde só vejo disfraz :
Vêm logo as rezões de estado,
Inventos de Satanaz.

« Vêm logo as leys cá da terra
Contrapor-se ás leys dos céos :
Sêde christãos, reys senhores,
Ou então de todo incréos !
Leys dos homens não se cazão,
Não seguem ás leys de Deos.

« Não ligueis n'hum só consorcio
Terra feia e céo luzente :
Leys da terra a terra buscão,
Como a raiz da semente ;
Leys do céo os céos procurão,
Como flôr que o sol presente. »

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João ;
Ante o velho sacerdote
Fazia a sua oração,
As mãos em cruz sobre o peito,
Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
Todalas tinha despido;
Não tinha sedas, nem joias,
Mas peito d'aço batido :
Era qual homem vivente
Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
Perante hum homem de pé;
Perante hum Padre coitado,
Que nada tem, nada he :
Licção profunda e subida,
Preceitos da nossa fé!

Portas a dentro do templo,
Onde Deos eterno habita,
Onde aquelle amor sem zelos
Sómente os peitos agita,
Nas differenças do mundo
Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
Polas festas saturnais,
Folgavão, senhor e servo,
Como se forão iguais;
Mas o que lá foy licença,
Aqui são leys divinais :

Aqui são todos curvados,
Todos — o servo, o senhor;
Aquelles que a vida fruem,
E aquelles que só tem dòr;
Pobres, que almejão a morte,
Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
Que ally reunidos estão ;
Mas sim, porque a Deos importa
Que não haja distincção
Entre irmãos, no patrio abrigo,
Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
Da multidão apinhada,
Qual lisongeiro perfume
Das flôres d'huma grinalda ;
Tem huma odor, outra espinhos,
Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
O senhor rey Dom João ;
Já disse as culpas que tinha,
Já fez a sua oração :
O Padre vai ministrar-lhe
A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
Expressão nobre e subida ;
Maneiras cheias de brio
Em postura comedida,
Parece que vão mostrando
Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra quanto
Por vil e baixo se tem,
Merecendo honra tamanha,
Que a não merece ninguem ;
Dahy lhe vem ser humilde,
Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
Vai ser dado o sacramento;
Principia el-rey — *confiteor*, —
Quando n'aquelle momento
Surge ao pé delle um guerreiro
De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
Só aço e ferro vestia,
Polas grades de vizeira
Raios de luz despedia:
Medonho e fero apparato
Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
Homem de muito valor,
Mas olhos lançou á espada
A furto!... seja o que for,
Não creio que homens d'aquelles
Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
Assi começa o guerreiro:
« Em nome do Senhor Deos,
Meo Padre, aqui vos requeiro;
O senhor rey não commungue,
Poisque não he justiceiro. »

A hostia das mãos do Padre
Cahio do calix no fundo;
El-rey carrega os sobr'olhos...
Certo não era jocundo
Affrontar de rosto a rosto
As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
De hum caso máo, miserando :
De noite se ergueo a forca ;
Mas quando o sol foy raiando,
Não vio ninguem mais a forca,
Nem mais ao duque Fernando !

Comtudo o bravo guerreiro
Sanhas do rey não quiz ver ;
Não ha que lhe ponha embargos,
Nem que lhe possa empecer :
« Senhor, sou Padre Tavares ! »
Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
Quebrára a furia real) :
« Em bem, meo bravo guerreiro !
Mas esse trem de que val ?
Somos em terras d'Hespanha,
Ou somos em Portugal ? »

— « Senhor, não uzo brocados :
Vedes-me assi, e he razão,
Que havedes os meos haveres
Sem me deixardes, senão
Armas comidas no peito,
Armas gastadas na mão.

— « Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo ;
Quantos ally são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo :
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu !

— « Voltei d'ally, protestando
Jamais não voltar ally;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me a modo de guerra,
Vim ter comvosco, — eis-me aqui?

— « As minhas alcaydarias
De Portal'gre e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Máo azo de guerrear.

— « Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Porque ora m'as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— « Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalha
Despreza no almargeal.

— « Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dè! — »
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vè.

Depois a mão estendendo
Ao seo leal lidador :
« Nós vos faremos justiça,
Assi como justo for ;
Tendes a nossa palavra,
Seja-vos ella penhor ! »

Alegre o Padre Thomaz
O seo mister rematou ;
Hostia tomada do calix
Aos labios do rey chegou,
El-rey d'hum copo doirado
Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
Qual nunca mais o verei,
Nem tam inteiros sugeitos,
Hum ao outro dando a ley :
No Paço o rey ao vassallo,
Na Igreja o vassallo ao rey!

SOLÁO

DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não ha mais d'aquelle tempo,
Em que era tudo lhaneza!
Acções e vida e costumes
Desta gente portugueza,
Por tal geito se trocárão,
Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
Pois ha em tudo exeições;
Mas trato da grande lépra
Que vejo hy nos corações:
Desprêso do amor da gloria
E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
Garboso Donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Sempre grave, honesto e brando,
Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
Fitas, nem laços comprava,
Nem toda a manhã divina
Seos enfeites concertava,
Nem nos chapins se revia,
Nem nos cabellos primava.

Não corria séca e meca
Traz de mimosa donzella,
Que nas ruas lobrigava;
E por ver mais perto a bella
Não hia ao templo sagrado,
Sómente por amor d'ella.

Nem as noites janeirinhas
Mais compridas e mais frias,
Levava mofino amante,
Por baixo das gelozias,
Desenfiando hum rosairo
De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
Do moço em armas novel,
Em que experto dedilhasse
Na lyra do menestrel,
No tempo em que, não domada,
Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
Por mais que fosse gentil,
Ninguem n'o vira a deshoras,
Como homem de tenção vil,
Como hum ladrão que de medo
Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
Nem ao silencio mercê,
Nem do sol se arreceiava,
Como homem que pouco vê,
Nem da lua appellidada
A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
Coberto de espectadores,
Onde mais povo corria,
Mais bellas e justadores,
Na arena se apresentava
Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
D'arautos e passavantes,
Mantenedores do campo
Reys d'armas e circunstantes,
Feixes d'armas resplendentes,
Ondas de plumas brilhantes ;

Entrava o novel guerreiro
No cêrco dos justadores!
De alguma dona sizuda
Na charpa trazia as côres;
Tinhão amores ás claras,
Porque erão nobres amores.

Silencio! que sôa a trompa,
A justa vai começar!
Entre si ferem mil lutas
Guerreiros a par e par:
Da lança feita pedaços
Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
Que feios golpes se dão!
Abolão-se capacetes,
Talhão-se arnezes; e a mão
Certeira ao travez da malha,
Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,
Proclama-se o vencedor,
Que aos pés da bella entre as bellas
O seo trophéo vem depor:
Ao mais valente a mais bella,
Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
De acordo co'a natureza,
Que se compraz no consorcio
Da força co'a gentileza;
Mais alma com mais coragem,
Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa,
Que em abraços apertados
Não cinge mesquinho junco,
Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
Que lhe descubro hum senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
E coiza de mui folgar,
Ver um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força de espada,
Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella : e al não digais,
Sob pena d'hum fendente,
Que vem do céo, como hum raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
He certo que d'ahy vem
Ás nossas donas de agora,
Aquelle séstro que têm
De amarem a militança
Melhor do que a nemhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
Ao menos de o parecer?
Emquanto muitas... Deos meo,
Eu me sei compadecer,
Soffro o mal que os outros passão,
Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
Que aqui na terra não são,
Senão porque as vós mandastes,
Meo Deos, por occasião
De tedio e nojo ao peccado,
E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
Dirão no confessional,
Jurando por Deos eterno
E pola vida eternal,
Que se fallão d'elle e d'ella,
He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
O pasmo dessa donzella,
Proclamada ao meio dia
Fermosa como huma estrella,
Sem que houvesse ahy no mundo
Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
Julgára, sem mais razão,
Que n'este mundo mesquinho
He tudo engano e abusão,
E té que a propria belleza
He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
Garboso donzel se havia
Por captar nobres extremos
Da moça que requeria,
Á ponta de fina espada
E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
Que foy nosso rey primeiro,
Havia na sua côrte,
Côrte de rey mui fragueiro,
Hum tal Gonçalo Hermiguez,
Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
De mui boa nomeada :
Fiava el-rey muito delle,
E a raynha Mafalda
Folgava de ouvir-lhe os cantos
Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
Não tinha nemhum rival
Em compor trovas mimosas;
E no campo e no arrayal
Não n'o havia mais valente,
Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
Votára á gente infiel,
Porque o pay lhe havião morto,
Era elle ainda novel ;
Vel-os porêm não podia,
Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
E entrar logo em sanha tal,
Que era força ter mão d'elle,
Ou saltava-lhe ao gorjal
Pera torcer-lhe o gasnate,
Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
Era outro conto ruim!
Cabia logo em desmaios,
Que era hum desmaio sem fim!
Dó era ver tal sugeito
Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
Em perpetua correria
Polas terras do mourisco,
E muito mal lhes fazia :
Dava porèm mór realce
Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
Em hum saráo folgazão,
Lembrou-se que perto vinha
A noite de Sam João,
Azado ensejo de aos Mouros
Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
Aquella nobre nobreza
Por amor de seos amores
Commette tam grande empreza,
Qual a de hir terras de Mouros
Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
Qual a fita dependura
No collo nunca domado;
Qual a pesada armadura
Inverga, e alhy se recolhe,
Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
Toma da sua tenção,
Qual aos pés da sua dona
Requer-lhe extremo condão,
Extremo volver dos olhos,
Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
Por grito de accommetter,
Que nas lidas e pelejas
Saberá fazer valer!
Qual sente o nojo futuro,
Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
Mostre o que n'alma lhe mora:
Quem vio a morte passar-lhe
De perto, já não descora
Por hum presagio funesto,
Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
Azinha promptos estão;
Lá se partem de Coimbra,
Montes alèm já lá vão!
Ninguem vio mais escolhido
Nem mais luzido esquadrão.

Entre elles por mais robusto
Gonçalo Hermiguez campeia;
Diz seo porte sublimado,
Que de nada se arreceia,
Mas antes que a todos repta,
De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
Com todo apercebimento!
Não convem que se aprecatem
D'aquelle accommettimento
Mouros que vivem na regra
Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
He viver dentro do harem,
Dizendo mal do toicinho
E mais do vinho tambem,
Sem que lhe pêze este mundo,
Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flôres,
He viver vida folgada,
Aspirando incenso e odores
Em molleza effeminada,
Nem que fosse huma odalisca,
Ou mulher alambicada.

Puzerão todos a mira
Em Alcácere do Sal,
Covil de feras humanas,
Não de cordeiros curral;
Nó gordio do vil mourisco,
O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
Vão em procura d'Almada,
Alcáçova dura e forte,
Em rija pedra assentada,
Como pedra preciosa
Em férrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
Ó Tejo, quanto me he grata
Essa placida corrente,
Quando a lua se retrata,
Chovendo chuva de raios,
No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
Quando manso o vento gyra,
Que nas folhas rumoreja,
E como que ally suspira
Melindres d'amor suave,
Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,
Quando vai ao som das agoas
Navegando o passageiro;
Já, se as tem, não sente as fragoas,
Que no peito a dòr derrama,
Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
Polas faces a correr
Sinta o pranto represado
Polo seo muito soffrer;
Corra embora, qu'esse pranto
Dòr não he, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
Onde viemos penar
Por cada dia hum marteyro,
Por cada instante hum pezar,
He bem feliz quem só passa
Dôres que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
Nem o que seja prazer;
Nunca os senti n'esta vida,
Nem n'os posso conhecer;
Que não sou dos bemfadados,
E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
Não he quem nos dá morrer,
Nem quem o viço dos annos
Faz seccar e emmurchecer;
He antes aquelle pranto
Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
Olhos longos polo mar,
Lá onde enxergão Lisboa
Com fogueiras de espantar;
Fogo accendido na terra
Sóbe em centelhas ao ar!

D'aquelles fogos accesos
Em roda os velhos estão,
E as donzellas feiticeiras
Com sorriso folgozão,
Cantando coytas de amores,
Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
Do Bautista milagroso,
Té dos mouros da Mourama
Havido por glorioso :
Folgão nobres e senhores,
Folga o villão descuidoso.

Horas de noite folgada
Não tardão, não têm vagar :
A noite assi do Bautista
Vai serena a escorregar,
Como areia da ampulheta,
Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
Respirado d'uma frol,
Que não vemos, mas sentimos;
Que sentimos no arrebol
Da manhã, que pola terra
Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
De serena madrugada,
Borejado gota a gota
De branca nuvem prenhada
Sobre o calice musgoso
De huma flôr avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
Em quem de amores não cura,
Doce peçonha de amores :
Donzella de vida pura,
Quando ha temores de havel-o,
He qu'elle já não tem cura.

Do Alcácer as lindas filhas,
Já era nascida a aurora,
Pera ver uma corrida
Sahirão portas a fóra,
E mais pera colher flôres,
Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
Forão, qual sohem de ser
Mansas agoas d'hum regato
Em chão sem leito a correr,
Cada qual por seo caminho,
Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando
Vão nas matas de alecrim,
Colhem a rosa corada
E a branca flôr do jasmim;
Brincão brinquedos contentes,
Folgão folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
Que arruido vai no prado!
Que bem cantado rimance,
Que soláo tão bem cantado!
Não têm as aves atito,
Nem gorgeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
Que accentos encantadores
N'aquelle prazer d'uma hora!
As moças vão colher flôres,
E os moços que vão com ellas
Vão lá por colher amores.

Eis nisto... estranho arruido!
Rouca trompa abala o ar;
Logo assomão cavalleiros
Com figuras de espantar:
Allah nos valha, mofinas!
Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os mouros,
Vendo o pendão portuguez;
E do alfange recurvado
Levão mão sem pavidez!
Feios golpes se preparão,
Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
Talhão-se cotas e arnezes;
O fino alfange mourisco
Abre o elmo aos portuguezes;
E a espada que bem degola,
Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
Lá vem mouros descançados
Em descançados ginetes:
Cavalleiros esforçados,
Que por Christo Deos pelejão,
Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
Avante! brada, e não al:
Brilha o valente nas lides,
Que ally não acha rival,
Aquelle cabo entre todos
Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
O seo pesado montante,
Que Alcides com sua clava,
E nem o Titan gigante,
Serra a serra sobrepondo,
Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
Abre entre elles larga estrada;
Quem fica em prisão de guerra,
Quem lá foge em debandada!
Ficão moiras prisioneiras,
Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Herminguez em tanto
Vio que longe lhe fugia
Linda moira desmaiada,
Que hum moço mouro cingia,
Dando d'esporas ao bruto,
Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
Comquanto de arremeção
Matal-o tambem pudera;
Certo o fizera, senão
Temesse que a moira bella
Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
D'hum golpe que despedio,
Cerce o cortou pelo meio:
Golpe assi nunca se vio!
E a moira tomando em braços,
Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
Por meio da gente fera;
Quem n'o vira tam sanhudo,
Leão raivoso dissera,
Passando a travez dos homens
Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
Nova peleja maior!
Muitos homens contra hum homem,
Contra hum forte lutador;
Mas hum só que a todos vence
Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
Vibrar a sangrenta espada,
Co'o pejo d'aquella moira
Disputada e desmaiada,
Cujo corpo em dois pendia,
Como huma frecha quebrada.

Mas inda assi despedia
Hum golpe e outro cruel:
E de encontro a este, áquelle
Mandava o seo bom corsel,
Que a turba multa alastrava
Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
Acerta em aventurar
Quem a empreza disputada
Tem desejos de acabar:
Só elle demóra em terra,
Que os seos já são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
Larga carreira arrepia,
Larga estrada co'o montante
Por entre os mouros se abria,
Despedia muitos golpes,
Muitos estragos fazia.

Chega á praia, os seos avista;
Mas os mouros perto vêm!
Como isto vio, torce o rosto,
Medonho como ninguem;
Temem-se mouros de o verem;
Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
Traz d'hum urso mal sangrado,
Que de repente a carreira
Revira, e vólta agastado;
Parão monteiros ao vel-o
Raivoso e mal assombrado;

E a fera, d'aquelle pasmo
Sabendo, em seo bem, valer-se,
Vai a passos descançados
Em densa mata esconder-se,
Sem temor da monteria,
Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
Salta dentro do baixel;
Na praia ficão pasmados
Mouros, do feito novel,
Tamanho, que nem sonhado
Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
Desfraldão velas e panos,
Deixando as praias tingidas
Em sangue por muitos annos;
Quantos bastem, porque chorem
Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
Disse o guerreiro feliz:
« Das prezas, que nós fizemos,
Quero tam só a que eu fiz,
A moira que por seo nome
Fatima em Turco se diz! »

Então aquelle seo canto
Principiou a compor:
Cant'eu, por vergonha minha,
Em bem que o saiba de cór;
Digo que sal lhe não acho,
Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
Aos tempos accommodado,
Que de outro cantar não acho
Que fosse mais decantado,
Nem Figueiral Figueredo,
Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautizada
Pertenceo ao lidador,
Duas vezes conquistada
Polo donzel, seo senhor,
Primeiro á força de espada,
Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
Coiza sabida e seguida,
Remanso depois da gloria,
Descanço depois da lida,
E a fé que espera e milita
Nos actos todos da vida !

Vêde vós quamanho he o lucro,
Que lucra a moira pagã,
Desposando o cavalleiro,
Tornada e feita christã ;
He vida e sangue de hum homem,
Não de infieis barregã!

He como trophéo ganhado
Em guerras de religião
Por algum peito devoto,
Que por sua devação
Prometteo dependural-o
Dentro de templo christão.

O canto aqui finalizo !
Não devo d'hir por diante,
Narrando casos da vida
Per natureza inconstante,
Trabalhos que sempre durão,
Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
A moça moira acabar
E sobre hum covão aberto
Hum homem posto a chorar,
Hum homem de dó coberto,
A carpir-se, a prantear !

NOTAS

ÁS SEXTILHAS DE FREI ANTÃO

Estes cantos forão extrahidos de alguns dos Historiadores portuguezes. O da Princeza Sancta — da Historia de S. Domingos por Fr. Luiz de Sousa; o de D. João — dos Elogios latinos do Padre Antonio de Vasconcellos; o de Gonçalo Herminguez — da Chronica de Cister; o de Gulnare e Mustaphá é todo phantasiado, ainda que tenha por base um facto historico; — os escravos mouros trazidos d'Africa por Affonso V de mimo á Princeza D. Joanna, que mandou passar carta de alforria a quantos se quizerão baptizar.

Quanto aos vocabulos que emprégo, achão-se todos no Diccionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. É assim que uso de « porém, porende » em vez de « por isso; » de « perol » em vez de « porêm; » de « ora, embora » em vez de « agora, em boa hora, » etc.

LÔA DA PRINCEZA SANCTA.

E ante os leões de Castella
Dobrada a Luza cerviz!

(Pag. 244.)

Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade

do seculo XVII; por isso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portugal.

Escusado é dizer que deveria ter sido Frei Antão dos mais teimosos macrobios que nunca existirão, para ser ainda em vida por aquelle tempo. Não se sabe de quando foi da sua morte; mas delle diz Frei Luiz de Sousa, que em 1490 já era muito velho, e tinha administrado grandes cargos na ordem de S. Domingos, a que pertenceo.

GULNARE E MUSTAPHÁ.

Diz a Princeza D. Joanna:

> Qu'eu tenha escravos e mouros,
> Rainha de Portugal.
>
> (Pag. 269.)

A Chronica de Cister tambem diz, fallando da Princeza D. Thereza, filha de Sancho I:

« Vivendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome. »

« Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys. » — H. de S. D. — L. I. c. II.

SOLÁO DE GONÇALO HERMIGUEZ.

> Então aquelle seo canto
> Principiou a compôr.
>
> (Pag. 321.)

É este o soláo de Gonçalo Hermiguez, julguem os entendedores da critica de Fr. Antão.

NOVOS CANTOS

O HOMEM FORTE

Impavidum ferient...
HORAT.

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas licções dos sabios
E nos caminhos da justiça eterna
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Póde a calumnia denegrir seos feitos,
Negar-lhe a inveja o merito subido;
Póde em seo damno conspirar-se o mundo
E renegal-o a patria!

Tão modesto no paços de Lucullo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da consciencia o grito,
Não nega os seos principios.

Antes, seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbavel.

Soffre martyr e expira ! A patria emtorno
Do seo sepulchro o chora, onde a virtude,
Affeita ao luto e á dòr, de novo carpe
Do justo a flebil morte !

DIES IRÆ

Jaz o mundo corrupto ! — a terra ingrata
Fructos de maldicção produz sómente ;
E emquanto os homens ao mercado affluem,
Vazio o templo do Senhor se enluta,
Empoeira-se o altar, e pelas naves,
Gretadas, rotas pela mão do tempo,
De canticos e preces deslembradas,
A voz de Deos já não rebôa immensa !

Tudo porêm conserva o mesmo aspecto :
O sol gyrando, e na apparencia o mesmo,
Do anno as quadras compassado alterna ;
E os astros, seos irmãos, gravitão sempre
D'abobada celeste. A terra é a mesma ;
As aguas pelos valles se deslisão,
Ou d'alpestres montanhas se despenhão
Co'os mesmos sons, co'a mesma queda ; as brisas
Inda conversão nos soturnos bosques,
A mulher, a mais bella creatura,
Nas suas proprias perfeições compraz-se,
Como quando, no Eden, as pulchras fòrmas
Pasmou de ver representadas n'agua,

E de as ver se ufanou. Inda conserva
O mesmo orgulho e intelligencia o homem,
O rei da creação, o deos creado,
De quando vinhão, por pedir-lhe os nomes,
Cetaceos, aves e os reptis e aquellas
Creaturas-montanhas, que passárão
Entre Adão e Noé á flor de terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
Esse mundo interior, esse outro templo,
Onde gravára o proprio Deos seo nome,
Como os templos de pedra, jaz sem lume,
Jaz como o predio a desfazer-se em ruinas,
Onde um guarda solicito não móra,
E entregue ás aves más, que em chilros prégão,
Que alli na ausencia do senhor imperão.

Da divina bondade cheio o vaso
Já transborda de cholera e justiça
E o largo rio do perdão saudavel,
Que mais não corra, empece: Sanctas aguas
Por cuja causa os seculos já virão,
Sem justa punição, offensas graves;
Que o Senhor consentisse persistirem
Os máos no mal, á espera d'emmendal-os:
Que triumphasse a malvadeza; e o crime,
Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deos, que fôra outrora pae clemente,
Dando começo ao reino da justiça,
Em austero juiz se ha convertido.
Como um carro, que vae d'encontro ao abysmo,
Perfaz o sol precipite o seo gyro,
Indo a tocar a temerosa méta
Prevista dos prophetas. Um archanjo
Com mão robusta inda retem os élos

Da cadeia do tempo, emquanto a outra
Da vida o livro volumoso sélla
Com sete bronzeos sellos. Deos offeso
Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem pudera pintar as discordancias
Em que labora a natureza! Crescem
Da terra igneos vapores, suffocando
O que respira, o que tem vida; os montes
Em crateras se rásgão, que vomitão
Fumo e lava incessante; o mar s'empola
E em furia ardendo, arroja aos altos cimos
Cruzados vagalhões, qual se tentára
Sôvertel-os; os ventos so contrastão!
Novos prodigios, novos monstros surgem!
O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
O Universo em mansão d'afflictas dôres;
O homem soffre, blasphema e desespera,
E vendo os mundos desabar precípites,
Um grito sólta d'horroroso transe,
Como de náo, que em alto mar s'afunda
E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfez-se o Senhor. Que resta? — O cháos,
O horror, a confusão, o vulto enorme
Do tempo, que escurece o fundo abysmo,
Onde por todo o sempre jaz captivo;
E da morte o cadaver gigantesco
Quasi occupando a superficie inteira
D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.
Da gloria do Senhor um raio apenas,
Lá dos confins do espaço despedido,
Fere da morte o rosto macilento,
De tudo quanto foi, e quanto existe!

ESPERA!

Quem ha no mundo que afflicções não passe,
Que dôres não supporte?
Mais ou menos d'angustias cabe a todos,
A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
E de longo soffrer:
Semelha a noite; mas fagueiros sonhos
Póde de noite haver.

Porque então maldiremos este mundo
E a vida que vivemos,
Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
Quanto mais dôr soffremos?

Quantos cabellos temos, elle o sabe;
Elle póde contar
As folhas que ha no bosque, os grãos d'areia
Que sustentão o mar.

Como pois não será elle comnosco
No dia da afflicção?
Como não ha de computar as dôres
Do nosso coração?

Como ha de ver-nos, sem piedade, o rosto
Coberto d'amargura;
Elle, senhor e pae, conforto e guia
Da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,
Se iroso o mar fluctúa;
Se o sol rutila, se as estrellas brilhão,
Se gyra a branca lúa;

Deos o quiz, Deos que mede a intensidade
Da dôr e da alegria,
Que cada ser comporta — n'um momento
D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra
Alheia da ventura!
Alèm da terra ha céos, e Deos protege
A toda creatura!

Viajor perdido na floresta á noite,
Assim vago na vida;
Mas sinto a voz que me dirige os passos
E a luz que me convida.

A SAUDADE

Saudade, ó bella flôr, quando te falte
Coração ou jardim, onde tu cresças;
Ah! vem, vem ter commigo;
Deixa os que te não seguem;
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças.

Das pegadas da ausencia tu despontas,
Entre as memorias cresces do passado,
Quando um objecto amado,
Quando um logar distante, noite e dia,
Nos enluta e apouquenta a fantasia.
Vem, ó Saudade, vem
A mim tambem.

Consolar de gemidos suspirosos
E de partidos ais!
Oh! seja a punição dos insensiveis
Não te sentir jamais!

Própicia Deosa, e se não fosse a esp'rança,
Deosa melhor da vida; qu'insensato,
A quem mitigas turbidos pezares,
Haverá tão ingrato
Que te não queime incenso em teos altares?
O *presente* o que é? — Breve momento
D'incommodo ou desgraça
Ou de prazer, que passa
Mais veloz que o ligeiro pensamento.
Véo escuro,
Que nem sempre a illusão nos adelgaça,
Nos encobre os caminhos do futuro.
O que nos resta pois? — Resta a saudade,
Que dos passados dias
De mágoas e alegrias
Balsamo sancto extrahe consolador!
Resta a saudade, que alimenta a vida
Á luz do facho que adormenta a dòr!

Hera do coração, memoria delle,
Ó Saudade, ó rainha do passado,
Semelhas a romantica donzella
De roupas alvejantes
Nas ruinas de castello levantado;
Grinàldas fluctuantes,
Que das fendas brotárão,
Movem-se do nordeste
Ao sopro agudo e frio,
Emquanto vendo-o ao longe o senhorio,

De posses decahido,
D'invernos alquebrado,
Recorda triste os annos que passárão!
Em que plagas inhospitas e duras
Não me tens sido companheira e amiga?
Em que hora, em que instante
De fólga ou de fadiga
Já deixei de sentir o penetrante
Espinho teo, a repassar-me todo
D'um prazer melancholico e suave?

Pois nasces nos desertos da tristeza,
Ó Saudade, ó rainha do passado!
Quando te falte gleba, onde tu cresças,
Vem, sim, vem ter commigo;
Deixa os que te não seguem,
Terás em peito amigo
Lagrimas, que te reguem,
Espaço, em que floresças!

Entra em meo coração, occupa-o todo,
Fibra por fibra enlaça-te com elle,
Desce com elle á sepultura; e quando
Jazer eu na eternidade,
Minha flôr, minha saudade,
Tu procura a aura celeste,
Rompe a terra, transforma-te em cypreste,
Qu'enlute o meo jazigo;
E ao meneio das ramas funerarias,
Meo derradeiro amigo,
Descance morto quem viveo comtigo.

NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas aguas d'um regato
        A flôr dizia em vão
Á corrente, onde bella se mirava...
        « Ai, não me deixes, não!

« Commigo fica ou leva-me comtigo
        « Dos mares á amplidão:
« Limpido ou turvo, te amarei constante;
        « Mas não me deixes, não! »

E a corrente passava; novas aguas
        Após as outras vão;
E a flôr sempre a dizer curva na fonte:
        « Ai, não me deixes, não! »

E das aguas que fogem incessantes
        Á eterna succéssão
Dizia sempre a flôr, e sempre embalde:
        « Ai, não me deixes, não! »

Por fim desfallecida e a côr murchada,
        Quasi a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
        Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flôr enleia,
        Leva-a do seo torrão;
A afundar-se dizia a probrezinha:
        « Não me deixaste, não! »

ZULMIRA

Sonhara-te eu na veiga de Granada,
Tapetada de flôres e verdura,
Onde o Darro e Xenil no lento gyro
Volvem a lympha pura.

Alli te vejo em leda comitiva
Dos gentis cavalleiros do oriente,
Quando, deposta a malha do combate,
Vestem da paz a seda reluzente.

Alli te vejo n'um balcão sentada,
Grande preço da maura architectura,
Pejando as azas das nocturnas brisas
D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim ; mas mais me agrada
O que se m'afigura n'outro instante,
Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,
Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sequito pomposo
D'eunuchos a teo gesto vacillantes
Em cujas frontes negras se destacão
Alvissimos turbantes.

E pergunto quem es ? — Então me dizem
Ciosos de guardar o seo thesouro,
Nome tão doce aos labios, que parece
Escrever-se em setim com letras d'ouro.

A UMA POETIZA

— Donde vens, viajor? —
— De longe venho.
— Que viste?
— Muitas terras.
— E qual dellas
Mais te soube agradar?
— São todas bellas;
Fundas recordações de todas tenho.

— E admiraste o que?
— Ah! onde as flôres
Cada vez a manhã tornão mais linda,
Onde gemeo Paraguassú de amores
E os echos fallão de Moema ainda;

Alli, Sapho christã, virgem formosa,
A vida aos sons da lyra dulcifica:
D'escutar a sereia harmoniosa
Ou de vel-a, a vontade presa fica!

Bahia, 1852.

ANGELINA

É gentil e linda e bella,
E eu sei que m'arrouba o vel-a
Tão divina:
A lyra seos cantos cesse;
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina!

Outro louve os seos cabellos,
Cante a luz dos olhos bellos
Que fascina ;
E o leve sorrir donoso
Que irradia o rosto airoso
D'Angelina !

Os dotes diga que apura,
Quando em languida postura
Se reclina ;
Que s'ergue, se acaso passa,
Susurro que applaude a graça
D'Angelina !

Que de amor quando suspira
O bardo quebrára a lyra,
De mofina ;
Que jamais poderão cantos
Pintar ao vivo os encantos
D'Angelina.

Que da sua alma a pureza
Equipara-se á belleza
Peregrina ;
Que amor seo throno tem posto
N'alma, no talhe e no rosto
D'Angelina.

Eu que não sei descrevel-a,
Só sei que me arrouba o vel-a
Tão divina ;
A lyra seos cantos cesse,
Mas minha alma não s'esquece
D'Angelina !

RÔLA

Desque amor me deo que eu lèsse
Nos teos olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o esposo perdeo!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meo amante,
Tua sou e tu és meo!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meos desejos,
Vem fartar-me com teos beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anceio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teos braços,
Estreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meo!
Que, se amor me deo que eu lèsse
Nos teos olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rôla, que o esposo perdeo.

AINDA UMA VEZ. — ADEOS!

I

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teos pés, dizer-te
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teos olhos afastado,
Houverão-me acabrunhado
A não lembrar-me de ti!

II

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meos lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespa cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

III

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggravar minha ferida,
Tomou-me tedio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esp'rança,
Tu me vieste á lembrança:
Quiz viver mais e vivi!

IV

Vivi; pois Deos me guardava
Para este logar e hora!
Depois de tanto, senhora,
Ver-te e fallar-te outra vez;
Rever-me em teo rosto amigo,
Pensar em quanto hei perdido,
E este pranto dolorido
Deixar correr a teos pés.

V

Mas que tens? Não me conheces?
De mim afastas teo rosto?
Pois tanto pòde o desgosto
Transformar o rosto meo?
Sei a afflicção quanto póde,
Sei quanto ella desfigura,
E eu não vivi na ventura...
Olha-me bem, que sou eu!

VI

Nem uma voz me diriges!...
Julgas-te acaso offendida?
Déste-me amor, e a vida
Que m'a darias — bem sei;
Mas lembrem-te aquelles feros
Corações, que se metterão
Entre nós; e se vencerão,
Mal sabes quanto lutei!

VII

Oh! se lutei!... mas devêra
Expôr-te em publica praça,

Como um alvo á populaça,
Um alvo aos dicterios seos!
Devêra, podia acaso
Tal sacrificio acceitar-te
Para no cabo pagar-te,
Meos dias unindo aos teos?

VIII

Devêra, sim; mas pensava
Que de mim t'esquecerias,
Que, sem mim, alegres dias
T'esperavão; e em favor
De minhas preces, contava
Que o bom Deos me acceitaria
O meo quinhão de alegria
Pelo teo quinhão de dôr!

IX

Que me enganei, ora o vejo;
Nadão-te os olhos em pranto,
Arfa-te o peito, e no entanto
Nem me podes encarar;
Erro foi, mas não foi crime;
Não te esqueci, eu t'o juro:
Sacrifiquei meo futuro,
Vida e gloria por te amar!

X

Tudo, tudo; e na miseria
D'um martyrio prolongado,
Lento, cruel, disfarçado,
Que eu nem a ti confiei;
« Ella é felix (me dizia)
« Seo descanço é obra minha. »

Negou-m'o a sorte mesquinha...
Perdôa, que me enganei!

XI

Tantos encantos me tinhão,
Tanta illusão me afagava
De noite, quando acordava,
De dia em sonhos talvez!
Tudo isso agora onde pára?
Onde a illusão dos meos sonhos?
Tantos projectos risonhos,
Tudo esse engano desfez!

XII

Enganei-me!... — Horrendo cháos
Nessas palavras se encerra,
Quando do engano, quem erra,
Não póde voltar atraz!
Amarga irrisão! reflecte:
Quando eu gozar-te pudera,
Martyr quiz ser, cuidei qu'era...
E um louco fui, nada mais!

XIII

Louco, julguei adornar-me
Com palmas d'alta virtude!
Que tinha eu bronco e rude
Co'o que se chama ideal?
O meo eras tu, não outro;
'Stava em deixar minha vida
Correr por ti conduzida,
Pura, na ausencia do mal.

XIV

Pensar eu que o teo destino
Ligado ao meo, outro fôra;
Pensar que te vejo agora,
Por culpa minha, infeliz ;
Pensar que a tua ventura
Deos *ab eterno* a fizera,
No meo caminho a puzera. .
E eu ! eu fui que a não quiz !

XV

Es d'outro agora, e p'ra sempre !
Eu a misero desterro
Vólto, chorando o meo erro,
Quasi descrendo dos céos !
Dóe-te de mim, pois me encontras
Em tanta miseria posto,
Que a expressão deste desgosto
Será um crime ante Deos !

XVI

Dóe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teos pés curvado ;
Perdão !... de não ter ousado
Viver contente e feliz !
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz !

XVII

Adeos qu'eu parto, senhora ;
Negou-me o fado inimigo

Passar a vida comtigo,
Ter sepultura entre os meos;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve Adeos!

XVIII

Lerás porêm algum dia
Meos versos, d'alma arracandos,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

O SOMNO

Nas horas da noite, se junto a meo leito
Houveres acaso, meo bem, de chegar,
Verás de repente que aspecto risonho
    Que toma o meo sonho,
    Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,
Ao anjo da terra não ceda o logar;
Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meo leito,
    Unir-me a seo peito,
    D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes,
Os gozos, que os anjos só podem gozar,
Talvez tambem frúa, se ao meo peito unida
T'encontro, ó querida,
No meo ac rdar !

SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,
Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
E uns labios macios, que expirão amores
E abrandão as dôres — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar:
Constante a seo lado, seos sonhos divinos
Aos sons dos meos hymnos — quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
Da amante extremosa — meos dias privar,
De funda saudade minha alma rendida
Votára-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

A FLÔR DO AMOR

Já lento o passo, no cahir da tarde,
Lá nos desertos d'abrasada areia,
Que o vento agita, porêm não recreia,
Da caravana o conductor parou.

Armão-se á pressa tendas alvejantes,
Rumina placido o frugal camêlo;
Porêm a nuvem d'arabes errantes
Se achega á presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição nocturna,
Junto a fogueira, que derrama vida,
Descanção todos da penosa lida
Á voz canora, que o cantor alçou!
Confuso o ouvido um borborinho alcança,
As armas toma o arabe prudente;
Mas logo pensa, regeitando a lança:
« Foi o grunhido que o chacal soltou. »

Ouvidos todo e curioso enlevo,
Torna de novo a retomar seo posto;
Pela fogueira alumiado o rosto,
Bebendo as vozes que o cantor soltou;
Semelha a terra, quando aberta em fendas
Da noite o orvalho sequiosa espera;
E o corsel arabe encostado ás tendas
Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

« Algures cresce (o trovador cantava)
Sempre fresca e virente e sempre bella,
Por influxo e poder de maga estrella,
Mimosa, pura e delicada flôr!
Jazendo em sitio escuso e solitario,
Esforços é mister p'ra conhecel-a,
Que diz a forte lei do seo fadario
Que a não descubra acaso o viajor.

« Alva do albor dos lirios odorosos,
Tem a modestia da violeta esquiva,

E o prompto retrahir da sensitiva,
Que parece vestir-se de pudor!
Assim, á luz da cambiante aurora,
Mudando um pouco a resplendente alvura,
De uns toques de carmim s'esmalta e córa
A graciosa e pudibunda flôr.

« Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,
Onde cresce; amenizão-se os logares,
Tornão-se menos agros os pezares
E menos viva, e quasi nulla a dôr;
Fresca e branda alcatifa o chão matiza,
Com doce murmurio as aguas correm,
E o leve sopro do correr da brisa
Volupia embebe em magico frescor!

« Feliz aquelle que a encontrou na vida,
Que onde ella nasce timida e fagueira
Não s'ennovela a mó d'atra poeira,
Tangida pelo súmiu' abrasador!
Alli sorri-se oásis venturoso,
Qu'entre deleites o viver matiza,
E ao que vai triste, afflicto e sem repouso
Chama a descanço do comprido error!

« Feliz e mais que se, perdido, achára
Confôrto e auxilio no kathá, seo guia,
Que o leva a fonte perennal e fria
Onde se apaga o sitibundo ardor.
Tão feliz, qual talvez se o precedesse
Nos desertos a benção do propheta,
Que por fanal nocturno lhe accendesse
Maga estrella de limpido fulgor.

« Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
Do que a suspira em vão, e a em vão procura,
Ou que achando-a, desiste da ventura
Por não entrar no oásis seductor.
Essa flôr descoberta por acerto
Nunca mais a verás! colhe, insensato,
Colhe abrolhos da vida no deserto;
Pois desprezaste a que produz o amor! »

Assim cantava o trovador; e todos
Ouvem-no com prazer de dôr travado,
Que mais do que um talvez terá deixado
Atraz de si a pudibunda flôr!
No emtanto a nuvem d'arabes errantes
Chega-se á presa, que avistou de longe;
E dos corseis, que alentão offegantes,
Precede a marcha turbido pavor!

E, nado o sol, aquelle que passava
Pelos desertos d'abrasada areia,
Que o rubro sangue de cruor roxeia,
A um lado o rosto, pallido, voltou!
Ninguem as mortes lastimaveis chora,
Ninguem recolhe os restos insepultos,
E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
Sem borrifal-os, no areial ficou!

Quem saberá do seo destino agora?
Ninguem! Sómente em climas apartados
Miseranda mulher lastima os fados
De filho ou esposo, que jamais tornou!
Talvez porém, traz de montões d'areia,
Nobre corsel sem cavalleiro assoma,
E alonga a vista, de pezares cheia,
Té onde a vida seo senhor deixou!

A SUA VOZ

Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
CAMÕES. — Canç. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava
Tudo quanto de bom conservo n'alma.
Retratado o pudor tinha no rosto,
E um suave dizer, um timbre doce
De voz, uma piedade extreme e sancta,
Que as mais profundas chagas animava,
D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
Mais impressiva que o cantar das aves!
A aragem qu'entre flôres se deslisa
E mal remeche a timida folhagem,
A veia de chrystal que triste sôa,
O saudoso arrulhar de mansas pombas,
As proprias notas d'um cantar longinquo
Ou de instrumento a conversar co'a noite,
Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
Os dois mais puros sentimentos nossos
— A saudade e o amor, — as mais profundas
Das merencorias solidões de terra
— As florestas e o mar, — um scismar vago,
Um devaneio, uns extasis sem termo
D'alma perdida por um céo de amores,
Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — sómente o forão
Dulias notas de mysticos salterios
Té nós de um astro em outro repetidas.
Foi isto o que senti, quando a escutava,
Fluente, harmoniosa, discorrendo,
Em pratica singela, sobre assumptos
Diversos, sobre flôres, menos bellas
Do que o seo rosto, e céos, como ella, puros.
Mas quem n'a ouvira conversar de amores,
Trouxera n'alma como uma harpa eolia,
Dia e noite vibrando,
Como um cantar dos anjos
Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR!

> Meere und Berge und Horizonte zwischen den Liebenden — aber die Seelen versetzen sich aus dem staubigen Kerker und treffen sich im Paradiese der Liebe.
>
> SCHILLER. — *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surprende
De ruidoso saráu entre os festejos;
Quando luzes, calor, orchestra e flôres
Assomos de prazer nos raião n'alma,
Que embellezada e solta em tal ambiente
No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,

Uma fita, uma flôr entre os cabellos,
Um quê mal definido, acaso podem
N'um engano d'amor arrebatar-nos.
Mas isso amor não é ; isso é delirio,
Devaneio, illusão, que se esvaece
Ao som final da orchestra, ao derradeiro
Clarão que as luzes no morrer despedem ;
Se outro nome lhe dão, se amor o chamão.
D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida ; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração — abertos
Ao grande, ao bello ; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes !
Compr'hender o infinito, a immensidade,
E a natureza e Deos ; gostar dos campos;
D'aves, flôres, murmurios solitarios ;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa ;
E á branda festa, ao riso da nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo ;
Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes :
Isso é amor, e desse amor se morre !

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos ;
Temer qu'olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra ; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses thesouros
Inexgotaveis, d'illusões floridas ;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,

Compr'hender, sem lhe ouvir, seos pensamentos,
Seguil-a, sem poder fitar seos olhos,
Amal-a, sem ousar dizer que amamos,
E, temendo roçar os seos vestidos,
Arder por afogal-a em mil abraços :
Isso é amor, e desse amor se morre !

Se tal paixão porêm emfim transborda,
Se tem na terra o galardão devido
Em reciproco affecto ; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procurão,
Entendem-se, confundem-se e penetrão
Juntas — em puro céo d'extasis puros :
Se logo a mão do fado as torna extranhas,
Se os duplíca e separa, quando unidos
A mesma vida circulava em ambos ;
Que será do que fica, e do que longe
Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo ?
Póde o raio n'um pincaro cahindo,
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos ;
Póde rachar o tronco levantado
E dois cimos depois verem-se erguidos,
Signaes mostrando da alliança antiga ;
Dois corações porêm, que juntos batem,
Que juntos vivem, — se os separão, morrem ;
Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,
Se apparencia de vida, em mal, conservão,
Ancias crúas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a sepultura !

Esse, que sobrevive á propria ruina,
Ao seo viver do coração, — ás gratas
Illusões, quando em leito solitario,

Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
Devaneiando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a appetecida imagem ;
Esse, que á dôr tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura encontra
Dos males seos o desejado termo !

A MORTE É VÁRIA

(TRADUCÇÃO.)

A morte é vária e multiforme, e múda
De trajes e de mascaras mais vezes
Qu'uma cançada actriz :
Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
D'ironico sorriso e brancos dentes,
E d'horrido cariz.

Nem todos seos vassallos são poeira
No resalto de pedra adormecidos
Por sob as arcarias ;
A pallida libré nem todos vestem,
Nem sobre todos jaz murada a porta
Nas cryptas sombrias !

Diversa a natureza é d'outros mortos :
Nestes que a sanie e podridão consomem,
Vê-se o nada palpavel ;
Vê-se o enojo, o horror, a sombra espessa
E o esfaimado esquife, abrindo as fauces,
Qual monstro insaciavel !

Cabe a outros porêm que sem dôr vemos
Passar, gyrar no turbilhão dos vivos,
De carne inda vestidos,
O nada inda encuberto ; cabe a interna
Morte, que ninguem sabe, ninguem chóra,
Nem mesmo os mais queridos !

Pois, se vamos a ver nos cemiterios
As campas, ou illustres ou sem nome,
De marmore ou torrão ;
Ou tenhamos alli amiga palpebra,
Ou não, — do teixo á sombra descançada,
Quer choremos, quer não :

« Jazem » dizemos. — Nomes desparecem
Sob a relva ; o verme nesses olhos
Enréda a teia crúa !
Por entre as pranchas do caixão desponta
Hirto cabello, e em pó funereo envolta
Branqueja a ossada núa.

Os herdeiros não temem que mais vólte ;
Esquecerão-n'o já : seos cães se lembrão,
Soltando uivos de dòr !
Acama-se a poeira em seos retratos :
Já não tem mais rivaes, não tem amigos,
Nem odios, nem amor !

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra
Vemos sósinho e mudo a pranteal-o,
Estatua da afflicção :
A cova toma o corpo, o olvido o nome,
Tem por lençóes seis pés d'humida terra...
Mortos, bem mortos são !

E dos olhos talvez se vos deslise
O pranto sobre a relva, pelo orvalho
E chuva humedecida ;
Que na triste mansão os regozije,
E por essa oblação enternecidos
Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguem os chóra,
Ninguem, se a um destes vê, lhe diz piedoso :
« Seja o Senhor comtigo. »
Curão do morto, lavão-lhe as feridas ;
Mas a alma estala sem que alguem se dôa,
Nem mesmo o mais amigo !

Ha comtudo pungentes agonias
Nunca sabidas, dôres horrorosas
Mais do que se não crê ;
Almas ha que tem cruz e passamento,
Sem aureola d'oiro e a mulher pallida
E desgrenhada — ao pé.

INDICE

VISÕES.

HYMNOS.

ADEOS.

SEGUNDOS CANTOS.

NOVOS CANTOS.

PARIS. — IMP. DE SIMÃO RAÇON, RUA D'ERFURTH, 1.